

ERRATA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

"CAMINHOS DO DESEJO: UMA ABORDAGEM ANTROPOLÓGICA DAS RELAÇÕES HOMOERÓTICAS FEMININAS EM BELO HORIZONTE"

Alunas: Tamara Peixeira de Carvalho

Orientadora: Profa. Dra. Maria Suely Kofes

ACRESCENTAR

Pág. 13: Nota: Transa - Segundo o dicionário (Buarque de Holanda, 1975, pág. 1396) esta palavra é tida como - "palavra ônibus" que traduz inúmeras idéias como: entendimento, combinação, acordo, ligação, etc. Aqui, "transa" toma o significado de uma relação sexual passageira - que inclui, ou não, o afeto -, porém pode virar um caso - que é uma relação mais séria e duradoura. É usada tanto como substantivo: "tenho uma transa com fulano"; como, se usada como verbo, indicar quem é gay: "fulano transa".

Pág. 18: Nota: "Se o sexo de um corpo de uma pessoa ou de sua mente é dado como inato, a colocação da diferença entre os sexos invariavelmente toma uma forma categórica, e é a isto que o gênero se refere. As formas macho e fêmea indicam que o gênero é construído nesse sentido".

Pág. 173: Ao último parágrafo, na oitava linha, *Psiquiátrica*, depois de Associação.

ALTERAR

Pág. 118: Na primeira linha, homoeróticos para *heterossexuais*.

Pág. 138: Na segunda linha, do último parágrafo, a palavra afetividade para *sexualidade*.

Pág. 172: Na primeira linha, do quarto parágrafo: *realizado*.

Pág. 179: Na penúltima linha, do terceiro parágrafo: *recompondo-as, particularmente do ponto de vista do gênero*.

Pág. 181: Na última linha, do primeiro parágrafo: *os elementos no campo do feminino*.

QUADROS:

ALTERAR

Pág. 183: Quadro 1: Bernadete, entrevistada em 1991 (válido para os Quadros 3 e 4).

Pág. 184: Quadro 2: Helena e Júnea são fontes intermediárias.

Pág. 187: Quadro 4: Carmem e Laura - mesma casa: meses.

Pág. 188: Gal, 5 meses. - Marlene, 3 meses.

ELIMINAR

Pág. 186: Moram sozinhas: Miriam.

TAMARA TEIXEIRA DE CARVALHO

CAMINHOS DO DESEJO

UMA ABORDAGEM ANTROPOLÓGICA DAS RELAÇÕES
HOMOERÓTICAS FEMININAS EM BELO HORIZONTE

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Departamento
de Antropologia do
Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas da
Universidade Estadual de
Campinas, sob a orientação
da Profa. Dra. Maria Suely
Kofes

Este exemplar corresponde à
redação final da dissertação
defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em

22,09,95

Banca:

Profa. Dra. Maria Suely Kofes
Profa. Dra. Mariza Corrêa
Prof. Dr. Edward MacRae

Maria Suely Kofes
Mariza Corrêa
Edward MacRae

Setembro/1995
~~Agosto/1995~~

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

000793947

UNIDADE	SC
N.º CHAMADA:	
	TUNICAMP
	Caixa
V.	
(CDD)	935/15
PRO:	935/15
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	01/11/95
N.º CPD	

Carvalho, Tamara Teixeira de

C253c

Caminhos do desejo: uma abordagem antropológica das relações homoeróticas femininas em Belo Horizonte / Tamara Teixeira de Carvalho - Campinas, SP [s.n.], 1995.

Orientador: Maria Suely Kofes.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Mulheres - Comportamento sexual. 2. Lesbismo, 3. Homossexualismo. I. Kofes, Maria Suely. II. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título

À Néstor Perlongher,
que me abriu as trilhas
das derivas do "desejo".
In Memoriam.

Às entrevistadas
pelas preciosas
"histórias de vida".

AGRADECIMENTOS

- Aos professores, funcionários, colegas e amigos da UNICAMP, em particular do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

- Ao CNPq, CAPES E FAPESP.

- Aos amigos e conhecidos que me introduziram na rede das entrevistadas.

- Aos amigos de Campinas e de Belo Horizonte, constantes incentivadores deste trabalho. Agradeço especialmente a Cássia e Eponina pelo estímulo e leitura de alguns capítulos da versão preliminar desta dissertação.

- A Luci Soalheiro e Mário Possas, pela leitura cuidadosa e observações quanto à redação e conteúdo feitas à versão preliminar desta dissertação.

- A D. Aparecida e Dr. Anibal e a Dayse Albuquerque e Fernando Nogueira, pelo interesse com o qual acompanharam a trajetória deste trabalho e carinho com que sempre me acolheram em Belo Horizonte e Campinas.

- A Mariza Corrêa e Maria Luiza Heilborn, pela participação na Banca do Exame de Qualificação e sugestões dadas à versão preliminar deste trabalho.

- A Maria Andrea Loyola, pela orientação inicial desta dissertação.

- A Maria Suely Kofes, todo meu reconhecimento pela dedicada orientação. Ao longo deste trabalho, sua amizade e ensinamentos foram constantes, criando um ambiente de liberdade.

- A meus irmãos Isabel e Leonardo, por terem sempre acreditado nesta reflexão e pela íntima fraternidade.

- A minha mãe, pelo apoio irrestrito durante toda a minha vida. Agradeço também a sutileza de nunca ter cobrado: "essa tese sai ou não sai?".

- A Carlos Aníbal, pelo afeto, companheirismo e apoio logístico. Agradeço igualmente, o entusiasmo constante com o qual ele acompanhou a produção deste trabalho, estímulo imprescindível para a realização do mesmo.

SUMÁRIO

Esta Dissertação de Mestrado tem como objetivo compreender uma face da sexualidade feminina: a trajetória afetivo-sexual de mulheres que privilegiaram, em um período significativo de suas vidas, os contatos masculinos, e hoje se encontram envolvidas em relacionamentos com outras mulheres. A partir de uma pesquisa de campo e do material teórico disponível, busca-se compreender essas relações e situá-las no contexto social dos anos 80 e início dos anos 90.

CONVENÇÕES

Utilizo o uso das aspas para demarcar as citações bibliográficas, para ressaltar ou relativizar determinados termos e para as gírias.

As falas das entrevistadas estão igualmente entre aspas, além de estarem em negrito. Essas falas encontram-se algumas vezes no interior dos textos, mas geralmente se destacam em parágrafos.

O uso do itálico distingue as palavras estrangeiras.

As notas vêm nos pés das páginas acompanhadas por um, dois ou três asteriscos, segundo suas colocações no texto.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
i. O Desejo	3
ii. "Homossexualismo" ou "Homoerotismo"	8
iii. Sexo, Gênero, Sexualidade	15
CAPÍTULO 1 - A PESQUISA	26
1.1 - O Trabalho de Campo	26
1.2 - Receptividade à Pesquisa - Formação da Rede ...	29
1.3 - Organização das Entrevistas	35
CAPÍTULO 2 - QUEM SÃO ESSAS MULHERES?	38
2.1 - Idades e Profissões	38
2.2 - Onde Moram / Referências Culturais	40
2.3 - Lazer	43
2.4 - Trajetórias Afetivo-Sexuais	44
2.5 - A Gramática Corporal	47
CAPÍTULO 3 - CENAS DE UM CASAMENTO	59
3.1 - Todo o dia ele faz tudo sempre igual	59
3.2 - A Política do Silêncio	63
3.3 - A Prática da Sexualidade	64
CAPÍTULO 4 - O PROCESSO DO DESEJO	72
4.1 - A Surpresa do Corpo Feminino	78

CAPÍTULO 5 - O PRESENTE CONDENA?	85
5.1 - As Relações de Vizinhaça	85
5.2 - As Relações Familiares	87
5.3 - As Relações Profissionais	94
5.4 - As Relações de Amizade	99
5.4.1 - O "Vila Sésamo"	102
5.5 - Caminhos e Descaminhos da Noite	108
5.5.1 - A Armadilha do Gueto	110
5.5.2 - O Gueto em Sua Positividade	115
5.5.3 - A "Lama"	118
CAPÍTULO 6 - AS RELAÇÕES HOMOERÓTICAS	129
6.1 - Esse Seu Olhar...	129
6.2 - O Amor Não Tem Sexo?	130
6.3 - As Práticas Corporais	139
6.4 - Fidelidade e ciúme	150
6.5 - Ser ou Estar, Eis a Questão	156
6.6 - Conflito e Álibi	160
CONCLUSÕES	166
i. O Caráter Identitário da "Homossexualidade".....	166
ii. A Noção de doença	171
iii. A Visibilidade	174
iv. Uma Nova Produção de Subjetividade? / Redefinindo Gênero no Homoerotismo	178
APÊNDICE	182
BIBLIOGRAFIA	190

INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado tem como objetivo compreender uma face da sexualidade feminina: a trajetória afetivo-sexual de mulheres que privilegiaram, em um período significativo de suas vidas, os contatos masculinos, e hoje se encontram envolvidas em relacionamentos com outras mulheres.

Pesquisas atuais na área da sexualidade indicam formas emergentes de relações, o deslocamento das concepções tradicionais de masculinidade e feminilidade, e o desvinculamento entre a vida sexual e a reprodução. Apontam ainda a busca de novas relações afetivas, de convivência e novas opções de viver a sexualidade (Loyola, 1991).

Meu interesse pelo tema originou-se de discussões em sala de aula, durante o curso de mestrado, particularmente por ter constatado, na época, o incipiente conhecimento da Antropologia sobre a questão. Somou-se a esse motivo a observação informal - após o término de uma pesquisa sobre o

homoerotismo masculino^(*) -, de formas emergentes de contatos entre mulheres, apontando a possibilidade do surgimento de uma produção de uma nova subjetividade da "homossexualidade" feminina, embora ainda envolta no silêncio social que caracteriza essa prática.

Esta dissertação espera contribuir para um maior conhecimento do homoerotismo feminino, dentro do recorte acima referido, sustentado por uma pesquisa de campo em Belo Horizonte, tentando entender e descrever a singularidade dessas relações emergentes. O recorte se dá no meio urbano e circunscreve-se como pesquisa exploratória, descritiva e qualitativa. No obscuro terreno do desejo, considero mais importante abrir possibilidades de reflexão do que buscar respostas acabadas. Portanto, ao invés de tentar generalizações, minha intenção é etnográfica: pretendo apontar traços e características comuns das representações do desejo, descrevendo um conjunto de mulheres que compartilha a experiência homoerótica, buscando também perceber as diferenças, na "diferença".

Ao iniciar este trabalho, enfrentei três questões conceituais: 1) qual seria o conceito mais apropriado de "desejo" para ser usado ao longo desta dissertação; 2) qual seria o termo mais adequado para descrever as relações entre

^(*) Pesquisa empírica realizada em uma sauna de prostituição masculina em Belo Horizonte, no ano de 1988. A pesquisa resultou no ensaio "Vapores do Desejo", apresentado ao concurso de Mestrado em Antropologia Social, do IFCH/UNICAMP, em dezembro de 1988.

pessoas do mesmo sexo: "homossexualismo" ou "homoerotismo";
3) quais seriam as perspectivas convenientes para trabalhar a relação entre "sexo, gênero e sexualidade".

i - O DESEJO

A começar de sua inclusão no título, o termo "desejo" percorre praticamente toda a discussão aqui proposta, inclusive nas falas de várias entrevistadas. Como mostra Chauí (1990), a busca de conceituar "desejo" criou tantos laços, percorreu tantos caminhos, que em um movimento semelhante a uma espiral ligou-se ao conceito de "homem", "natureza", "estar no mundo". Desde Aristóteles e Platão, da Renascença aos filósofos pré-modernos, da modernidade à pós-modernidade, o "desejo" movimentou discussões conceituais e sofreu tantas mutações que, incluído inicialmente entre os conceitos metafísicos, hoje figura entre os conceitos da psicologia, psicanálise e psiquiatria.

No dicionário (Buarque de Holanda, 1975) como na linguagem do "senso comum", os sentidos atribuídos ao desejo e ao desejar são múltiplos e ambíguos: querer, apetecer, ambicionar, cobiçar, aspirar, ansiar, ter atração sexual, vontade de possuir ou de gozar. Assim, frente à diversidade de enfoques e sentidos justifica-se a preocupação em como lidar com o termo.

Apesar de teoricamente divergentes, duas conceituações mobilizaram minha atenção, pois na realidade das entrevistas

em muitos momentos as mesmas encontram-se e completam-se. A primeira vem de Freud, que, na verdade, não definiu o termo de maneira uniforme. A "Interpretação dos Sonhos", obra na qual elabora este conceito, "(...) registra várias centenas de passagens em que é empregado o termo desejo" (Mezan, 1990). Além de Mezan, que em outro momento reconhece as várias dimensões freudianas do termo (Mezan, 1985), outros autores (Alonso, 1985, Chauí, 1990) que se debruçaram sobre o desejo Freudiano apontam a "falha", a "ausência", marcada de forma indelével na memória, como um dos elementos constitutivos do desejo^r(^o). Justamente essa relação entre desejo e memória faz com que Chauí (1990) relacione o desejo em Freud com o desejo em Espinosa. A busca incessante da percepção ligada a uma marca mnemônica da impressão primeira de satisfação seria o desejo, ou, nas palavras de Chauí, "(...) a ligação mnésica estabelecida com uma certa percepção faz com que procuremos restabelecer a situação primeira da satisfação 'e esse movimento chama-se desejo'" (Chauí, 1990, pág. 25).

O desejo seria então um movimento, ou "(...) o impulso psíquico que tende a reconstituir a situação da primeira satisfação" (Alonso, 1985, pág. 18). Eros, o desejo, vai emprestar seu nome às chamadas zonas erógenas. "A 'zona erógena' aparece então como um articulador importante, como

^o O desejo é diferente da necessidade e tem a fome como exemplo - objeto concreto que busca satisfação imediata (Alonso, 1985).

um lugar de encontro entre o somático (a necessidade) com o psíquico ('o desejo')." (Alonso, 1985, pág. 19).

A segunda conceituação importante vem de Deleuze e Guattari. Se, para os Freudianos o desejo é representação, e a inscrição é uma de suas partes constitutivas, para esses autores esta inscrição lhe é negada. Segundo Machado (1990), uma das críticas de Deleuze à psicanálise advém do fato de ela ter abolido e destruído o desejo "(...) ao ligá-lo intrinsecamente à representação, à lei, à falta, à privação. Para Deleuze, o desejo nem se liga à lei nem se define por uma falta essencial, isto é, em vez de representação, é máquina, processo de produção - processo de autoprodução do inconsciente - que não só não é interior a um sujeito, como também não tende para um objeto" (Machado, 1990, pág. 7).

Para esses autores, ao contrário do que é para Freud, o desejo é visto não como "carência", mas enquanto modo de produção e de construção de algo. Neste sentido, ele abarca "(...) todas as formas de vontade de viver, de vontade de criar, de vontade de amar (...)" (Guattari, 1986, pág. 215). Partindo da idéia de que a coletividade social, política e cultural são produtoras do desejo e de subjetividade, Deleuze e Guattari questionam a noção "clássica" de que a "falha" que move o indivíduo seja sinônimo de desejo. Ao subverter o lugar do desejo, Guattari desenfoca o *locus* individualizante que esta "energia" confere à coletividade, vista como o conjunto de fatos individuais. E rebate: "É a

produção de subjetividade capitalística que tende a individualizar o desejo" (Guattari, 1986, pág. 233). Há, então, uma re colocação do desejo a nível macro, porém não no sentido de tê-lo como conseqüência das produções coletivas e sim no de que as produções coletivas e o desejo são intercambiáveis e inseparáveis (Guattari, 1986).

Assim, há uma discussão sobre a própria noção de desejo, e estou certamente simplificando, que aponta nestas duas direções a que me referi: para os freudianos o desejo é intrínseco ao indivíduo, enquanto para Deleuze e Guattari está ligado às produções coletivas.

A decisão de apontar essas duas noções do conceito originou-se na análise das entrevistas quando o tema da sexualidade aparecia indissolúvelmente ligado à noção de desejo. Nestas entrevistas observei ainda que as mulheres, além de se referirem ao desejo como representação da energia sexual, do "tesão", ou do querer, expressavam também que o desejo estava imbricado com processos coletivos de subjetividade. O desejo, seja visto de forma positiva ou conflituosa, mostrou-se relacionado à energia sexual e à busca de sua satisfação. Independente de quem se deseja, como diz, aliás, Parker (1991), a sensação do desejo demandaria muitas vezes a satisfação, a obtenção do prazer e sua realização. Por outro lado, o desejo mostrava-se como produção, à medida em que alteraria seu objeto - homem ou mulher. Neste sentido, estaria inserido nas mudanças das

relações de gênero e, conseqüentemente, nas mutações da produção de subjetividade^(*).

Apesar destas duas noções perpassarem as entrevistas, elas não esgotam os vários sentidos do desejo nas falas das entrevistadas. Eu correria o risco de cair no mecanicismo se tentasse discriminar planos que atualizam diferentes acepções de desejo. Portanto, o que me pareceu importante rastrear nesta pesquisa antropológica foi compreender do ponto de vista das pessoas que entrevistei - (o êmico) - a atuação do desejo não como algo real, palpável, mas como "fantasma" presente nos signos que falam de gênero, sexualidade e subjetividade. Ou seja, como o desejo é concebido com o presente cultural de mulheres vivendo uma relação homoerótica. A minha escolha em tratar o tema desta forma está também marcada pela tentativa de não realizar mais um estudo sobre "identidades homossexuais".

^(*) Chauí considera: "O obscuro objeto do desejo não é, pois, algo real como um objeto natural, mas um sistema de signos que forma o fantasma. Nascido de uma perda irreparável do objeto proibido pela censura (ou pela Lei, instância simbólica), o desejo é a busca indefinidamente repetida dessa perda que não cessa de ser presentificada por outros objetos, sob aspetos aparentemente irreconhecíveis, procurando burlar a censura imposta ao desejante e ao desejado, poder de que dispõe graças à potência significativa do corpo" (Chauí, 1990, pág. 25). E completa: "(...) a interiorização do desejo, deixando de ser força cósmica, organizadora do mundo, para fazer-se consciência do apetite humano, expõe o surgimento daquilo que, mais tarde, viria a chamar-se subjetividade" (Chauí, 1990, pág. 64).

ii - HOMOSSEXUALISMO OU HOMOEROTISMO?

A segunda questão conceitual na qual me detive foi como denominar as relações entre mulheres. No debate atual sobre a "homossexualidade", alguns psicanalistas discutem qual é a terminologia correta a ser dada à prática sexual entre pessoas do mesmo sexo, "homoerotismo" ou "homossexualismo". Embora esta partícula semântica se restrinja à "homossexualidade" masculina, é importante registrar alguns aspectos dessa discussão.

O termo "homossexual" já percorre mais de dois séculos. Foi usado pela primeira vez em 1869, por Karoly Maria Benkert, médico húngaro, em um trabalho em defesa dos direitos homossexuais. A palavra homossexual tem, ainda hoje, o código de doença, herança do discurso médico do século XIX - que, como bem demonstrou Foucault (1985), contribuiu para construir o sujeito homossexual enquanto portador de uma sexualidade perversa.

Foi S. Ferenczy, médico húngaro e colaborador de Freud, que utilizou o termo "homoerótico" pela primeira vez em 1914, propondo ao colega a substituição da palavra homossexual (Freud, 1905). Acreditava que "homoerótico" correspondia melhor às práticas sexuais. Para Ferenczy, estas práticas poderiam ser objetivas ou subjetivas, abrangendo uma diversidade maior frente à imposta pela palavra "homossexual".

Nos dias atuais o debate continua, por exemplo, através do psicanalista Jurandir Freire Costa (1992), que questiona o emprego da palavra "homossexual" e propõe a sua mudança para homoerótico. O argumento de Costa, ao sugerir a mudança do nome, decorre da genealogia que elaborou sobre o conceito de "homossexualidade", recorrendo à história, à psicanálise e à filosofia da linguagem. Demonstra que, na construção histórica do personagem "homossexual", a linguagem ocupa um lugar chave. A linguagem nos fundaria enquanto sujeitos, à medida que a subjetividade seria uma consequência do uso de nossos vocabulários, de nossa prática lingüística. Esta seria uma organização repleta de símbolos, permitindo-nos lidarmos com o ambiente que nos cerca, e possibilitando aprendermos e ensinarmos a ser sujeitos. O conceito de sujeito, experiência subjetiva, vem emprestado de Davidson, que nos coloca como "(...) uma rede de crenças e desejos" (Costa, 1992, pág. 16). Neste conceito está implícita uma corrente interpretativa da psicanálise, para a qual não existe objeto de desejo externo à linguagem. O "homossexual", mais que uma realidade natural, é uma realidade lingüística. Porém, o autor adverte que, ao sugerir o uso do termo "homoerótico", não tem uma pretensão conceitual, mas sim de usar o termo como "tática argumentativa" na discussão sobre a "homossexualidade" (Costa, 1992, págs. 23 e 24). Sua intenção é, antes, desfamiliarizar o interlocutor em relação à sobrecarga psiquiátrica, higienista e médico-legal que o conceito

"homossexual" carrega, do que criar um novo conceito que tenha "(...) pretensões à validade universal" (Costa, 1992, págs. 23 e 24).

Como assinalado anteriormente, o debate semântico passa ao largo da discussão sobre a "homossexualidade" feminina. "Esquecida", pelo menos no Brasil, a história do lesbianismo, "(...) até pouco tempo era uma página totalmente em branco, que somente nos últimos anos tem merecido atenção de alguns poucos estudiosos" (Mott, 1987, pág. 8).

Lesbianismo? Homoerotismo feminino? Homossexualidade feminina? Gay feminino? Estas duas últimas expressões vêm carregadas de representações do mundo masculino, pois, quando se fala em homossexualidade, geralmente refere-se ao universo dos homens ou à homossexualidade como um todo.

Mas, quais são os termos usados pelas entrevistadas? As experiências são diferentes. Os termos são diversos: **andrógina, homossexual, entendida, gay, lésbica, inteligente, do meio, da "tchurma", colega, Zé, irmã, figura, gata...** Homossexual é uma palavra considerada um pouco carregada para algumas, porque teria uma conotação "científica". Apesar da restrição, o termo foi empregado na maioria das entrevistas, "por força do hábito".

A palavra lésbica tem uma conotação pesada para a quase totalidade das entrevistadas. É associada como o

correspondente feminino do termo pederasta - usado para designar "homossexuais" masculinos mais velhos. Soa como palavra "antiga" e tem uma sobrecarga de "doença". No entanto, a palavra lésbica é bastante difundida no meio acadêmico. Tanto profissionais que trabalham com a sexualidade como vários autores americanos e franceses da atualidade - citados na bibliografia desta dissertação - usam o termo lésbica. Entre as entrevistadas, somente uma tem o costume de usá-lo. Como ela é militante, a palavra lésbica é empregada com naturalidade - herança da terminologia dos movimentos de liberalização da "homossexualidade" da década de 70, como aliás pode ser visto neste texto retirado de um folheto de 1990^(*).

POR QUE NOS CHAMAMOS DE LÉSBICAS?

A palavra lésbica tem origem no nome da cidade de Lesbos, capital de uma ilha na Grécia, onde, há mais ou menos 2.600 anos, nasceu e viveu a mais famosa poetisa grega, uma mulher chamada Safo.

Safo foi uma revolucionária audaciosa. Fundou a Escola para Mulheres, onde não só ensinava poesia e música, como também - e principalmente - a emancipação social da mulher.

Os versos que Safo escreveu falam do amor entre as mulheres e da paixão por suas companheiras.

A palavra lésbica passou então a designar mulheres que amam mulheres.

Para nós, lésbicas, essa palavra tem uma origem muito bonita, com uma conotação de força e liberdade. Porém, a sociedade repressiva utiliza a palavra lésbica como um palavrão, com a intenção

^(*) Texto retirado do folheto "Um pouco do que você gostaria de saber sobre as LÉSBICAS", editado em 1990, pelo Coletivo de Feministas Lésbicas de São Paulo.

de ferir e ofender. Outros nomes dados para mulheres que amam mulheres também são usados de forma pejorativa: sapatão, fanchona, machona, mulher-macho, paraíba etc.

Os homossexuais masculinos e as lésbicas usam também as palavras entendida e gay como sinônimo de lésbica.

Os homens homossexuais gozam de privilégios culturais e econômicos e de maior aceitação social, que nos são negados. Somos mulheres e não queremos ser confundidas com os valores da homossexualidade masculina. Por isso insistimos em ser chamadas de lésbicas.

Ouvi bastante o termo "entendida". Segundo uma entrevistada, "entendida" é diferente daquela que compreende. A que compreende é uma pessoa que não é "do meio, mas não é careta, uma pessoa que compreende o meio"^(*). No final da década de 60, no Brasil, "entendido" passou a ser veiculado entre as camadas médias e altas do universo homossexual brasileiro. Segundo Fry e MacRae, correspondia ao termo *gay*, criado nos Estados Unidos, e representava aqueles que se relacionavam sexualmente com o mesmo sexo a partir de um modelo simétrico de relações (Fry, 1982, Fry e MacRae, 1984). Entendida era seu correspondente feminino. No entanto, não encontrei nas falas de minhas entrevistadas, a sinonímia entre a palavra entendida e uma proposta de relação igualitária. É provável que, após duas décadas, e distanciada dos movimentos libertários gays, a palavra tenha

(*) Muniz, a partir de pesquisa sobre homossexualidade feminina, indica que o "meio" "(...)" é uma expressão nativa empregada para marcar a relação de inclusividade e exclusividade dos sujeitos no universo homossexual" (Muniz, 1992, pág. 140). A definição vem ao encontro dos relatos das minhas entrevistadas. Já a palavra "careta" refere-se tanto aos heterossexuais, de um modo geral, como àqueles que têm preconceito em relação ao universo gay.

tomado outras conotações. As entrevistadas usam **entendido(a)** para designar pessoas que **"transam"** com outros(as) do mesmo sexo e usam o verbo **"entender"** quando vislumbram uma **"transa"**(^{*}). Ou seja, o "entender" seria a possibilidade de um "vir a acontecer". Quanto ao termo "sapatão", muito popular e com clara conotação pejorativa tanto no universo heterossexual quanto no universo gay, as entrevistadas afirmam que geralmente não usam para si e nem entre si. Uma consideram palavrão, outras acham antiquado, um hábito de linguagem das gerações passadas. É interessante observar que as poucas vezes em que o termo foi mencionado foi com hesitação e mesmo em voz mais baixa - como se ao mesmo tempo designasse um subgrupo que "envergonha" o "meio" e não se quisesse transmitir um preconceito que a palavra encerra. Uma das entrevistadas usou o termo **"guarda roupa"** - que seria um sinônimo de "sapatão", ao se referir a mulheres masculinizadas. Mas a procura de definir através de nomes as várias nuances que aparecem no meio homoerótico esbarra na dificuldade de cristalizar, em um único código, posturas que se movem - tema que será abordado ao longo deste trabalho.

Concordando com a argumentação de Costa, optei nesta dissertação pelo termo homoerótico para tratar o universo analisado, indicando, paralelamente, os usados pelas entrevistadas^(*). De fato, o uso do termo homoerótico ocupa dois campos distintos: um que visa "desfamiliarizar" a

^(*) Assim, ao longo deste tese empregarei o termo "homossexual" entre aspas. Nas referências bibliográficas usarei o termo conforme o uso dos autores citados.

palavra "homossexual"; outro que diz respeito à linguagem utilizada no cotidiano, visto que a maioria das "nativas" usa os termos "homossexual", "entendida" ou "andrógina", pois dificilmente alguém se autodenomina "homoerótica". Todavia, a maioria não se mostrou muito preocupada em nomear-se, talvez, inclusive, porque se trata de um universo com características específicas.

Uma dessas características é que a inserção dessas mulheres no mundo homoerótico feminino deu-se de forma gradativa e muitas vezes de maneira fragmentada, no sentido de não constituírem um grupo, um universo à parte. Ademais, freqüentam o gueto lésbico de uma forma mais "doméstica". Como a maior parte vive em parceria, a sociabilidade homoerótica restringe-se, na maioria das vezes, às casas das parceiras e às casas de amigos(as). As incursões ao gueto são feitas principalmente aos pares, não se constituindo em uma busca frenética por uma "transa". Essas incursões são vistas de forma positiva pelas entrevistadas. Nas relações entre essas mulheres, o ir e vir pela ambigüidade dos espaços e categorias da sexualidade permite-lhes a liberdade de não se cristalizarem em polos de dualidade: "homossexual" em relação a "heterossexual"; "masculinas" em relação a "femininas". As práticas sexuais e as categorias e relações de gênero vão sendo construídas no cotidiano. Deste modo, menos que a tendência a cristalizar esses termos, eles são transmitidos como categorias relacionais e mutáveis. Todavia, há que se fazer uma ressalva: quando as mulheres se

referem a outros universos lésbicos, elas constroem outras categorias que marcam diferenças entre os universos^{1(*)}.

iii - SEXO, GÊNERO, SEXUALIDADE

Para introduzir o tema da relação entre "sexo", "gênero" e "sexualidade" é importante abordar uma das questões que perpassam esses conceitos.

Neste trabalho estarei ressaltando, entre outras questões, o rompimento dos relacionamentos heterossexuais das mulheres entrevistadas e a passagem para os relacionamentos homoeróticos. Dois aspectos desse processo destacam-se: 1) a procura de relações de simetria nas experiências homoeróticas, ao contrário das relações heterossexuais passadas, quando viviam relações hierárquicas com seus parceiros; 2) a procura de uma sociabilidade que não configure esse universo como um grupo à parte ou estigmatizado, e de uma gramática corporal que expresse o "gênero feminino" na gestualidade, roupas e estilo de vida, diferenciando-as das "homossexuais clássicas".

Designo aqui "homossexuais clássicas", as mulheres que "assumiram" a homossexualidade na década de 70, dando ênfase ao caráter identitário da "homossexualidade". Geralmente a gramática corporal dessas mulheres caricatura o gênero masculino, via a performance da "mulher-macho" e sua sociabilidade, na maioria das vezes, se restringe aos guetos

(*) Este tema será tratado nos Capítulos 2 e 5.

ou a grupos militantes "homossexuais". Porém, as "homossexuais clássicas" não constituem um grupo único, padronizado, e entre elas existem contradições e diferenças. Atualmente, o termo "assumir-se" vem sendo substituído pela palavra "visibilidade".

Em relação à gramática corporal Ariés (1982) sugere que a imagem do homossexual masculino teria um papel simbólico importante no processo de mudança de estilo de vida dos indivíduos na sociedade moderna. Ao refletir sobre a história da homossexualidade masculina, observa que o modelo efeminado do homossexual, predominante até recentemente, vem sendo substituído por um modelo viril. O tipo efeminado daria lugar a um tipo machista, esportista e másculo, apesar deste modelo guardar certos traços do corpo do adolescente, como a cintura delgada. As mulheres também sofreriam esta influência: na busca de modelarem seus corpos, suas silhuetas tenderiam a aproximar-se ambigualmente deste modelo, abandonando as formas femininas arredondadas que inspiraram os artistas do século passado. Loyola (1991) reflete sobre o pensamento de Ariés: "A tolerância para com a homossexualidade estaria, segundo o autor, associada às mudanças nas representações sobre os sexos e a sociedade como um todo tenderia a se adaptar com maior ou menor grau de resistência ao modelo homossexual. O obscurecimento das diferenças entre os sexos, ou seja, o intercâmbio de papéis experimentado na sociedade, encontraria na homossexualidade

- precisamente, em sua configuração viril - um exemplo significativo" (Loyola 1991, pág. 8).

No entanto, a autora faz uma advertência no que se refere a essas influências sobre a realidade brasileira: "(...) essas mudanças (...) dizem respeito às sociedades tecnologicamente mais avançadas. Não obstante, elas repercutem forte e rapidamente, ao menos entre as camadas médias e altas, mais escolarizadas, dos grandes centros urbanos do país, e por isso são importantes como referência para investigação" (Loyola, 1991, pág. 14).

Heilborn (1992) reitera a idéia sobre a masculinização do homossexual masculino, processo desencadeado desde os anos 70, e que, em sua transformação, nega a caricaturização feminina. Reforça também a constatação de que em alguns universos de mulheres lésbicas existiria uma forte tendência a recusar o paradigma da mulher masculinizada.

Na verdade, a discussão do referente feminino e masculino faz parte de um debate maior, e controvertido, sobre a questão "sexo e gênero". Apesar deste debate envolver os pontos aqui discutidos sobre gramática corporal, ele os ultrapassa, visto abarcar outras questões, inclusive, teóricas. No entanto, é importante mencionar alguns aspectos dessa discussão e tentar situar o ponto de vista desta dissertação no que se refere ao conceito de gênero.

Não é minha intenção aqui fazer uma discussão das teorias sobre gênero: é um debate intrincado e escapa ao objetivo mais etnográfico deste trabalho. Mas, certamente, falar de sexualidade é também falar de gênero. O segundo marcando a primeira e, tudo indica, também a construindo. Nesta dissertação, no que se refere a gênero, a intenção é pressupor seu campo mais elementar: o da construção de categorias e relações que remetem, entre outras distinções virtuais, àquelas mais conhecidas como "masculino" e "feminino". Estas categorias e relações sendo mutáveis e flexíveis semanticamente. Sem me deter nas várias e distintas retóricas da teoria feminista vale, contudo, situar brevemente algumas de suas discussões.

A relação sexo/gênero é uma discussão há tempos presente na teoria feminista. Gayle Rubin, citada por Franchetto, Cavalcanti e Heilborn (1980) situa as dificuldades em tratar as diferenças do que seria do campo biológico e do que seria do campo simbólico. Uma das boas saídas, do meu ponto de vista, é aquela apontada por Strathern, onde a própria explicação naturalizada torna-se uma das construções de gênero: "Whether or not the sexing of a person's body or psyche is regarded as innate, the apprehension of difference between 'the sexes' invariably takes a categorical form, and it is this to which gender refers. The forms 'male' and 'female' indicate gender constructs in this account" (Strathern, 1990, pág. VIII).

Costa (1994) aponta algumas mudanças que as concepções de sexo e gênero vêm sofrendo ao longo desses estudos. A autora analisa o gênero desde sua conceitualização como "variável binária" (sexo biológico), passando pelo gênero como "papéis dicotomizados" (desempenho de determinados papéis), como "variável psicológica" (masculinidade e feminilidade enquanto grau), como "sistemas culturais" (raízes culturais), até chegar ao "gênero como relacional". Ao considerar este último modelo como o mais frutífero para o debate, justifica que esta concepção leva em conta "(...) o sistema social de relacionamentos dentro do qual os interlocutores se situam" (Costa, 1994, pág. 158) e "(...) uma pluralidade de masculinidades e feminilidades em oposição a uma visão de homens e mulheres como dois blocos homogêneos e indiferenciados entre si" (Costa, 1994, pág. 159).

Heilborn (1992), ao mapear vasto material sobre o tema^(*), observa que do conceito de sexo passou-se para o conceito de gênero. Todavia, resente-se quanto ao emprego da categoria estar muitas vezes distanciado do imbricamento "(...) a um sistema relacional (...)" (Heilborn, 1992, pág. 94), coincidindo, neste aspecto, com o trabalho de Costa (1994). Sua reflexão, definida como uma pausa para se meditar sobre

(*) Publicações da Fundação Carlos Chagas/Fundação Ford; trabalhos apresentados à ANPOCS; *papers* dos grupos de trabalho "Mulher e Família" e "Mulher na Força de Trabalho"; dissertações de mestrado de centros de Antropologia além de trabalhos publicados no "Anuário Antropológico", "Religião e Sociedade" e "Perspectivas Antropológicas da Mulher".

os rumos que a antropologia da mulher tem tomado, designa o gênero como "(...) a distinção entre atributos culturais alocados a cada um dos sexos e a dimensão biológica dos seres humanos" (Heilborn, 1992, pág. 98). Este seu trabalho pode ser dividido em dois tópicos: o primeiro analisa os estudos citados na área da antropologia da mulher - ou do gênero - nos quais a autora percebe um denominador comum: "(...) uma certa formulação da questão feminina subordinada a uma visão das relações entre os sexos como de assimetria e opressão" (Heilborn, 1992, pág. 97); o segundo enfoca os temas específicos nos trabalhos mapeados e ressalta a relação desses temas com as categorias de gênero.

No que toca diretamente ao tema da gramática corporal e as mudanças dessa gramática no universo homoerótico como um todo, é interessante a observação de Heilborn quanto ao perigo de se confundir sexo com gênero. Ao interpretar o gestual da "fancha", enquanto caricatura do gênero masculino, a autora salienta que a mulher homossexual masculinizada recusa não o gênero masculino, e sim o sexo, pois: "(...) ela captura para si a representação de gênero masculino via a encenação da mulher-macho (...)" (Heilborn, 1992, pág. 117).

Kofes (1993), desfocando a discussão da oposição sexo/gênero procura compreender a relação mulher/gênero. Para tanto, vale-se das teorias da historiadora feminista Johan Scott e das antropólogas Marilyn Strathern e Margareth

Mead; da obra de Simone de Beauvoir e da literatura de Gustave Flaubert e Virgínia Woolf. Na conceituação de Scott, gênero seria uma categoria analítica que organiza socialmente a diferença sexual estabelecendo "(...) significações para diferenças corpóreas" (Kofes, 1993, pág. 21). Já Strathern não aborda gênero como uma categoria analítica, mas como categorias de diferenciação, êmicas, no entender de Kofes. Para Strathern gênero seria "(...) as categorizações de pessoas, artefatos, eventos, seqüências e tudo o que desenha a imagem sexual, indicando os meios pelos quais as características de masculino e feminino tornam concretas as idéias das pessoas sobre a natureza das relações sociais" (Kofes, 1993, pág. 22).

A autora reúne os trabalhos de Margareth Mead - "Macho e Fêmea" (1971), de Simone de Beauvoir - "O Segundo Sexo" (1949) com a literatura de Virginia Woolf - "Orlando" e Gustave Flaubert - "Madame Bovary". Relacionando as obras de Mead e Woolf como sendo "de gênero" e a de Beauvoir e de Flaubert como estudo "da mulher".

Kofes, entretanto, não fecha a questão. Pelo contrário, sua intenção ao procurar "(...) disjunções, conjunções e mediações" (Kofes, 1993, pág. 19) entre estes trabalhos que tratam de gênero e mulher é também interrogar, quando reflete: "(...) talvez Orlando não subsuma Madame Bovary" (Kofes, 1993, pág. 30).

Nesta dissertação, além de sexo e gênero, entendo que outra relação adquire relevância: aquela, não menos complexa, entre sexualidade e gênero. Como observei, a própria discussão sobre a nomeação da "homossexualidade" é marcada pela masculinidade. Além disso, estudos mais clássicos de antropologia sobre a homossexualidade tendem a se referir mais a homossexualidade masculina. Por outro lado, e como já salientei, categorias de gênero são operadas na classificação do homossexualismo: masculino, feminino; e mulheres, femininas, mulheres, masculinas; mulheres? andróginas? O que significa também que concepções, gestualidade, conjugalidade expressam a relação sexualidade/gênero.

Posto o sentido básico de algumas noções e relações utilizadas no trabalho, esta dissertação busca compreender as seguintes questões:

- As experiências deste "crescente" - ou mais visível - número de mulheres^(*) configuram uma produção de uma nova subjetividade do homoerotismo feminino? A sociabilidade, ou

(*) Ao sugerir que há um "crescente" número de mulheres que viveram experiências heterossexuais e hoje estão envolvidas em relações homoeróticas, baseio-me nas falas das entrevistadas, em artigos de jornais, revistas e programas de televisão: Palomino, Erika - "Anos 90 trazem 'lesbian chics'" in Folha de São Paulo, "Ilustrada", 07.08.93; Vitória, Gisele - "Um Toque Feminino", "Comportamento", in "Isto É", no. 1298, 17.08.94; Especial Mulher, A Grande Mudança no Brasil, "Veja", no. 1351, agosto-setembro, 1994; "Documento Especial" - Orgulho Gay, programa exibido pela rede SBT, em 25.09.94; "Domingo 10" - Lesbian Chic: Uma Revolução no Ar - programa de Marília Gabriela exibido pela rede Bandeirantes, em 26.02.95. No entanto, ainda não há dados estatísticos que comprovem este "crescimento".

o universo de convivência destas mulheres, "espalha-se" pelo espaço urbano onde convivem várias categorias sociais, sem configurar um grupo à parte ou estigmatizado, isto é, sem estarem confinadas em guetos?

- O relacionamento entre mulheres, neste caso analisado, poderia constituir uma alternativa às relações de poder presentes nos relacionamentos heterossexuais tradicionais, significando uma tentativa de superá-las através de uma relação homoerótica? A dicotomia ativo/passivo, tão marcante para boa parte dos relacionamentos heterossexuais e homoeróticos masculinos, coloca-se da mesma forma nas relações entre as mulheres?

- A importância dada à constância e à permanência nos relacionamentos, observada nos discursos das mulheres entrevistadas, vem deslocando a noção de fugacidade, marca de algumas relações homoeróticas "tradicionais"?

- Em que medida a separação entre sexualidade e reprodução, liberando a sexualidade feminina do rígido controle a que esteve submetida durante séculos, liberou-a igualmente para a busca de novas relações afetivas e de convivência? A postura destas mulheres, que se intensifica "dentro" da sociedade, estaria imbricada com o que poderia ser chamado de um novo sistema de coabitação/reprodução social (Loyola, 1991), possibilitando novas opções de viver a sexualidade feminina, acenando transformações nas relações "tradicionais" de gênero?

- E, finalmente, deslocada a sexualidade daquela "complementaridade dos sexos diferentes", o que as relações focalizadas nesta pesquisa acrescentariam à discussão sobre gênero?

Buscando respostas para essas questões, esta dissertação está dividida em seis capítulos e conclusões finais.

O primeiro capítulo trata do desenvolvimento da pesquisa de campo, da formação da rede de entrevistadas e da organização das entrevistas.

O segundo capítulo apresenta as mulheres entrevistadas: idades, profissões, local de moradia, tipo de lazer e uma síntese da trajetória afetivo-sexual. Descreve sua gramática corporal e aborda a ambigüidade das categorias de masculino e feminino e suas relações.

O terceiro capítulo trata da vida afetivo-sexual nos relacionamentos heterossexuais passados, trabalha as práticas corporais e a noção de tempo nas relações entre os sexos opostos.

No quarto capítulo, acompanho o processo do desejo - transição para os contatos homoeróticos. Abordo as vicissitudes e dificuldades a serem vencidas, quer na auto-aceitação, quer na aceitação social.

No quinto capítulo, trato da visibilidade da postura homoerótica das mulheres entrevistadas - para a família,

para o ambiente de trabalho, para as relações de vizinhança e sociais. Discuto a frequência destas mulheres nos guetos e suas trajetórias no urbano.

O sexto capítulo aborda alguns aspectos das relações homoeróticas atuais: sua estrutura afetivo-sexual, a busca de relações simétricas, o jogo de poder que permeia os relacionamentos, a fidelidade e o ciúme. Discute as práticas corporais e a noção de tempo nas relações entre mulheres. Trata também da definição êmica de "homossexualidade".

Nas conclusões, mais do que organizar uma síntese da dissertação, procuro destacar os ângulos mais relevantes das entrevistas.

CAPÍTULO 1 - A PESQUISA

1.1. - O TRABALHO DE CAMPO

Escolhi realizar a pesquisa em Belo Horizonte, porque a cidade representa um centro urbano significativo no País e pela minha familiaridade com seu universo geográfico e social. Foram entrevistadas trinta e uma mulheres, na faixa etária de vinte e três a sessenta anos, que podem ser consideradas pertencentes às camadas médias, a maioria procedente do interior de Minas e de nível universitário. Os nomes usados nesta dissertação são fictícios.

As entrevistas tiveram duração de duas a três horas, conformando "histórias de vida". Minha inserção nesse universo foi facilitada pelos contatos estabelecidos durante a pesquisa sobre homoerotismo masculino, citada anteriormente. Esses contatos me inseriram em uma rede de mulheres, cada entrevistada indicando outra ou abrindo acesso às seguintes. Para registrar as entrevistas foi utilizado o gravador, visto com naturalidade na maioria das vezes.

A investigação etnográfica foi realizada em quatro etapas, sendo a última considerada complementar. Para construir com maior precisão minhas hipóteses de trabalho, realizei, nos meses de janeiro e fevereiro de 1990, uma pesquisa "experimental" entrevistando sete mulheres. Essa primeira fase serviu para testar a receptividade ao tema e avaliar a possibilidade de escrever uma dissertação sobre o assunto. Na segunda fase, realizada nos meses de janeiro e fevereiro de 1991, foram entrevistadas nove mulheres; na terceira etapa, realizada nos meses de maio e junho de 1992, foram ouvidas quinze mulheres. Na etapa complementar, realizada em fevereiro de 1995, foram realizadas sete entrevistas. Foram ouvidas seis mulheres que haviam sido entrevistadas nas etapas anteriores e uma contatada pela primeira vez (Quadro 1, pág. 183). Essa fase foi necessária para explorar algumas questões que julguei incompletas na versão preliminar da dissertação, quando a apresentei ao "Exame de Qualificação" e me vi diante de indagações e sugestões da banca.

As entrevistas foram conduzidas de forma a dar acesso às representações sobre a sexualidade/afetividade. As perguntas referiam-se às esferas familiares, sociais e de trabalho. Foram anotados os códigos de uma terminologia concernente a esse universo, o jogo de poder envolvido no interior das relações, como também as noções de fidelidade e as de tempo nos relacionamentos.

É importante registrar como me situei para ouvir as entrevistadas. Como as entrevistas abordaram assuntos íntimos, a construção das diversas representações que emergiram foram muitas vezes elaboradas ao longo das conversas. Sendo mais precisa, eu diria que as falas foram sendo construídas na relação estabelecida comigo. Salientar este registro é importante, porque observei que, na situação de entrevista, os sujeitos fazem uma retrospectiva de suas vidas. Como acontece nessas circunstâncias, quando recorre-se à memória, as histórias e os fatos são reconstruídos. Nessa reconstrução a fantasia se mescla ao real. Muitas vezes, a fantasia torna-se o real. Assim, vou trabalhar as falas como foram explicitadas, sem estar preocupada em distinguir verdades de fantasias.

Das trinta e uma entrevistadas, vinte e cinco mulheres compõem o "Grupo de Referência", ou "Grupo 1". Este conjunto de mulheres privilegiou, em um período significativo de suas vidas, os contatos masculinos e, hoje, se encontram envolvidas em relacionamentos afetivo-sexuais com outras mulheres. Com o objetivo de enriquecer o trabalho, entrevistei seis mulheres que não se enquadram no "Grupo de Referência" e que compõem o "Grupo 2". Quatro tinham se relacionado somente com mulheres, sem qualquer tipo de contato afetivo-sexual com homens. Uma teve o primeiro contato físico heterossexual aos 30 anos, apesar de já ter tido vários namorados. Ainda houve uma entrevistada com experiência única: apesar de ter morado com uma mulher

durante três anos, vivendo intensa relação de afeto, não mantinha relação sexual com a companheira. Na verdade, ao definir o universo da pesquisa, não pensava incluir mulheres sem passado heterossexual. Porém, como este outro segmento era objeto de muitas referências, percebi logo nas primeiras entrevistas que ouvindo-as teria mais parâmetros para a análise e para desenvolver minha sensibilidade em relação aos múltiplos aspectos do homoerotismo feminino. É importante registrar que vou me ater ao "Grupo de Referência", ou "Grupo 1", para trabalhar as áreas temáticas, citando as mulheres do "Grupo 2" apenas quando necessário.

1.2. - RECEPTIVIDADE À PESQUISA - FORMAÇÃO DA REDE

"(...) é uma surpresa para mim que as pessoas estejam falando...". Tânia^(*).

Surpresa e curiosidade são reações esboçadas também por amigos e conhecidos quando explico o tema da dissertação. Muitos comentam: - "Deve ter sido difícil localizar estas mulheres para entrevistar...". ou - "E, elas falam assim... sobre suas vidas...?". Mas, entre as entrevistadas, foram poucas as que como Tânia, se surpreenderam.

(*) Tânia faz parte do "Grupo 1" - Entrevistada em 1991, aos 36 anos. Foi casada durante cinco anos. Em 1982, aos 27 anos teve a primeira relação homoerótica. É feminista militante desde meados da década de 70. Quando passou a ter relações homoeróticas, associou-se a um grupo ativista lésbico, fora de Belo Horizonte. Foi entrevistada novamente em fevereiro de 1995. Nível escolar: superior. Mora sozinha.

Em praticamente todas as conversas, a partir da compreensão de quais seriam os interesses e os objetivos da pesquisa, o clima de confiança se estabeleceu rapidamente. Os casos de Inês e Clarice foram exceções^(*). Quando cheguei à casa de Inês, ela nem sequer olhou-me direito e mal se levantou do sofá para me receber. Durante a primeira meia hora, ficou me observando, desconfiada. O gelo foi-se quebrando aos poucos, talvez facilitado pelas perguntas colocadas, pela música e vinho oferecidos.

Com Clarice foi um pouco diferente. Muita receptividade inicial. Depois da apresentação, ficou um pouco insegura porque eu iria entrevistar uma ex-namorada e uma amiga sua - embora ela tivesse conhecimento prévio desse fato. Medo de que a rede a ser estabelecida pudesse mostrar furos em sua entrevista? Talvez. Mas, qual fosse o motivo desta insegurança, explicada novamente, a regra do sigilo e a intenção de não identificar as entrevistadas, o clima de confiança foi restabelecido^(**). No fim da entrevista, Clarice

^(*) Inês faz parte do "Grupo 2". Entrevistada em 1992, aos 26 anos. Até essa época não havia tido relação sexual com o sexo oposto. Na época da entrevista morava com a parceira. Hoje (julho de 1995), interessa-se pelos grupos ativistas, Nível escolar: superior. Atualmente mora fora de Belo Horizonte.

Clarice faz parte do "Grupo 1". Entrevistada em 1991, aos 32 anos. Em 1985, aos 26 anos teve a primeira experiência homoerótica que durou quatro anos. Depois namorou um rapaz durante dois anos. No momento da entrevista estava sozinha, mas disse ter vontade de se relacionar novamente com mulher. Nível escolar: superior. Mora sozinha.

^(**) A garantia do sigilo da identidade das entrevistadas foi abordada na conversa telefônica preliminar às entrevistas e reforçada no início das mesmas. Foi colocado igualmente o

mostrou-me cartas de amor que trazia trancadas em uma caixa, há mais de dois anos.

Houve também reações curiosas. Marlene^(*), entrevistada em um bar, perguntou no início, desconfiada : "(...) **essa entrevista não vai sair em nenhuma rádio não, né?**" De Duda^(**), ao telefone com uma amiga em sua casa, ouvi: "(...) **telefona depois porque agora estou dando uma entrevista!**"

No entanto, é importante registrar que ocorreram duas desistências. Taís^(***) indicou duas amigas que moravam juntas. Ficou acertado que no momento de sua entrevista, ela me daria o telefone para contato com as mesmas. Porém, quando se deu a conversa com Taís, fui informada de que suas amigas

uso de nomes fictícios na redação do trabalho. Estas regras foram consideradas como fundamentais pelas mulheres entrevistadas, visto elas não desejarem que suas identidades fossem reveladas.

^(*) Marlene faz parte do "Grupo 2". Entrevistada em 1992, aos 46 anos. Até essa época não havia tido relação sexual com o sexo oposto. Em 1976, aos 30 começou a freqüentar o "meio". Em 1985, com 39 anos, viveu sua primeira experiência homoerótica que durou 5 anos. Separaram-se em 1990. No momento da entrevista estava iniciando uma nova relação homoerótica. Nível escolar: superior. Mora com a família.

^(**) Duda faz parte do "Grupo 1". Entrevistada em 1992, aos 35 anos. Em 1980, aos 23 anos, tinha separado do marido com o qual foi casada durante 2 anos e teve a primeira experiência homoerótica com uma amiga. Esta relação durou alguns meses, mas até o momento da entrevista continuavam amigas. A partir dessa época teve várias experiências com homens e mulheres. Sua relação "atual" com uma mulher, tem 8 meses. Nível escolar: médio. Mora com a filha adolescente.

^(***) Taís faz parte do "Grupo 2". Entrevistada em 1992, aos 31 anos. Teve algumas experiências afetivas com homens, mas sem relações sexuais. Em 1978, aos 17 anos teve a primeira relação homoerótica. No momento da entrevista namorava uma moça há 5 anos. Nível escolar: médio. Mora com a família.

havam desistido da entrevista, sem fornecerem maiores explicações.

Apesar de ter elaborado um roteiro prévio, no contexto das conversas, novas questões foram se delineando. Como a escuta foi sem uma direção rígida, as entrevistadas iam reconstruindo suas vidas através de associações que surgiam na conversa. Quando o discurso fugia dos meus objetivos e corria o risco de se perder, eu voltava a atenção para o tema que havia sido interrompido. Muitas se surpreenderam por pensar em determinadas questões pela primeira vez, ficando satisfeitas com a oportunidade de organizarem seus pensamentos. Outras comentaram que as circunstâncias lembravam uma sessão terapêutica, apesar das entrevistas não terem esse caráter.

O fato é que todas valorizaram o trabalho e a iniciativa de tentar entender este universo tão "secreto", colocando-se disponíveis para futuras conversas, se assim fosse necessário.

Do universo pesquisado, foram entrevistadas cinco parcerias (dez mulheres)^(*) e duas ex-parceiras (quatro mulheres). Nessas entrevistas, procurei ter o máximo de cuidado de não fazer determinadas perguntas ou interpretações que indicassem meu conhecimento sobre informações fornecidas pelas parceiras, tanto para guardar o

(*) Uma dessas parcerias é formada por uma entrevistada do "Grupo 1" e outra do "Grupo 2".

sigilo quanto para evitar futuros conflitos entre os pares. Estas mulheres foram entrevistadas individualmente, como, de resto, todo o grupo.

Como assinalado, o tema desta dissertação nasceu de conversas com amigos do circuito gay de Belo Horizonte e com ex-entrevistados da minha pesquisa anterior. Essas pessoas comentaram ter amigas que haviam se separado de seus pares heterossexuais e estavam namorando mulheres. Como eu já havia observado empiricamente essas mudanças, a idéia deste trabalho foi se consolidando. Esses amigos e conhecidos com os quais, eventualmente, comentei sobre o trabalho (cinco pessoas) dispuseram-se a telefonar para duas ou três amigas informando-as do meu interesse em entrevistá-las, de modo que, quando fiz os primeiros contatos telefônicos, as futuras entrevistadas já tinham conhecimento do trabalho que eu queria desenvolver. Naturalmente eu explicava o objetivo da pesquisa, que nem sempre tinha ficado claro, e garantia o sigilo de suas informações. Duas entrevistadas foram procuradas diretamente por mim.

Foi estimulante a receptividade das mulheres. A impressão é que elas ansiavam por falar ou fazer de alguém porta-voz de suas experiências. Feitos os primeiros contatos a rede se formou com facilidade. As entrevistadas indicavam amigas ou conhecidas que tinham o perfil por mim desenhado. Após o contato telefônico, marcávamos a conversa em local escolhido por elas: suas casas, escritórios ou consultórios, parques,

bares. Apenas uma entrevista foi realizada em minha casa, por ser mais cômodo para a entrevistada. Como as primeiras mulheres indicaram amigas ou conhecidas, as intermediárias obviamente sabiam quem estava fazendo parte da amostra. Porém, à medida em que a rede ia aumentando, a sexta entrevistada, por exemplo, não sabia quais tinham sido as primeiras escolhidas ou quais seriam as últimas. Isto se deu por três motivos: 1) evitei mencionar nomes ou perguntar se conheciam umas as outras, para garantir o sigilo da identidade da rede; 2) apesar das mulheres atuarem como intermediárias, as entrevistadas não formam um grupo social coeso; 3) as fontes (cinco pessoas) ou não se conhecem ou têm apenas contato esporádico. É possível que as mulheres da amostra até se conheçam de vista, ou sejam amigas, ou, eventualmente, freqüentem os mesmos lugares (festas, bares, restaurantes). No entanto, não foi possível detectar o grau de conhecimento dentro do grupo, pelos motivos expostos acima. (Quadro 2, pag. 184)

Finalmente, como mencionei antes, em fevereiro de 1995 foram entrevistadas novamente seis mulheres, e uma ouvida pela primeira vez (proprietária de um bar gay, que ela preferiu definir como "ecclético"). Esta fase foi necessária para explorar algumas questões que julguei incompletas ao redigir a versão preliminar da dissertação. O critério para a escolha dessas entrevistadas foi em parte dirigido e em parte aleatório. Duas mulheres foram procuradas porque poderiam fornecer informações específicas. As outras me

motivaram em função da postura nas entrevistas anteriores: facilidade para falar de si, capacidade de elaborar suas questões e, naturalmente, estarem na cidade e terem disponibilidade de tempo para esse encontro - era fevereiro e nem todas as pessoas procuradas estavam em Belo Horizonte. Como as questões que me interessavam eram pontuais, as entrevistas foram bastante objetivas. Todas continuaram muito receptivas, mostraram-se interessadas no andamento do trabalho e curiosas para ver o resultado final.

1.3. - ORGANIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Reorganizar as entrevistas, a partir das áreas temáticas, foi a etapa seguinte ao trabalho de campo. Apesar de os discursos terem uma certa lógica interna, estes se apresentaram fragmentados, por ocasião de sua análise. Isto porque nas entrevistas foram colocadas questões íntimas de ordem afetiva e sexual que se desenvolveram, muitas vezes, por associações de idéias. O fato é que, de posse de todo o material, o objeto foi ficando mais claro à medida em que ia escrevendo o texto, envolvendo dois processos entrelaçados. Primeiro, surgindo das falas das entrevistadas que foram tomando corpo e materializando-se. Segundo, ao selecionar e organizar o material em áreas temáticas. Também digno de nota foi o processo de possibilitar às mulheres terem-se como "personagens", embora a direção das entrevistas tenha sido de minha responsabilidade, influenciando, muitas vezes, no rumo das vidas que iam reconstruindo. Mas a lembrança de uma

frase de José Saramago, em uma entrevista sobre o processo de criação de suas personagens, sempre foi um alerta para mim: "(...) as personagens... elas vão se construindo; eu não as obrigo a serem aquilo que elas não podem ser"^(*).

Ao organizar o temário final da dissertação, optei por fazer um corte temporal nas suas trajetórias de vida, considerando: 1) o tempo passado, predominantemente heterossexual; 2) o período de transição, quando passaram a ter experiências homoeróticas; 3) o momento presente, quando as experiências homoeróticas se consolidaram como parte integrante de suas vidas. A escolha por este corte temporal decorreu da importância das experiências do passado e do período de transição. Deter-me sobre essas vivências foi fundamental para analisar o tempo presente.

No entanto, o corte temporal nas experiências afetivo-sexuais não impede que o movimento do desejo tome a forma de espiral. Movimento em espiral que funde os três tempos: passado, transição e presente. Muitas das entrevistadas viveram uma simultaneidade de experiências afetivo-sexuais, que não me permite, portanto, seguir rigidamente o corte temporal, polarizando, de um lado, as experiências homoeróticas e, de outro, as experiências heterossexuais. Sabe-se, afinal, que a sexualidade aparenta estar sempre escapando de categorias; mas também sabe-se que ela não é

^(*) Fernandes, Bob. "Monstro da Intolerância Voltou, diz Saramago", in Folha de São Paulo, "Ilustrada", 12. 01. 94, São Paulo.

irredutível a classificações. Foucault (1985) analisou exaustivamente o processo de esquadramento da sexualidade; a antropologia já se encarregou de mostrar concepções e categorias envolvidas na sexualidade. O que talvez importe seja lidar com essa tensão. Assim, trabalhando com níveis flexíveis, há momentos em que as experiências dos três tempos estão entrelaçadas, e também entrelaçados os caminhos do desejo.

CAPÍTULO 2 - QUEM SÃO ESSAS MULHERES?

2.1. - IDADES E PROFISSÕES

Nascidas ou morando em Belo Horizonte há mais de cinco, oito, quinze, vinte anos, essas mulheres estão integradas à vida urbana. Embora haja entrevistadas de vinte e três a vinte e nove anos (nove) e de quarenta e quatro a sessenta anos (três), existe uma maior concentração etária entre os trinta e trinta e seis anos (treze)^(*). Com exceção de uma entrevistada de cor negra e uma mulata, todas as outras são de cor branca, de acordo com minha percepção.

A grande maioria (dezenove) tem formação universitária nas seguintes áreas: história, publicidade, odontologia, pedagogia, psicologia, enfermagem, jornalismo, arquitetura. Dessas, três não exercem a profissão na qual se diplomaram: duas porque já estavam trabalhando no Setor Público antes de se formarem e a terceira por ter se encaminhado circunstancialmente para outra profissão. Essas três continuam trabalhando fora de suas formações porque, conforme elas, a atual ocupação lhes garante melhores

^(*) É importante lembrar que a idade das entrevistadas se refere à época das entrevistas - realizadas entre 1990 e 1992.

salários. De todo o grupo, cinco são autônomas, duas estão vinculadas às universidades - como pesquisadoras ou professoras - e o restante trabalha nos setores correspondentes às suas formações. A maioria (exceto uma das bancárias e a que trabalha no Setor Público) está satisfeita com seu trabalho e se preocupa com o aperfeiçoamento profissional. As mulheres que têm o segundo grau trabalham com moda, estética, massagem oriental, produção de *shows* ou em bancos. Com exceção das bancárias, elas trabalham como autônomas.

Quatro mulheres não estão trabalhando: uma aposentou-se, uma está vivendo de rendas e as outras duas dedicam-se à faculdade. A entrevistada aposentada tem seu próprio apartamento e recebe aposentadoria e ajuda dos filhos. Das duas entrevistadas universitárias, uma vive na casa da família e outra, que veio do interior de Minas, vive em um apartamento alugado com sua irmã. Ambas recebem mesada dos pais.

Os salários variam de quatrocentos e cinquenta a três mil dólares, embora haja uma área de concentração de renda entre mil e duzentos a mil e oitocentos dólares^(*). A maioria das mulheres (dezenove) é independente financeiramente e considera-se em movimento de ascensão social frente aos ascendentes. Geralmente são filhas de pais que tiveram entre quatro a sete filhos, e, em alguns casos, até mais. A

^(*) Cotação do dólar em torno de R\$ 0,920 - julho de 1995.

comparação entre o nível pessoal atual e o da família refere-se, principalmente, à infância e à adolescência. À medida que as entrevistadas e os irmãos cresceram e entraram no mercado de trabalho, estes passaram a ter uma situação mais confortável do que durante a infância - quando os pais sustentavam todos. Os pais, em sua maioria, trabalhavam ou trabalham em profissões liberais, no comércio ou para o Estado. As mães geralmente trabalhavam no lar. As entrevistadas ocupam cargos ou profissões diferentes dos pais.

Das mulheres do "Grupo 2", três são formadas em pedagogia, arquitetura e letras, sendo que apenas a pedagoga não exerce sua formação, tendo se encaminhado desde nova para outra profissão dentro do Setor Público. As demais têm o segundo grau: uma é corretora de imóveis, outra trabalha como estilista e a terceira está no Setor Público. Entre essas mulheres, duas são parceiras morando juntas em um apartamento alugado. Em relação ao perfil sociológico, elas fazem parte do mesmo segmento de classe que as mulheres do "Grupo 1", apresentando semelhanças quanto ao estilo de vida, hábitos, e formação cultural.

2.2. - ONDE MORAM - REFERÊNCIAS CULTURAIS

Quatro entrevistadas têm apartamentos próprios e as outras quinze moram em apartamentos alugados. Seis entrevistadas moram na casa dos pais, propriedade geralmente adquirida quando ainda eram crianças. O conforto de morar em

uma casa ou apartamento grande, o fato de não querer deixar a mãe ou o pai sozinhos, aliados à facilidade financeira, são os motivos apresentados para continuar na "pensão ideal".

Das vinte e cinco mulheres ouvidas, oito são parceiras. Além destas, uma (do grupo das vinte e cinco) namora uma moça do "Grupo 2". Três parcerias moram juntas: uma, em apartamento próprio, as outras duas em apartamentos alugados. A maioria das entrevistadas (dezesseis) mora na zona sul^(*), cinco moram em bairros que circundam esta região, duas moram em regiões mais afastadas do centro da cidade - Pampulha e Retiro das Pedras (condomínio fechado) e duas moram no centro (Quadro 3, pág. 185).

Pelo nível dos salários e tipo de trabalho, elas pertencem à classe média. Apesar das desigualdades salariais, não são muito diferentes o tipo de lazer, hábitos, estilo de vida, critérios de atribuição de *status* e prestígio a determinados bens sociais e culturais. São pessoas relativamente intelectualizadas e a metade do grupo entrevistado é ou foi psicanalisado ou se submeteu, ou se submete a outros tipos de psicoterapia. Heilborn em pesquisa com homens e mulheres *gays* reflete, a partir de Velho (1975 e 1986) e Salem (1985), sobre esses dois qualificativos: ser psicanalisado e intelectualizado são "(...) demarcadores

(*) Em Belo Horizonte a zona sul compreende, de um modo geral, bairros residenciais das classes média e média alta, restaurantes e bares "transados" e um comércio variado e fino.

importantes em termos de ethos e estilos de vida (...) tais demarcadores seriam demonstrativos da existência de "fronteiras simbólicas" recortando a aparente homogeneidade da designação camadas médias" (Heilborn, 1992, pág. 103).

Para as mulheres que estão próximas dos quarenta anos (treze), o final dos anos 60 e a década de 70 são referenciais de um modo de comportamento. Novamente recorro à pesquisa de Heilborn para citar semelhanças entre os universos estudados: "Os anos 60 são uma referência para esse universo. A um tempo que se percebem agentes de mudanças, com uma espécie de responsabilidade individual por elas, os sujeitos percebem com clareza, e não podia ser de outro modo, que isso integra uma experiência geracional. Assim, seu discurso remete com frequência a esse tempo instaurador de uma nova mentalidade. Por vezes, em algumas circunstâncias, a identificação do sinal temporal desloca-se para a década de 70" (Heilborn, 1992, pág. 147). No caso das minhas entrevistadas, o "sinal temporal" remete também à década de 80. A fala de Marina⁹ é exemplar:

"(...) eu, se eu tivesse sido uma pessoa normal, que eu não sou, eu vivi uma época, uma década... a minha geração não é normal, eu sou da geração dos exagerados, sou geração Cazuza, Woodstock, tropicália, nós... não tem jeito...

⁹ Marina faz parte do "Grupo 1". Entrevistada em 1992, aos 36 anos. Após vários relacionamentos heterossexuais teve a primeira relação homoerótica aos 29 anos, em 1985. Continua se relacionando com mulheres, porém no intervalo entre um dos relacionamentos, teve um filho. Nível escolar: superior.

frequentei o Jambalaia, o New York City⁽⁹⁾. Nós não somos anos dourados, não agüentamos uma vida muito certinha. O que você viveu não tem jeito de voltar atrás".

A maioria considera-se católica não-praticante. Algumas entrevistadas (sete) mencionaram seus signos, mostrando uma certa atração pelo assunto, inclusive associando a astrologia com suas personalidades.

2.3. - LAZER

Em suas horas de lazer, as mulheres freqüentam restaurantes, bares e boates, vão ao cinema, ao teatro, a *shows* ou promovem festas em suas casas ou casas de amigos. Geralmente praticam algum tipo de ginástica ou esporte. Como se trata de um grupo cuja maioria tem interesse cultural, é comum nas entrevistas referências a passagens de livros, a músicas e filmes. Apreciam também o lazer doméstico, onde assistem filmes em vídeos, jogam baralho, ou dedicam algumas horas por semana a leitura de jornais, periódicos e literatura. Às vezes, aproveitam o fim de semana para passear em sítios de amigos(as) nos arredores de Belo Horizonte (duas - que formam parceria - têm seu próprio sítio). Quando têm oportunidade, viajam para a praia, cidades próximas a Belo Horizonte ou grandes centros como São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador. Nas viagens às duas

⁽⁹⁾ Discotecas que fizeram sucesso em Belo Horizonte, no final da década de 70, freqüentadas por *gays* e heterossexuais. Reunia artistas, intelectuais, militantes políticos, boêmios.

primeiras cidades aproveitam para ir ao teatro, visto Belo Horizonte ser um pouco carente neste aspecto.

2.4. - TRAJETÓRIAS AFETIVO-SEXUAIS

As experiências das entrevistadas apresentam diferentes trajetórias afetivo-sexuais. Para facilitar a compreensão do universo analisado, o "Grupo de Referência" pode ser dividido em três subgrupos: a) as que, pela coabitação ou namoro, tiveram uma ou duas relações heterossexuais significativas em menores períodos de tempo: meses, e até dois, três anos; b) as que tiveram relacionamentos heterossexuais por mais de quatro anos; c) as mulheres cujos casamentos perduraram de sete a vinte e dois anos.

Entre todas, chamam a atenção as experiências heterossexuais de oito entrevistadas. Seis definiram como "obrigatórios" os seus relacionamentos heterossexuais, pois foram motivados por pressões internas ou para corresponder à expectativa da orientação sexual "correta", exigida por suas famílias e redes sociais. Isto não querendo dizer que não tenham gostado dos companheiros. Nutriam sentimentos afetivo-sexuais pelos seus parceiros, sem, contudo, sentirem a intensidade do amor^serótico que teriam passado a ter nos relacionamentos com mulheres. Duas entrevistadas tiveram experiências somente com gays: uma viveu maritalmente três anos com um rapaz, que mantinha contatos homoeróticos esporádicos, com seu conhecimento: outra manteve um namoro, por quase um ano, com um rapaz "assumidamente" gay.

Do "Grupo de Referência", duas mulheres são viúvas e já estavam separadas dos maridos quando eles morreram. Sete foram casadas formalmente durante dois, cinco, oito, quatorze, até vinte e dois anos. Uma delas repetiu a experiência de coabitação três vezes, porém sem oficializar os contatos. Quatro entrevistadas moraram com seus namorados por períodos que vão de seis meses até quatro, cinco anos. As demais (onze) tiveram vários namoros cuja duração variou entre oito meses e cinco anos.

Naturalmente, o tempo gasto nesses relacionamentos é uma variável muito importante. Há namoros de oito meses, casamentos de quatorze anos e até de vinte e dois anos. Contudo, ao formar essa rede de mulheres privilegiei, além do tempo gasto nos relacionamentos, a intensidade e importância das relações passadas. Como o processo do desejo é marcado por impulsos, há mulheres que voltaram a ter experiências com homens, nos intervalos de alguns relacionamentos "homossexuais". Uma delas, depois de viver duas experiências homoeróticas intensas, que duraram quatro anos e dois anos, respectivamente, voltou a ter uma relação breve com um antigo parceiro, em 1993. Ficou grávida, mas preferiu ficar sozinha. Hoje, julho de 1995, mora com a criança e está namorando uma mulher há um ano.

A vivência homoerótica das mulheres é variada. No momento da pesquisa, quatro entrevistadas viviam seus primeiros relacionamentos com mulheres. Elas estavam com suas

parceiras há sete meses, um ano, sete anos e nove anos. Quinze entrevistadas que já tinham vivido alguns relacionamentos homoeróticos anteriores (três a sete), considerados como "**namoros sérios**", estavam se relacionando com suas namoradas atuais há cinco meses, oito meses; um ano, dois, três, sete e nove anos. Cinco mulheres haviam rompido relações que duraram de oito meses a três anos e uma estava namorando um rapaz. Esta última teve algumas relações esporádicas com mulheres e um namoro de um ano.

As entrevistadas e suas parceiras são geralmente da mesma faixa etária ou diferem em três a cinco anos. Apenas cinco mulheres guardam maior diferença de idade entre suas namoradas: oito anos, dez, doze e quatorze anos. Duas dessas mulheres comentaram que quando tinham em torno de vinte e cinco anos namoraram mulheres mais velhas e agora estavam invertendo os papéis. Essa "inversão" de idades é comum em alguns universos homoeróticos masculinos, mas, no caso do grupo entrevistado, apenas duas mulheres salientaram essa mudança.

Todas enfrentaram ou continuam tendo algum tipo de constrangimento devido às suas inclinações sexuais, seja nas relações profissionais, de vizinhança e de família ou na trajetória urbana (nos bares, nas ruas, etc.). Porém trata-se de cerceamentos que não as imobilizam na vivência de suas experiências nas parcerias homoeróticas. Esta descrição, até um pouco cansativa, das características destas mulheres, se

faz necessária para delinear um quadro mais preciso do universo estudado.

2.5. - A GRAMÁTICA CORPORAL

É difícil perceber na aparência da maioria dessas mulheres os signos cantados e decantados pelo "senso comum", que caracterizam a "homossexual" feminina como uma caricatura do gênero masculino. As entrevistadas trazem nos códigos não-verbais modelos visuais femininos contemporâneos e têm a aparência bem cuidada. Nota-se, na maneira de vestir e falar, uma gramática corporal que recusa a imitação do modelo masculino. Por outro lado, há também a negação do modelo feminino típico caracterizado pela mulher "vamp", aquela que faz o gênero fatal, usa roupas colantes, muita maquilagem e acessórios exagerados^(*). Essa gramática corporal contrapõe-se ao gestual de alguns "padrões" da "homossexualidade" feminina: mulheres que procuram se inspirar corporalmente em modelos masculinos, geralmente considerados "tradicionais", caricaturando-os. A fala de Duda, trinta e cinco anos, ilustra esta constatação:

"(...) hoje, as mulheres mais novas que transam são mais gatinhas, é uma questão de idade... com o tempo também a gente vê que não tem necessidade de assumir uma postura máscula. Esse pessoal da minha idade teve que ter uma postura muito agressiva em relação a tudo".

^(*) De todas mulheres ouvidas apenas uma entrevistada do "Grupo 1", e outra do "Grupo 2" aproximam-se deste tipo, que no meio gay é chamada de "mulher-bicha".

Porém nem todas são "gatinhas"^(*). Observei entre as parcerias que um dos pólos inspira-se um pouco no modelo masculino. Segundo as entrevistadas, é comum no meio "gay" a formação de parcerias que reúnem de um lado, mulheres com gestual mais feminino e de outro, aquelas com gestual mais masculinizado. Todavia, na etapa complementar da pesquisa de campo, observei nas entrevistadas modificações sutis, na direção de uma maior feminilidade, no gestual e nas roupas. Inclusive, uma delas comentou que sua imagem estava passando por um processo de "leveza".

Independente das variações da gramática corporal, não percebi entre as mulheres ouvidas a obrigação de alardear uma igualdade em relação aos homens, através da postura corporal e das roupas. Ostentação que talvez tivesse sido necessária na década de setenta, quando da irrupção dos movimentos gays e feministas. As entrevistadas falam que boa parte das mulheres que "assumiram" a "homossexualidade" na década de 80, também procuravam afirmar-se aparentando masculinidade. Hoje, essa postura parece estar bem mais diluída, apesar de haver mulheres, geralmente as assíduas dos guetos gays, mantendo este estereótipo^(**).

(*) Gata ou gatinha são palavras emprestadas do mundo heterossexual, e que no meio gay designam mulheres que tenham uma postura física feminina em oposição à postura da "sapata". São também exemplos de oposição: "lady" x "fanca", "sapatão" x "sapatilha". No mundo heterossexual a gata simboliza uma mulher que lembra a "vamp" e a gatinha designa moças graciosas e bonitinhas.

(**) Por uma questão de ordenação interna das discussões, preferi citar no final do Capítulo 5, exemplos de mulheres freqüentadoras de guetos gays que mantêm este estereótipo.

A fala de Duda é importante porque, além de representar o pensamento de muitas entrevistadas, revela a concepção de que a forma de vestir e tratar o corpo externa um estilo de vida. Em termos da aparência do grupo entrevistado, pode-se traçar um *continuum* entre a feminilidade e a masculinidade encontrando-se, além da gramática corporal, uma série de símbolos usados pelas mulheres ouvidas que ora evocam o masculino, ora o feminino: pulseiras, colares, cordões, lencinhos, maquilagem, corte de cabelo, calças compridas, saias ou vestidos e botinhas. Símbolos tradutores de feminilidade e masculinidade, que no limite aproximam-se do modelo andrógino, mesclando nuances do feminino e masculino. Mas o que é uma mulher feminina, masculina ou andrógina?

"Eu não deixo de ser o que sou, eu sou uma mulher, sou feminina, uso saia, eu passo meu batom". Sandra^(*).

"Tem gente que não tem jeito. Tenho uma amiga que é um amor, uma pessoa sensata, que escuta a gente, hoje tão raro isso... mas o físico é péssimo, a pele, o jeitão de andar, anda com a perna aberta. Agora, no caso da Luisa (sua parceira) ela se veste bem, tem bom gosto. Não gosta de usar sandália, tem cabelo curto, prefere calça com cinto e camisa prá dentro, mas usa brinco, baton. É como se fosse um rapazinho, usa sapato de homem, usa bota, mas ela é muito

(*) Sandra faz parte do "Grupo 1". Entrevistada em 1992, aos 31 anos. "Morou junto" 4 anos com um rapaz. Teve sua primeira experiência homoerótica aos 24 anos, em 1985, com a mesma pessoa com quem se relaciona desde então. Mora com a parceira há um ano. Nível escolar: superior.

feminina. É um estilo. Não posso falar que ela é... sapatão, ela é andrógina". Marina.

- E como é a guarda-roupa?

"É tipo macho mesmo, não liga para a aparência, anda mal arrumada, não faz as unhas...". Marina.

A preocupação da maioria das entrevistadas em se distinguir da espécie "guarda-roupa" ou "sapatão" indica um tipo de fantasma que assombra ou persegue as mulheres homossexuais (Muniz, 1992). Os vários tipos e termos, que em um extremo têm a "gatinha" ou a "gata" como representação do feminino, e, no outro extremo, o "sapatão", encontram na andrógina a espécie mediadora. Essa escala é ampla, abriga uma pluralidade de tipos e termos, mais sociais do que sexuais e apontam nuances que habitam o universo homoerótico feminino. Há também mudanças em uma mesma mulher, de acordo com o momento e a experiência vivida, como sugeriu Tânia, "Na verdade, não existe um termo que agrade e atenda a todos os desejos e anseios". No caso do universo estudado, a aparência feminina e andrógina é construída como um diferencial da lésbica masculinizada. De fato, uma das palavras mais usada pelas entrevistadas é andrógino(a), seja para se referirem ao aspecto físico, seja para definir a possibilidade de uma mulher gostar de outra mulher.

Flávia^(*), por exemplo, tem uma aparência que lembra o modelo andrógino. Veio do interior de Minas e mora com a irmã mais nova. Comenta com humor quando a mãe telefona avisando que vem visitá-la:

"(...) minha mãe tá chegando, deixa eu passar minha saia... (risos) eu usava minissaia, mas atrapalha, prefiro jeans, que é mais prático".

Mas o uso das calças compridas é mais prático ou sinaliza uma atitude? De acordo com a maioria das entrevistadas, ao optarem pelo uso mais constante de calças compridas ao invés de saias, procuram negar o "casal" estereotipado "homossexual" feminino. Na tentativa de fugir desse estereótipo, a escolha da roupa representa uma postura que contribui para evitar o risco de reproduzir a divisão de gênero, masculino/feminino. Ou, como mencionou Tânia, de "mulherzinha submissa". Essa atitude é significativa, porque ao tentar sublevar a relação dominante/dominado, comum nas relações heterossexuais vividas no passado, as entrevistadas procuram uma complementaridade com suas parceiras.

A atual tendência de modelos andróginos, percebida parcialmente no universo estudado, torna-se cada vez mais freqüente nos modelos veiculados pela cultura

^(*) Flávia faz parte do "Grupo 1". Entrevistada em 1992, aos 24 anos. Teve dois relacionamentos significativos com rapazes. Começou a se relacionar com mulheres aos 19 anos, em 1987. No momento da entrevista não estava namorando. Vive com a mesada dos pais que moram no interior de Minas e divide um apartamento com a irmã. Faz curso superior.

cinematográfica, pela televisão, pela moda, pela mídia enfim. Como ressalta o jornalista Hélio Guimarães, personagens ambíguos, travestis, hermafroditas, andróginos não são novidade no "culto da indústria da cultura"⁽⁹⁾. Muitas vezes, os limites entre masculino e feminino vêm sendo representados de forma esmaecida. A novidade, salienta Guimarães, é o vulto que as figuras andróginas ganharam na mídia, desde que a indústria cultural ganhou milhares de dólares com Madonna e Michael Jackson.

Quem influencia quem? A mídia influencia novos modelos ou capta o que observa, projetando essas imagens nas telas dos cinemas, nas capas de revista, nas passarelas da moda, refletindo na moda das ruas?

Em 1992, o homoerotismo feminino começou a ser visibilizado no cinema, através, por exemplo, do filme "Instinto Selvagem" (Basic Instinct), realizado nos EUA, pelo diretor holandês Paul Verhoeven. É possível que tenha antecipado no cinema a imagem da *lesbian chic*, que, meses depois, revistas americanas divulgariam em suas edições. No filme, ao tratar de uma perigosa relação triangular, o diretor coloca, em um dos vértices do triângulo, uma mulher bonita e atraente de gestual feminino, cuja namorada faz o gênero feminino/andrógino.

⁽⁹⁾ Guimarães, Hélio. "Sexo Ambíguo Vira Cult da Indústria Cultural", in Folha de São Paulo, "Ilustrada", 25.03.93.

Personagens andróginos e ambíguos estão cada vez mais presentes no cinema contemporâneo. Pode-se dizer que a ambigüidade sexual, tanto ética quanto estética, faz parte do perfil de vários personagens vistos recentemente nas telas. Na linha dramática, o filme "Traídos pelo Desejo" (The Crying Game, 1993), do diretor irlandês Neil Jordan, explora o modelo andrógino projetando uma sexualidade ambígua em um dos personagens principais. Essa ambigüidade é trabalhada de forma sutil, suscitando, ao mesmo tempo, naturalidade e surpresa.

Ainda no cinema, o espanhol Pedro Almodóvar expõe a ambigüidade de vários personagens no filme "De Salto Alto" (Tacones Lejones, 1991). Já o canadense David Cronenberg, com produção americana e baseando-se em um acontecimento real, filma sua versão de Madame Butterfly, (M. Butterfly, 1993) - o título original já traduz a ambigüidade - em que a atriz principal, a chinesa cantora de ópera, é na verdade um homem. E, da Inglaterra, Sally Potter (em co-produção entre Rússia, França e Itália) dirige a versão cinematográfica de "Orlando", de Virginia Woolf, (1992) tratando também da questão da ambivalência sexual.

Até a China, rigorosa nos valores morais, joga com a ambigüidade estética e sexual de personagens no cinema. "Adeus Minha Concubina", (Farewell to my Concubine, 1993) explora triângulos amorosos, cujos protagonistas mesclam ambigüidade e androginia. De Taiwan, "O Banquete de

Casamento" (The Wedding Banquet, Taiwan/EUA, 1993), trabalha também personagens triangulares, ambíguos e andróginos. Seguindo a tensão dos triângulos amorosos, trabalhando no fio da navalha do desconhecido e do indefinido, a França apresentou "Noites Felinas", (Les Nuits Fauves, 1993), do diretor e ator do filme, Ciril Collard, vivendo uma situação a três com outro homem e uma mulher^(*).

O cinema americano tornou a apresentar o triângulo amoroso no filme "As Amantes", (Three of Hearts, 1993). Neste, conta-se a história de duas mulheres que rompem um relacionamento amoroso após o qual uma delas passa a se relacionar com um homem. Uma das personagens femininas apresenta os signos externos andróginos no gestual, nas roupas e nos acessórios. Expondo igualmente esses signos ambíguos em duas personagens femininas, o filme "Amor e Restos Humanos", (Love and Humains Remains, 1993) do diretor canadense Denys Arcand, explora a situação triangular entre duas mulheres e um homem. E, recentemente (junho de 1995), foi lançado no cinema brasileiro a produção francesa "Uma Cama Para Três" (Gazon Maudit) da diretora Josiane Balasko. Atuando também como atriz no papel de uma "homossexual", ela desestabiliza um casamento entre um homem e uma mulher, provocando o início de um triângulo amoroso, levado à tela em tom de comédia.

^(*) Labaki, Amir. "Indefinições de Todo Tipo Dominam o Cinema", in Folha de São Paulo, "Ilustrada", 25.03.93.

Em 1993, revistas internacionais, como "New York", "Village Voice", "Vogue" e "Vanity Fair", estamparam nas capas e reportagens internas fotos de mulheres com outras mulheres em poses invocando o homoerotismo. O termo *lesbian chic* foi lançado pela revista "New York", numa demonstração de que o estereótipo da mulher "homossexual", enquanto caricatura do modelo masculino, estaria em transformação. As *lesbians chics* aparecem como figuras femininas, esguias, bonitas. Muitas vezes suas imagens remetem a rapazes delicados⁽⁹⁾.

A mídia brasileira absorve de forma específica esses modelos. Na televisão, em 1993, a "novela das oito" da Rede Globo - Renascer - apresentava Buba, um personagem que encarnava a androginia. A novela do horário das sete - Deus nos Acuda - lançava o personagem Gino, que em um final feliz deveria se transfigurar na *drag-queen* Gina e partir com o namorado para os mares da Grécia. Mas, a ambigüidade representava muita ousadia para a televisão brasileira, especialmente no horário das sete horas. Ainda não foi dessa vez que um casal "homossexual" masculino assumiria seu romance proibido. A poucos capítulos do final da novela, foi "sugerido" ao autor,⁵ pelo diretor da emissora, que modificasse um desfecho tão marginal. Gino acabou

⁽⁹⁾ Palomino, Erika. "Anos 90 trazem "lesbian chics" in Folha de São Paulo, "Ilustrada", 07.08.93.

assassinando seu parceiro, tornando o final da história marginal e perverso⁽⁷⁾.

O filme "Instinto Selvagem" (Basic Instinct), motivo de muita discussão na comunidade gay americana, suscitou depoimentos de cantoras e atrizes brasileiras sobre suas posturas homoeróticas registrados na revista "Isto É"⁽⁸⁾.

Também no mês de junho de 1992, as revistas "Ele e Ela" e "Marie Claire" veicularam matérias sobre a "homossexualidade" feminina intituladas, respectivamente, "Lesbianismo" e "Mulheres que Amam Mulheres". Essas reportagens foram comentadas por muitas entrevistadas. Apesar de discordarem de um aspecto ou outro de seu conteúdo, mostravam-se animadas com o processo de visibilização do homoerotismo feminino.

No segundo semestre de 1994, As revistas "Veja" e "Isto É", esta última em reportagem de capa, trouxeram matérias com depoimentos de mulheres que amam mulheres e "assumem" os relacionamentos. Embora as entrevistas denunciem vários problemas decorrentes do amor homoerótico feminino, as

⁽⁷⁾ Migliaccio, Marcelo. "Globo Muda Final Gay de "Deus nos Acuda", in Folha de São Paulo, "Ilustrada", 22.03.93. Passados dois anos e meio deste episódio, o enfoque da questão homossexual pela mesma emissora, parece estar mudando. A "novela das oito" da Rede Globo - A Próxima Vítima, trata novamente do homossexualismo masculino e seu autor, Sílvio de Abreu quer "(...) que o homossexualismo seja encarado com naturalidade". E diz: "A reação das pessoas à trama tem sido muito boa". Lemos, Antonina. "Quero falar uma coisa: sou homossexual", in Folha de São Paulo, "Folhateen", 07.08.95.

⁽⁸⁾ Sabino, Mario. "Prazer Camaleão", in "Isto É", "Comportamento", no. 1184, 10.06.92.

reportagens enfatizam o fato de que as mulheres estão deixando de se masculinizar ao amar outras mulheres. Igualmente às mulheres entrevistadas na minha pesquisa, os depoimentos das revistas valorizam o desenvolvimento do *ethos* feminino cada vez mais presente entre as homoeróticas^(*). Porém, o que mais impressionou algumas entrevistadas foi a propaganda da *Du Loren*, que tem sido veiculada desde o início de 1995, nas revistas "Marie Claire", "Revista da Folha", entre outras^(**). Nessa propaganda aparecem duas mulheres bonitas usando peças íntimas, em uma pose claramente homoerótica. O impacto maior ficou por conta da mesma peça publicitária, estampada em uma das páginas principais do maior jornal de Minas Gerais, o "Estado de Minas"^(***).

Os exemplos na mídia, em geral, são muitos. O importante é registrar a indefinição dessas personagens, denominados por Costa (1993) como "figuras de transição". O psicanalista relaciona o interesse da mídia pelos personagens andróginos com o poder que os grupos militantes "homossexuais" vêm adquirindo ultimamente. Desde quando a apropriação indevida da "homossexualidade" começou a gerar manifestações de

(*) Vitória, Gisele. "Um Toque Feminino", "Comportamento", in "Isto É", no. 1298, 17.08.94; Especial Mulher, A Grande Mudança no Brasil, "Veja", no. 1351, agosto-setembro, 1994.

(**) Refiro-me às mulheres entrevistadas em fevereiro de 1995.
 (***) Não foi possível localizar o número do jornal citado, mas duas entrevistadas afirmaram que a propaganda saiu na edição de domingo, no início do mês de fevereiro de 1995. A publicidade foi repetida na matéria "Amor Entre Mulheres", no caderno feminino, do mesmo jornal em 30.04.95.

resistência pelos ativistas, "restou à indústria ocupar o terreno baldio dos personagens de transição"⁹.

Além desse fator, ao tentar recuperar a imagem da lésbica, no caso das diversas revistas citadas, a propaganda visa atingir tanto o mercado "homossexual" quanto o mercado heterossexual feminino e masculino. O poder de venda do homoerotismo feminino, além de despertar a curiosidade, alimenta a fantasia erótica de vários públicos.

Como registrado anteriormente, grande parte das entrevistadas tem interesse cultural, sendo comum, nas entrevistas referências a passagens de livros, músicas e filmes. No caso dos filmes aqui comentados nem todos foram vistos pelas entrevistadas, mas existe uma curiosidade e um consumo da literatura, do cinema e dos programas de televisão ligados ao tema do homoerotismo.

⁹ Guimarães, Hélio. "Sexo Ambíguo Vira Cult da Indústria Cultural", in Folha de São Paulo, "Ilustrada", 25.03.93.

CAPÍTULO 3 - CENAS DE UM CASAMENTO

3.1. - TODO DIA ELE FAZ TUDO SEMPRE IGUAL...

Fazer o levantamento do passado dessas mulheres é uma tarefa intrincada, porque as experiências foram diversas, algumas singulares, e não há um padrão de sensibilidade e comportamento. Percebem-se vários níveis de queixas e insatisfações em meio aos prazeres e alegrias que, também, permeavam os relacionamentos passados. O descaso dos homens frente às tarefas domésticas e a conseqüente sobrecarga para as mulheres; a fantasia constante da traição com que o homem alimenta seu desejo e a obrigação de seduzir as mulheres; o abandono de responsabilidades nas horas críticas; a pobreza das relações com o homem porque este não explicita seus sentimentos temendo compromissos e cobranças; o comportamento machista e a tentativa de controlar os relacionamentos são insatisfações que aparecem nas entrevistas sem, no entanto, seus motivos constituírem um bloco único, uma unanimidade.

Porém, há pontos comuns em quase todas as falas. Uma narrativa exemplifica:

- Marina chega em casa depois de um dia de trabalho. Encontra a casa desarrumada. Jornais e revistas jogados no chão da sala, roupas espalhadas pelo quarto de dormir, a pia da cozinha cheia de louça suja. Cansada, sente-se completamente desanimada diante da desordem e do serviço que tem pela frente. Reclama:

"Você trabalha fora, eu também trabalho fora, então por que quando eu chego em casa tenho de fazer tudo? Se um dia eu adoecer ou viajar essa casa acaba, porque você não cuida dela. Por que só eu tenho que cuidar da casa que é nossa?".

A situação se repete ao longo dos dias. O cotidiano doméstico permeado por essas cenas é desgastante. Uma tarde não agüenta mais e explode:

"Tá bom, eu faço tudo, você só põe água no filtro... (porque o filtro era alto, mas nem água no filtro ele punha)".

- É noite. Marina prepara-se para ir a uma festa na casa de amigos. Quando já está pronta e bonita, passeia pela sala com o vestido preto novo. O companheiro sobressalta-se: "Você vai sair com esse vestido, justo e decotado desse jeito? Você esquece que é uma mulher casada?".

Marina comenta a cena citada:

"O homem é assim, determina os papéis, isso você pode, isso você não pode, você é casada para determinadas coisas."

A mulher não aceita mais ter que dividir a conta com o cara e ter que aceitar o machismo dele, a dominação, então ela vai morar sozinha..."^(*).

Refletindo sobre o casamento heterossexual, Sônia^(**) diz:

- "Talvez seja isso que cansa. O homem é só aquilo, é muito só aquilo. A mulher tem que sair, tem que trabalhar, tem que fazer a casa, tem que fazer a educação dos filhos, tem que fazer o marido (...) ela faz o próprio homem, ela está criando o filho dela. Os homens são muito desinteressantes. São muito cotidianos".

Essas situações, se por um lado dizem sobre concepções de gênero, também mostram trocas assimétricas entre os parceiros. Olhando para o passado, tanto Marina e Sônia quanto outras entrevistadas observam uma desigualdade nas relações conjugais, chegando quase a uma impossibilidade de negociação. Diferente de hoje, quando existiria maior disposição entre os relacionamentos homoeróticos dessas mulheres de barganhar no dia a dia a satisfação de seus interesses e as tarefas da administração doméstica.

No caso de Marina, a tônica está na insatisfação vivida dentro da casa, na divisão de tarefas, esbarrando na questão do poder entre os parceiros. Essa queixa remete à postura do

^(*) Ver referência sobre Marina na página 42.

^(**) Sônia faz parte do "Grupo 1". Entrevistada em 1990, aos 30 anos. Sua primeira experiência homoerótica foi aos 22 anos, em 1982, depois de namorar alguns rapazes. Foi casada durante 4 anos e voltou a se relacionar com mulheres. Mora com um primo. Nível escolar: superior.

companheiro em não dividir o trabalho doméstico, ultrapassa o domínio privado e atinge as relações sociais, públicas. Sua fala traduz um conflito que encontra eco na pesquisa de Marina Massi: "O fator organizador do trabalho fora de casa é o doméstico, o importante para as mulheres é equacioná-lo de modo a permitir-lhes trabalhar fora. Nesse sentido, o trabalho doméstico ainda é "coisa de mulher" e não "coisa de homem" ou "coisa de casal" (Massi, 1992, pág. 57). Massi acrescenta que tanto os homens quanto as mulheres ainda têm como referência um modelo antigo da vida doméstica. Com a entrada da mulher no mercado de trabalho, somada a outros fatores, houve uma mudança na conjuntura social. No entanto, essa mudança no domínio público não foi acompanhada na esfera doméstica. Daí uma crise de representações no que é "coisa de homem" e "coisa de mulher", conclui a autora (Massi, 1992, pág. 57).

Portanto, nota-se nos relacionamentos passados de algumas dessas mulheres uma assimetria nas concepções de gênero, isto é, a inexistência de relações de solidariedade entre os parceiros diante da organização das atribuições domésticas cotidianas.

No caso de Sônia existe um elemento agravante que é a referência aos filhos. A freqüente solicitação dos maridos e das crianças é vista como um fator entediante e desgastante nas relações. A queixa de Sônia revela que o marido ao solicitar tanto, transfere-se para a posição dos filhos,

passa a ocupar o mesmo lugar onde estão situadas as crianças na constelação familiar.

Da mesma forma, Massi encontrou em sua pesquisa depoimentos semelhantes sobre o excesso de solicitação e cobrança do cônjuge e dos filhos: "Às vezes, a mulher sente o próprio marido como uma criança que também demanda arbitrariamente sem ter fim. Parece que ela passa a ser a mãe de todos da casa e a responsabilidade torna-se insuportável (...)" (Massi, 1992, pág. 69).

Percebe-se, nas entrevistas, um certo desânimo diante do cotidiano, que se apresentava como uma repetição, sem lugar para a aventura, para o novo. Esse descompasso de sensibilidades gerava insatisfações no dia-a-dia, que se não chegavam a ser sufocantes, eram incômodas.

3.2. - A POLÍTICA DO SILÊNCIO

Ao contrário de Marina, trinta e seis anos, que enfrentava seu marido ou companheiros tentando negociar seus direitos, a entrevistada de sessenta anos viveu outra realidade.

O que ela lembra do passado? Não tinha coragem de explicitar sentimentos e desejos. Nem sempre queria "transar", mas "transava". Dependia do marido, psicológica e financeiramente. Vivia um clima de medo. Medo do casamento acabar, medo de acabar com o casamento. Medo de ficar

sozinha e de enfrentar a "barra" do preconceito social a ser gerado pela separação. Diante de tantos medos, silenciava.

Carmem^(*) é um exemplo dessa geração. Faz queixas um tanto evasivas da vida sexual. Era submissa, "transava" sem ter vontade e, calada, viveu um casamento que ela considerou convencional. A apatia e o silêncio, entre outros motivos, possibilitaram que o casamento durasse vinte e dois anos. Um casamento "tradicional", de insatisfações silenciosas.

Vinte e dois anos. Afinal, foi um tempo em que os laços matrimoniais eram considerados mais indissolúveis e o controle da sexualidade mais rígido. O modelo reprodutivo tinha seus alicerces "(...) no sistema de alianças (...) na submissão jurídica e social da mulher ao homem e na identidade familiar" (Loyola, 1991, pág. 6). A pesquisa de Loyola, entretanto, assinala que esse modelo "tradicional" está passando por transformações, apontando para novas direções nas relações de gênero (Loyola, 1991, pág. 6).

3.3. - A PRÁTICA DA SEXUALIDADE

É inevitável que o grupo entrevistado, ao tratar a sexualidade vivida com seus maridos ou namorados, teça comparações com a sexualidade exercida hoje, em parceria

(*) Carmem faz parte do "Grupo 1". Entrevistada em 1990 aos 60 anos. Foi casada durante 22 anos. Tem três filhos adultos. Teve sua primeira experiência homoerótica aos 52 anos, com a mesma parceira com quem se relaciona. Entrevistada novamente em fevereiro de 1995, continuava com esta parceira, morando na mesma casa. Nível escolar: superior.

feminina. Porém, vou procurar centralizar neste tópico as referências à sexualidade heterossexual passada, tendo em vista que as práticas atuais serão tratadas no sexto capítulo.

Ao lidar com o conceito de homossexualidade, originário dos estudos teóricos do século XIX, a literatura médica e psiquiátrica tradicional tem como uma de suas maiores preocupações a compreensão da gênese da homossexualidade. Na busca da origem da "homossexualidade" feminina, essa literatura costuma considerar, como uma das causas do "desvio" as experiências frustrantes e traumáticas que as mulheres teriam tido com parceiros masculinos (Caprio, 1965).

Uma série de interpretações médicas assinaladas por Mott, no trabalho "O Lesbianismo no Brasil" (1987), reitera esse pensamento através de um panorama amplo sobre este tipo de análise no País. Retornando até a época da descoberta, faz um percurso histórico pelos trabalhos de médicos e juristas, passando também pela literatura, música e cinema. A obra rompe com a visão médico/jurídica desta prática, embora sua preocupação seja mais "militante" do que conceitual. Como Caprio (1965), Mott encontra nas falas de algumas mulheres brasileiras da atualidade, queixas de experiências frustrantes ou traumáticas com parceiros masculinos, como um fator causador da busca de parcerias femininas.

Na minha pesquisa, apenas uma minoria das entrevistas indica frustração nas relações sexuais passadas. Mesmo assim, as mulheres, com reclamações dos antigos parceiros, não conferem apenas às práticas sexuais os fatores motivadores da busca de relações com mulheres. Na verdade, algumas falas atribuem à sexualidade o fator motivante da vontade de conhecer intimamente outra mulher, mas, mais no sentido de seguir o processo do desejo do que de compensar uma falha no relacionamento heterossexual. São exemplos as falas de Laura e Bernadete^(*).

"(...) acho que é desejo mesmo. São aquelas coisas incontidas, contidas, (ri do ato falho) lá dentro, incontidas e não contidas que à medida que o mundo vai mudando, vai abrindo, vão ficando incontidas. Quem gosta de homem, cara, é difícil gostar de mulher, tem mulher que gosta mesmo, não abre definitivamente, que só goza com a penetração". Laura.

"Tive alguns relacionamentos que duraram cerca de um ano. Eram relacionamentos bons. Não aconteceu nada de desagradável. Foi um desejo interno. Comecei a sonhar com

^(*) Laura faz parte do "Grupo 1". Entrevistada em 1991, aos 47 anos. Foi casada durante 14 anos. Tem três filhos adultos. Teve várias experiências homoeróticas e no momento da entrevista estava com a parceira há 9 anos, morando na mesma casa. Nível escolar: superior.

Bernadete é do "Grupo 1". Entrevistada em 1991, aos 27 anos. Depois de alguns namoros heterossexuais teve a primeira experiência homoerótica com a mesma parceira com quem se relaciona há cerca de um ano. Mora com os pais. Nível escolar: médio. Entrevistada novamente em 1995, aos 31 anos. Continuava com a mesma parceira.

mulheres e quis ver qual era. Hoje eu consigo me soltar mais, então não dá para comparar. Mas, é totalmente diferente a forma de conviver. Com os homens eu controlava mais os relacionamentos (...) às vezes penso em voltar a transar com um homem para ver como seria hoje". Bernadete.

Em função do tempo decorrido (três anos) entre os relacionamentos heterossexuais e a vivência atual, Bernadete não se sente apta a confrontar as práticas sexuais que conhece, e situa a diferença entre o amor masculino e feminino na forma de conviver. No campo das comparações, praticamente inevitáveis, as queixas recorrentes enfocam o ritmo das relações sexuais e a falta de continuidade no relacionamento após essas práticas. Na verdade, os depoimentos indicam diferenças existentes na estrutura do ato sexual entre um homem e uma mulher e entre duas mulheres. O ritmo do homem é mais rápido, muitas vezes apressado, com um fim objetivo a ser atingido. Ao atingir esse objetivo o homem sai daquele contexto, sai do clima, e traz a mulher de volta para a realidade cotidiana. É ilustrativa a fala de Patrícia⁹:

"Os homens que eu transei até hoje são uns incompetentes. Eles não sabem como tocar uma mulher, você tem que ficar ensinando, uma chatice, não é preconceito, eles são muito

⁹ Patrícia é do "Grupo 1". Foi entrevistada em 1992, aos 30 anos. Relata uma paixão por uma amiga na adolescência. Depois teve vários namorados. Passou a ter relações homoeróticas, em torno dos 25 anos. No momento da entrevista namorava uma moça há 5 meses e estava saindo da casa dos pais. Nível escolar: superior.

rápidos, não sabem o que é beijar cada pedacinho do seu corpo, sentir o cheiro, o paladar, goza depressa demais e depois que gozou acabou (...) o homem não sabe transar a emoção, com a mulher não pára. Já com o homem não: se ele goza, ele dorme, se ele não dorme, ele fuma... (risos) não que a mulher não fume, mas ele faz alguma coisa diferente, ele sai dali, ele sai do contexto, a mulher fica no contexto, porque sexo para ela não é gozar e pro homem é".

É interessante como vários depoimentos corroboram uma reflexão de Beauvoir de 1949, demonstrando que as práticas sexuais entre os sexos opostos esbarram em diferentes concepções da sexualidade.

"O prazer do macho sobe como flecha; ao atingir um certo ponto realiza-se e morre abruptamente no orgasmo: a estrutura do ato sexual é finita e descontínua; o gozo feminino é irradiado pelo corpo inteiro: nem sempre é centrado no sistema genital (...). O homem, depois do coito, sinte-se triste ou alegre, enganado pela natureza ou vencedor da mulher, sempre renega a carne, volta a ser um corpo íntegro, quer dormir, tomar um banho, fumar um cigarro, dar um passeio ao ar livre. Ela gostaria de prolongar o contato carnal até que o encantamento que a fez carne se dissipe por completo; (...)" (Beauvoir, 1949, págs. 135 e 137).

Neste trecho de Beauvoir, e, na fala acima citada é importante ressaltar marcas das classificações de gênero nas

características da sexualidade. A estruturação diferente dos atos sexuais, os ritmos descoordenados, a sexualidade programada, a pressa em atingir um fim, a falta de continuidade depois do ato, o excesso de palavras, em função das sensibilidades e raciocínios serem diferentes, são reclamações manifestas de algumas entrevistadas.

Porém, nem tudo eram espinhos. Apesar das diferenças, o contato dos corpos era bom para a maioria das mulheres, não chegando a configurar uma frustração constante. Vale ressaltar que nos relacionamentos com mulheres esse contato tornou-se mais completo, fluido e contínuo, em consequência; mais prazeroso. E, como mencionei anteriormente, essas falhas e descontentamentos não constituem uma unanimidade. É exemplar o que fala Fernanda^(*) ao considerar a anatomia dos sexos opostos como facilitadora do encontro dos corpos:

"(...) o sexo com o homem, porque tem a penetração, ao mesmo tempo que ele está tendo prazer, ele está te dando prazer também, então isso facilita demais a vida sexual".

É importante mencionar a evidência demonstrada nas entrevistas de que a procura de parcerias femininas passa ao largo do espectro da AIDS. Nenhuma das entrevistadas atribuiu à disseminação da doença a disposição de procurar outras mulheres para se relacionarem afetiva e sexualmente.

^(*) Fernanda é do "Grupo 1". Foi entrevistada aos 44 anos, em 1992. Foi casada e tem dois filhos. Após a separação teve várias relações homoeróticas. No momento da entrevista namorava um rapaz. Mora com os filhos. Nível escolar: superior.

Apesar de Muniz (1992) e Heilborn (1992) aludirem à estudos ou à inclinação da mídia em relacionar o surgimento da AIDS com uma maior visibilidade da homossexualidade feminina, ou mesmo um aumento do lesbianismo, não encontrei entre minhas entrevistadas esse tipo de interpretação.

"Não, acho que não tem nada a ver, é o desejo mesmo".

Laura.

"Não, acho que é mais a questão da postura, de querer a companhia das mulheres. Elas são mais companheiras, mais próximas. Acho que é isso que as mulheres estão querendo".

Mônica⁽⁷⁾.

Aliás, a possibilidade de transmissão do vírus da AIDS de uma mulher para outra é pouco mencionada pelos meios de comunicação no Brasil, quando informam sobre os índices progressivos da doença. As pesquisas abordam a possibilidade de contágio na prática sexual entre o homem infectado e outra mulher, da mulher infectada para o homem e do homem infectado para outro homem. E, da mulher para a mulher? Essa omissão significa que o homoerotismo feminino, apesar de mais visibilizado, continua nas sombras? Inclusive, os folhetos sobre a prevenção da AIDS, distribuídos pela

⁽⁷⁾ Mônica é do "Grupo 1". Entrevistada em 1991, aos 35 anos. Teve vários namorados e a primeira experiência homoerótica em torno dos 23 anos. No momento da entrevista estava namorando uma moça há um ano. Mora sozinha. Nível escolar: superior. Foi entrevistada novamente em 1995 e continuava com a mesma parceira.

Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, não citam relações sexuais entre mulheres.

Ao pesquisar sobre o assunto, obtive a seguinte informação: a omissão da probabilidade de riscos de contágio entre duas mulheres assenta-se no fato de que, no mundo, foram detectados 200 casos possíveis de terem sido transmitidos de uma mulher para outra. Desses, em apenas um caso, localizado nos EUA., foi confirmado que a transmissão se deu através da relação oral entre duas mulheres. A vítima foi a passiva. Os 199 casos restantes de AIDS possíveis de contágio de uma mulher para outra não puderam oferecer uma etiologia correta em função de haver outras variáveis em jogo, como uso de drogas injetáveis ou relações "bissexuais"^(*).

^(*) Disque AIDS. Programa de Prevenção à AIDS. Secretaria de Estado da Saúde. São Paulo. Informações obtidas em setembro de 1994.

CAPÍTULO 4 - O PROCESSO DO DESEJO

O momento em que as mulheres começam a viver suas primeiras experiências homoeróticas é muito importante, não só em virtude da elaboração de um processo interno de auto-aceitação, como pelo enfrentamento de uma série de situações externas: a família, a vizinhança, o ambiente de trabalho, a vida social.

Na verdade, esse enfrentamento faz parte de um só movimento, que Pollak chama de *coming out* - "(...) a integração no meio homossexual e a afirmação sem angústia da homossexualidade para o exterior (...)" (Pollak, 1987, pág. 61). O autor adverte que raramente esse processo é bem-sucedido. Ao analisar a homossexualidade masculina, observa que superar a "gestão esquizofrênica" é, para a maioria dos homossexuais, um dos fatores impeditivos de sua integração com a sociedade. A cisão nasce com a dificuldade de romper com a socialização primária orientada exclusivamente para a vida heterossexual e a interiorização das regras impostas pelo meio. O sucesso da evolução do *coming out* depende da superação dessa cisão, geradora de "(...) complexos de culpa e ódio de si mesmo" (Pollak, 1987, pág. 61).

A reflexão de Pollak pode servir de parâmetro para investigar como se deu esse processo com as mulheres entrevistadas.

Acredito que o *coming out* possa ser interpretado como o resultado de um movimento, à medida que a iniciação das primeiras experiências homoeróticas pode estar distanciada, no tempo, das primeiras manifestações do contato com outras mulheres. Como vários outros aspectos do homoerotismo feminino, essa passagem foi igualmente vivida em fases de vida diferentes e de formas diversas para as mulheres entrevistadas. Todavia, uma das entrevistadas foi ter o primeiro contato homoerótico aos cinqüenta e dois anos, sem mencionar qualquer sentimento de latência que se remeta à adolescência.

A maioria recorda-se de, na adolescência, ter sentido atração ou mesmo paixão por amigas da mesma idade, amigas mais velhas, ou professoras de escola. Uma delas comenta que sabia ser "**entendida**" desde os nove anos de idade. Algumas iniciaram "**brincadeiras**" ou jogos eróticos com as amigas. Digo "**brincadeiras**" em função das entrevistadas sugerirem que, curiosas, iniciavam-se nos jogos do amor um pouco às cegas sem saber como prosseguir ou lidar com as emoções que as tomavam de assalto.

Outras disseram-se "**surpreendidas**" quando aos vinte, trinta ou cinqüenta anos se viram envolvidas em relações afetivo-sexuais com mulheres. Quase todas afirmam que, mesmo

tendo sentido anteriormente atrações passageiras por amigas, nunca tinham imaginado que um dia viriam a se envolver de forma tão significativa com pessoas do mesmo sexo. Mas o sentimento do proibido, estando no limite do interdito ou diante de um problema, fez parte do processo do desejo de todas entrevistadas. O que vem a ser esse problema?

Costa (1992), na análise de um grupo de homoeróticos masculinos, sugere uma definição de problema que pode ser aplicada ao conflito vivido por essas mulheres. Para o psicanalista, o "(...) problema tem o sentido de aspecto da identidade socialmente desaprovado ou de traço da personalidade que, uma vez manifesto em desejos ou atos, não tem como ser acolhido satisfatoriamente pelos hábitos culturais dominantes. O "homossexualismo" é problemático na medida em que, para ser aprovado ou tolerado, precisa promover uma alteração nos códigos morais existentes ou na hierarquia de valores que o condenam a uma 'posição inferior'" (Costa, 1992, pág. 132).

No caso do universo estudado, as mulheres enfrentaram uma série de problemas. Contudo, ao contrário do sugerido por Pollak, a maioria foi bem sucedida no processo do *coming out*, objeto de discussão deste capítulo e entre outros temas, dos seguintes.

Neste capítulo, considerando as diferenças dos sentimentos vividos e de idade das primeiras manifestações da inclinação homoerótica, pensei inicialmente dividir o

universo analisado em dois grupos. O primeiro grupo incluiria as mulheres que ainda adolescentes começaram a ter consciência do desejo interdito. Constitui-se da maioria do recorte estudado. No segundo grupo estariam aquelas que se sentiram atraídas por mulheres na idade adulta, não mencionando sentimento de latência no passado.

Apesar desse recorte ser esquemático, correndo o risco de resvalar para um raciocínio simplista, considerava importante segui-lo, procurando manter-me fiel ao relato das entrevistadas. Esse esquema, contudo, poderia suscitar inúmeros questionamentos subjetivos sobre o percurso do desejo. Qual é a idade "real" das primeiras manifestações homoeróticas? Essas manifestações já não existiam de forma inconsciente desde idades mais remotas? Qual o tempo gasto para que esses desejos atinjam a consciência? Sem desprezar a validade dessas questões, meu lugar, como antropóloga, é relatar os depoimentos da forma em que apareceram nas entrevistas. Meu interesse está mais centrado no que elas dizem, sentem, fazem e acham que fazem, do que verificar o que elas fazem de fato. Esta postura se sustenta, inclusive, porque as falas das "nativas" foram sendo construídas na relação estabelecida comigo durante as entrevistas. Ou seja, como salientei no primeiro capítulo, os sujeitos no momento das entrevistas fazem uma retrospectiva de suas vidas e, nessa reconstrução, a fantasia se mescla ao real. Entretanto, essa posição não me impede de tentar compreender o discurso que permeia a reconstrução de suas histórias.

Feita essa ressalva, ao examinar mais atentamente os relatos das entrevistadas, concluí que, na verdade, as situações de se descobrir atraída pelo mesmo sexo na adolescência ou na idade adulta resultam em conflitos que fazem parte da mesma problemática. Problemática de enfrentamento interior, traduzido na auto-aceitação, e de enfrentamento exterior (grupos primários como a família e o trabalho e outras redes de sociabilidade). O fator que distingue os diferentes momentos da "descoberta" da inclinação homoerótica, reside na "surpresa" de se sentir atraída por um objeto sexual^(*) de caráter transgressor. Mesmo o fator idade tem um peso relativo. Tanto entrevistadas de vinte quanto de cinqüenta anos reagiram de forma conflitiva ao perceberem "esta estranha atração"^(**). A história pessoal, o grau de envolvimento na rede familiar e

(*) Inicialmente Freud designa de "objeto sexual", "a pessoa de quem procede a atração sexual" (Freud, 1905, pág. 136). Irá reformular sua teoria, mais tarde, refletindo: "parece provável que a pulsão sexual seja independente de seu objeto e não deve sua origem às excitações emanadas dos atrativos do mesmo" (Bezerra Júnior, 1988, pág. 61). Finalmente, em 1915, definirá o objeto como "aquilo no qual e pelo qual o objetivo é atingido" (Bezerra Júnior, 1988, pág. 62). Sendo que objetivo define-se como: "(...) o ato ou atos para os quais a pulsão tende e que propiciam a descarga de tensão e a obtenção do prazer)" Bezerra Júnior, 1988, pág. 63).

"Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); o seu alvo é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no *objecto* ou graças a ele que a pulsão pode atingir o seu alvo". Laplanche, J., Pontalis, J. B. Vocabulário de Psicanálise, 1977, pág. 506.

(**) "Essa Estranha Atração" (*Torch Song Trilogy*, EUA, 1988) - Direção: Paul Bogart. Apesar de tratar do homoerotismo masculino, este filme foi citado por muitas entrevistadas com referências elogiosas por sua abordagem "aberta".

o grau de compromisso na rede profissional e social são os fatores que mais pesam na forma de lidar com os conflitos.

E quais são esses conflitos? Algumas recordam-se das primeiras manifestações do homoerotismo na adolescência e localizam os problemas vividos basicamente em duas áreas: familiar e social. Na esfera doméstica, temiam a descoberta desse desejo pelas famílias, quer a sexualidade transgressora fosse expressa em namoros escondidos e esporádicos com amigas, quer a vontade de contato com outras mulheres fosse "descoberta" pelo universo exterior, mesmo que esse impulso ficasse apenas no nível do desejo. Na esfera social, temiam a marginalização na escola ou redes de sociabilidade em que estavam inseridas. Algumas moravam em cidades do interior de Minas Gerais, fato exacerbador desses temores. O medo, a vergonha, a culpa, a perda da naturalidade, enfim, o sentimento de estar convivendo com um objeto sexual socialmente errado permeavam a subjetividade dessas mulheres. Na dúvida, namoravam os amigos, no sentido de legitimar um lugar social ameaçado.

Como observou Costa (1992), quando vivemos em uma sociedade que divide os sujeitos em "heterossexuais" e "homossexuais", sendo comportamento obrigatório, naturalmente, o primeiro, manifestações do desejo que contrariem esse pressuposto, seja na ordem do desejo ou do comportamento, geram conflitos ou problemas. Esses problemas só serão superados à medida que os sujeitos "(...)

reavaliarem ou não o teor do preconceito" (Costa, 1992, pág. 132).

4.1. - A SURPRESA DO CORPO FEMININO

Apesar das diferenças sobre as "explicações" das entrevistadas para a inserção no mundo homoerótico, existe um fator comum entre essas "motivações". Ser impulsionada pela mãe; motivada por sonhos; pelo relacionamento ou namoro com amigos(as) *gays* ou pela curiosidade de ir a uma boate "entendida" são fatores que funcionam como "mediadores" para a entrada nesse universo. Ao contrário do que quer o "senso comum", esses mediadores não são necessariamente concretizados na presença de alguém. Como observa Muniz, e as mulheres por mim entrevistadas comprovam, a possibilidade de inserção no universo homoerótico não prescinde de um "contato empírico", mas se oferece como uma alternativa vislumbrada através de "imagens e signos" desse universo. Entretanto, essa iniciação dá-se em um contexto regido pela "política do segredo", compartilhada pelos inscritos no universo *gay*, através de códigos próprios, mas sem perder a característica de uma inserção reservada. (Muniz, 1992, págs. 175 e 178).

O espaço entre o primeiro contato com outra mulher até o concretizar da paixão dos corpos ocupou tempos diferentes na vivência das mulheres. Olhares e "paqueras" em bares, boates, festas de trabalho em Belo Horizonte ou no interior de Minas Gerais, até contatos em territórios mais distantes,

como as areias quentes de Arraial da Ajuda (Bahia), foram igualmente formas de iniciação no homoerotismo.

Os contatos dos corpos às vezes foram instantâneos, às vezes demoraram dias e meses para "acontecer". Cartas de amor, telefonemas, amigas "cupido" contribuíram para facilitar a realização de um impulso que, com muita freqüência, atravessou na contramão de uma história supostamente já escrita. Insegurança, hesitação, medo, sentimentos de explorar um território "exótico" permearam as paixões nascentes e o encontro surpreendido dos corpos. O que fazer com essa nova sensibilidade sem rumo certo e que, na impossibilidade de ser totalmente compreendida, ora fascinava, ora assustava? Como lidar com esse querer e negar ao mesmo tempo? Como percorrer esses novos corpos tão semelhantes, mas ao mesmo tempo "desconhecidos", já que tudo era tão diferente do que tinha sido aprendido na escola da heterossexualidade? Afinal, como se deu "a virada"?

"(...) A virada... eu me apaixonei por uma mulher, conheci numa boate, eu era casada (...) a primeira vez foi muito esquisito, eu não sabia se estava gostando ou não, achei que era uma aventura, fazer uma incursão em um território que você não conhece, é o exótico, eu pensava que era isso. A vontade ia aumentando, de encontrar, de ver, aí começou uma transa mesmo, aí eu descobri o corpo de outra mulher, aí achei fantástico". Tânia.

O depoimento de Tânia é representativo de todo esse estranhamento vivido por várias entrevistadas nos primeiros contatos homoeróticos. Porém, no caso de Tânia, assim como de outras entrevistadas, houve um fator facilitador para a elaboração do ingresso no universo "homossexual". Militante política e ativista, Tânia elaborou o processo de *coming out* com relativa tranqüilidade, ancorada nas discussões e convívio dos círculos que freqüentava. Há outras mulheres no grupo entrevistado, que mesmo não estando filiadas a grupos ativistas, têm um nível de politização diante da visibilidade do homoerotismo que lhes facilitou, relativamente, lidar com as tensões geradas pela "opção" sexual.

Outras mulheres, não tendo o suporte das discussões ideológicas, procuraram apoio em sessões psicoterápicas. O processo terapêutico fez ou faz parte da vida de cerca da metade das entrevistadas. Seja a psicanálise Freudiana ou Lacaniana ou terapias corporais, essas técnicas serviram de apoio ou abriram caminhos para a "busca de suas verdades" (Foucault, 1985). No curso das psicoterapias a subjetividade foi sendo reconstruída. Algumas já faziam terapia antes de iniciarem as relações homoeróticas. Outras, como Débora, buscaram apoio no divã do psicanalista, após a eclosão dos conflitos da "nova" sexualidade.

"... Aí, quando eu comecei a transar com menina, eu fui prá terapia, eu fui pró divã mesmo, análise brava, foi uma

coisa que me chocou muito, medo né, negava o sentimento mas gostava ao mesmo tempo^(*). Quando eu comecei a transar menina achei que todo mundo devia saber, dei com os burros n'água, ninguém tem obrigação de aceitar. Se me perguntavam eu falava, não tinha receio de dar bandeira. Muitos amigos se afastaram, minha melhor amiga se afastou de mim". Débora^(**).

O apoio terapêutico não é unanimidade no processo de *coming out* das entrevistadas. Se metade do "Grupo de Referência" buscou ajuda em várias técnicas terapêuticas, a outra parte das entrevistadas dispensou esse tipo de apoio, elaborando consigo mesma as mudanças apontadas pela inclinação homoerótica, sem que essa atitude significasse negar os conflitos inerentes às mesmas.

A observação de Costa (1992), sobre a motivação para a procura terapêutica, vem mais uma vez corroborar o depoimento das minhas entrevistadas. Nem sempre o nível de contradição vivido pelos sujeitos sustentados por apoio terapêutico é maior "(...) que o conflito vivido por aqueles que nunca buscaram ou buscarão atendimento psicanalítico" (Costa, 1992, pág. 136). Na verdade, são conflitos de naturezas diferentes. Ao procurar o divã do psicanalista, ou

(*) Apesar de Débora se referir as suas primeiras experiências como "transar menina", a diferença de idade entre elas não era significativa. Acredito que ela dê ênfase mais ao gênero do que a faixa etária.

(**) Débora é do "Grupo 1". Entrevistada em 1992, aos 35 anos. Depois de ter vários relacionamentos heterossexuais teve a primeira experiência homoerótica em torno dos 25 anos. No momento da entrevista morava com a parceira. Estavam se relacionando há 7 anos. Nível escolar: superior.

outras técnicas psicoterápicas, as entrevistadas buscavam reconstruir suas histórias, procurando, muitas vezes, a gênese da "homossexualidade". A definição de suas vidas estava centrada na questão sexual, sem, no entanto, acreditarem que apenas a "homossexualidade" as delimitava. Ao trabalharem suas histórias, tentavam aprender a conviver com essa inclinação. Investigavam a dinâmica dos processos inconscientes, buscavam o nexo entre o comportamento dos pais e as tendências homoeróticas. Algumas entrevistadas atribuíram às mães a responsabilidade por suas condutas. O depoimento de Patrícia é ilustrativo dessa forma de explicação.

"Mamãe que me instigou para o homossexualismo (...) eu tinha uma amiga aos 9 anos de idade, ela foi dormir em minha casa, mamãe fez um discurso sobre lesbianismo, aí eu afastei a amiga que estava pegando em meu cabelo. Minha mãe despertou em mim o obscuro objeto do desejo, e tô buscando ele até hoje... (risos). Mãe é a maior máquina de fazer homossexual".

Outras entrevistadas, apesar de se afligirem com os conflitos inerentes às primeiras manifestações homoeróticas, não se sentiram motivadas a buscar apoio na psicoterapia. Uma das explicações para dispensar esse tipo de reflexão reside na "naturalidade" com que encararam o processo do desejo. Isto é, sem desvalorizar as diversas técnicas psicoterápicas, não "precisaram", na busca do equilíbrio

entre a pulsão^(*) interna e as pressões externas, recorrer a técnicas cujos pressupostos não lhes diziam respeito. Não se tratava de reavaliar a vida anterior ou a conduta "atual", a partir de cadeias de associações causais. A "causa" não importava. Importava sim, viver esse amor "natural". Um amor que tinha de acontecer. Mais pela "pessoa" objeto desse amor do que pelo sexo do objeto amado. É o caso de Lu, que não via razão para fazer algum tipo de psicoterapia, posto que a "homossexualidade" foi vivida como "(...) **uma surpresa do destino**". Para essas entrevistadas, a sexualidade estava(está) deslocada da proposta de compreender suas razões. Amava-se, antes de tudo, a pessoa, independente do sexo.

"O motivo de eu estar com ela não é porque ela é uma mulher, é porque ela é o que é, e pelo fato dela ser mulher a relação é mais tranqüila, tem mais emoção, mais carinho e sentimento". Sandra.

Curiosamente, várias mulheres citam o filme "O Amor Não Tem Sexo"^(**), mais pelo título, do que pela problemática apresentada. A película, além de tratar do homoerotismo masculino, não ignora a sexualidade. Pelo contrário, o filme enfoca um amor intenso e conturbado e muitas cenas exploram

(*) Sobre a "pulsão", ver nota na página 76.

(**) "O Amor Não Tem Sexo" (*Prick Up Your Ears*, Inglaterra, 1986). O diretor Stephen Frears trata da vida do dramaturgo inglês Joe Orton, frequentador dos banheiros públicos de Londres, em busca de parceiros sexuais. Morreu tragicamente assassinado por seu amante.

a sexualidade em territórios "marginais". Com efeito, ao se referirem ao título "O Amor Não Tem Sexo" exalta-se, antes, que o amor está além do sexo. Mas apenas anuncio aqui esta questão. O amor que está "além do bem e do mal" será um dos temas do sexto capítulo.

O importante nessas considerações é reter que a natureza dos conflitos é divergente para essas mulheres. Mas, preocupadas ou não com as "causas da homossexualidade", a maioria das entrevistadas não credita uma essência às tendências homoeróticas. Essas tendências são vistas como um aspecto problemático da identidade total. A necessidade de compreender as tendências sexuais privilegia o questionamento da exigência social de uma conduta heterossexual enquanto norma. No processo de *coming out*, a subjetividade foi sendo reconstruída tendo como modelo não a "homossexualidade" enquanto "(...) face negativa da heterossexualidade" (Costa, 1992, pág. 157) mas, o homoerotismo em sua forma positiva. As "novas homossexuais", pelo menos no universo em questão, distinguem-se da figura excluída e estigmatizada das "homossexuais clássicas"⁽⁷⁾.

⁽⁷⁾ Por uma questão de ordenação interna das discussões, as "homossexuais clássicas" serão citadas no próximo capítulo.

CAPÍTULO 5 - O PRESENTE CONDENA?

A iniciação nas relações homoeróticas suscitou diversos problemas para as entrevistadas ao buscar o equilíbrio entre as forças coercitivas da "normalidade" heterossexual e as pulsões internas. Como essas mulheres lidam hoje com a prática homoerótica e sua ressonância nas relações de vizinhança, familiares, profissionais e de amizades? Como se percebem emicamente?

5.1. - AS RELAÇÕES DE VIZINHANÇA

As relações de vizinhança são distantes, próprias das cidades grandes. Contatos com os vizinhos não passam de saudações cordiais. A visibilidade ou não da vida íntima esmaece-se na obscuridade social dos encontros de elevadores, garagens, jardins. Ou seja, para a maioria das mulheres o que os vizinhos "sabem" ou deixam de "saber" não chega a constituir um constrangimento⁽⁹⁾.

São poucas falas que indicam constrangimento na relação com os vizinhos. Seguem dois relatos que, embora de contextos diferentes, indicam situações constrangedoras no

⁽⁹⁾ O verbo "saber" é usado com muita frequência entre as "entendidas" para designar quem tem conhecimento ou não, da "identidade" homoerótica.

trato com a vizinhança. O primeiro relato é de Miriam⁽⁹⁾ considerando muito desagradável ouvir a frase "(...) **nesse prédio tem de tudo, até sapatão (...)**", ao presenciar um incidente entre vizinhos. Como Miriam e Inês dividem um apartamento em um prédio pequeno, Miriam percebeu que a frase referia-se a elas, embora nunca tivesse tido qualquer problema anterior a esse episódio. O segundo relato indica um grande constrangimento, ao atribuir ao olhar do "outro" a possibilidade de recriminação ao relacionamento homoerótico:

"Já é difícil morar com uma mulher, tem a questão da família, dos vizinhos (...) no prédio antigo não, eram pessoas liberadas, mas, aqui rola, tem o bar de baixo, isso tudo desgasta o relacionamento, porque você fica com um pé atrás, você não se dá por inteiro, é o escondido. Eu não moraria hoje em dia com uma mulher, perde-se a liberdade individual, perde-se por causa do social, tem sempre um olho, o olho do outro começa a entrar muito na vida dos dois, das duas". Júlia⁽¹⁰⁾.

Mas acontecem também interpretações curiosas:

⁽⁹⁾ Miriam é do "Grupo 2". Entrevistada em 1992, aos 38 anos. Até o momento da entrevista só tinha se relacionado com mulheres e morava junto com a parceira. Nível escolar: superior.

⁽¹⁰⁾ Júlia é do "Grupo 1". Entrevistada em 1992, tinha 30 anos. Teve uma namorada na adolescência, depois passou a se relacionar com rapazes. Voltou a se relacionar com mulheres em torno dos 23 anos. Mora com a família. Nível escolar: superior.

"Na sua casa entra mais mulher que homem, você é uma menina muito direita" - (Frase do zelador do prédio de Regina^(*)).

É provável que essas situações constrangedoras tenham acontecido dado as entrevistadas, inclusive Regina, morarem em prédios pequenos, geralmente de três ou quatro andares. Nos edifícios maiores, constituídos de vários blocos ou mesmo em casas particulares, o "controle" de zeladores ou vizinhos junto à rotina dos moradores torna-se mais difícil. Com efeito, a maioria das entrevistadas conhece pouco ou até ignora a vizinhança.

5.2. - AS RELAÇÕES FAMILIARES

As entrevistas mostram as relações familiares como criadoras das situações mais embaraçosas.

Do "Grupo de Referência" (vinte e cinco mulheres), três parcerias moram juntas (há outro par que mora junto, mas apenas uma delas foi entrevistada); seis moram com os pais, cinco mulheres moram só; quatro moram com amigos, primos ou irmãos e três moram com os filhos. Do "Grupo 2" (seis mulheres), uma parceria mora junto; duas mulheres moram com a família; uma mulher mora com a mãe e o filho e uma entrevistada mora só (Quadro 3, pág.185).

(*) Regina é do "Grupo 1". Entrevistada em 1991, tinha 23 anos. Até os 18 anos teve vários namorados, quando passou a se relacionar com mulheres. No momento da entrevista namorava uma moça, há dois anos. Mora com o irmão. Nível escolar: superior.

A problemática familiar depende do grau de parentesco e da proximidade geográfica. Para as que são mães o embarço acontecido no passado com os pais, irmãos ou parentes próximos, nem sempre superado, é acrescido do embarço no presente, com os filhos - das trinta e uma mulheres entrevistadas apenas cinco têm filhos, sendo que uma delas tornou-se mãe recentemente. Duda fala sobre o problema.

"Eu rompi as estruturas todas que você pensar dentro de droga, dentro de tudo, dentro de uma família muito tradicional, muito conhecida, muito careta, tudo que era transgressão eu fazia, hoje em dia já mudou muito B.H.. Também não tô nem aí nem para família, nem para ninguém, mas cansa... A cidade, o social julgam as pessoas pela árvore genealógica, o sobrenome (...) dentro da família eles tiveram que me aceitar querendo ou não".

P. "E hoje, como é?"

R. "Mãe sabe, papai sabe, mas não dão conta de perguntar, se perguntar eu respondo".

P. "E sua filha?"

R. "Eu preservo muito a vida da minha filha, eu nunca conversei isso com ela, mas, ela não é boba nada, no fundo lá no íntimo dela, eu sei que ela percebe alguma coisa, ela tem muita liberdade comigo, queimo fumo na frente dela, desde que ela nasceu. Eu acho que com relação ao homossexual vai ser mais ou menos por aí, e no dia em que ela quiser

saber ela vai chegar perto de mim, e perguntar. Não sei o que vai ocasionar nela mais tarde, não quero que isso influencie ela em nada, acho que ela tem mais é que ver os dois lados da coisa. Se ela quiser, vai casar, vai ter filhos, se fizer opção por uma mulher, ótimo".

"Tenho duas filhas e acho que elas percebem. Sinto um pouco de culpa... elas devem pensar: minha mãe é diferente".
Ângela⁽⁹⁾.

"Com meus 3 filhos até hoje é complicado e acho que vai ser complicado durante muito tempo. Não que alguém implique, mas ninguém fala e nós também não falamos. Minha filha sabe, mas não fala nada. Eu já me dispus, ela não dá conta ainda... não sei se minha atitude é a mais certa, penso na Carmem (sua parceira), ela é mais fechada, é a primeira vez que ela vive essa experiência. Deixa quieto, deixa o tempo. Acho que de uma certa forma eles sabem, não tem jeito de não saberem, não falam por respeito, não é que eles não dêem conta, não é fácil na cabeça dos filhos mas, se Deus quiser, vai ser bom para eles, é a única coisa que eu posso esperar, não tem sacanagem, mau caratismo, isso não faz mal para ninguém não, o amor só faz bem". Laura.

Para as mulheres solteiras, que moram com a família, o problema também é presente.

⁽⁹⁾ Ângela é do "Grupo 1". Foi entrevistada em 1990 aos 36 anos. Foi casada durante sete anos e tem duas filhas. Começou a se relacionar com mulheres em torno dos 28 anos. No momento da entrevista estava namorando com uma moça há oito meses. Mora com as filhas. Nível escolar: superior.

"É minha única preocupação. Acho que meu pai percebe, desconfia... seria insuportável se soubessem". Lu^(*), mora com o pai e os irmãos.

"Houve uma intriga da minha cunhada com o irmão mais velho. Ele ficou frio comigo. Entrei em pânico. Pirei mesmo... mas não é fácil mesmo o sexo". Bernadete, mora com a família.

As solteiras, que vieram do interior, conseguem driblar esse incômodo ajudadas pela distância geográfica. Já para as que não moram mais nas casas dos pais, mas com os mesmos residindo em Belo Horizonte, o problema existe.

"Está tão distante da cabeça deles... Já meus irmãos, a sensação que eu tenho é que eles não vêm porque não querem ver, e eu não vou mostrar coisas que as pessoas não querem ver, para quê? Acho que numa hora dessas, rola, com meu irmão caçula". Clarice.

E existem relacionamentos que despertam incompatibilidades com a família das parceiras.

"Me relaciono com uma mulher que tem vinte anos de idade, a família dela tá arrancando os cabelos com a amizade... (risos)". Duda, 36 anos.

(*) Lu é do "Grupo 1". Entrevistada em 1990 aos 24 anos. Depois de vários namoros com rapazes, estava tendo a primeira experiência homoerótica, há sete meses. Nível escolar: superior.

Os depoimentos encontram ressonância no trabalho de Mott. O autor indica que "(...) a família constitui para quase todas as homossexuais a principal preocupação, seja como fonte de repressão, seja como cobradora de compromissos sociais heterossexuais (Mott, 1987, pág. 145).

Muniz (1992), ao analisar a inscrição na linguagem, da prática homossexual feminina, no Rio de Janeiro, aponta dois aspectos que se relacionam. Primeiro, o silêncio que perpassa o discurso do universo estudado no que se refere às relações familiares. Segundo, ao interpretar um folhetim cuja protagonista é Marlene Bandeira, chama a atenção para o caráter secundário atribuído à família pela personagem. Com efeito, nos exemplos escolhidos por Muniz, suas personagens dispensam às famílias um caráter secundário, postura que é comum a alguns estilos de vida do universo gay. O caráter secundário se dirige tanto à família ascendente, quanto a uma virtual família, dos pares homossexuais. No caso das parcerias homoeróticas a autora justifica esse caráter secundário, à medida que a família nuclear, apesar de ser o *locus* da procriação, perde sua função reprodutora nos casamentos homossexuais.

Na maioria das minhas entrevistas há um alto valor dado à família ascendente ou descendente. É possível que essa diferença, entre outros motivos, resida no lastro mineiro que valoriza os laços familiares. Mesmo que haja uma certa descontinuidade nesses laços, esse valor expressa-se na

necessidade de aceitação pela família ou mesmo no desejo de um nível de tolerância para com as "escolhas" sexuais, de forma que os conflitos sejam minimizados entre as duas partes. A interação familiar é valorizada, mesmo pelas mulheres afastadas geograficamente das famílias. O receio da "possível descoberta" pelos familiares indica a importância que as entrevistadas dão aos elos de família, pois, muitas "sonham" com a futura visibilidade de suas inclinações homoeróticas pelos parentes mais próximos, no sentido de poderem amenizar o jogo de manipulação da "identidade homoerótica"^(*). De fato, essas relações estão longe de serem tranqüilas, visto o grau de ambigüidade suscitado por elas.

Há também a busca de integração com as famílias das parceiras. Apesar de várias entrevistadas freqüentarem socialmente a casa dos pais de suas namoradas, a família exerce um tipo de pressão tecida um tanto na surdina. Olhares dissimulados ou silêncios constrangedores tentam inibir as relações amorosas. Geralmente, a tentativa, nem sempre bem sucedida, de cair nas boas graças das famílias das parceiras, faz parte de um processo difícil. Nesse processo a família coloca obstáculos, que mesmo não-ditos,

(*) Ao tratar da "identidade" das entrevistadas faço alusão à uma identidade relacional. As mulheres em sua prática homoerótica exercitam identidades várias. A "manipulação da identidade" é um recurso que, "facilita" às entrevistadas, circular pelas várias redes de sociabilidade onde estão inseridas. Por isso, evito cristalizar a noção de identidade, desvinculando a tendência homoerótica da identidade, embora essa noção não escape de classificações, do "meio" e do gênero. Isto posto, não usarei aspas quando me referir a "identidade".

tentam impedir o avanço das relações amorosas de suas filhas. A impressão é que, apesar de aprenderem a gostar das parceiras das entrevistadas, resta à família engendrada em uma política silenciosa, desconfiada e muitas vezes sorrateira, nada mais do que capitular diante das "evidências".

"A família de Simone sabe. No começo eram super mal educados, grossos, indiferentes. Eu fui conquistando, eles foram me conhecendo, foram me aceitando e gostando. Hoje sou considerada filha, sou bem recebida, participo do amigo oculto da família no Natal. Agora vamos morar na casa deles. Nós estamos conquistando um espaço, nós estamos conquistando o respeito. A família é fundamental num processo desse. Os pais dela vão mudar de cidade e nós vamos ficar no quarto que era deles, tá entendendo que loucura? (risos)".
Cíntia⁹⁾.

Outro aspecto do alto grau do valor concedido aos laços familiares é a necessidade de redimensionar o conceito de família. As entrevistadas com namoradas se consideram casadas (mesmo que não morem juntas), negociam entre si no dia-a-dia afetos, direitos e deveres e se empenham para preservar os relacionamentos. Há, igualmente, a construção

⁹⁾ Cíntia é do "Grupo 1". Entrevistada em 1991, aos 28 anos. Teve alguns relacionamentos com rapazes, inclusive "morou junto" duas vezes. Começou a namorar mulheres, em torno dos 23 anos. No momento da entrevista morava com a parceira. Nível escolar: médio.

de um outro tipo de família que será tratado no último tópico deste capítulo.

5.3. - AS RELAÇÕES PROFISSIONAIS

Como já assinalado, a grande maioria do grupo entrevistado tem formação universitária. São publicitárias, odontólogas, educadoras, psicólogas, enfermeiras, jornalistas, arquitetas, historiadoras^(*). Nenhuma das mulheres associou a escolha profissional com a inclinação homoerótica. Mesmo porque, para muitas, a definição profissional foi anterior à descoberta da "nova" orientação sexual.

Também Guimarães (1977), em pesquisa com homossexuais masculinos no Rio de Janeiro, não assinala nesse universo relação de dependência entre a opção profissional e o comportamento homoerótico. Em seu trabalho, as falas dos entrevistados vêm ao encontro das falas das minhas entrevistadas, quanto à maneira de se conduzirem no ambiente profissional. Ou seja, o grau de preocupação com a visibilidade da inclinação homoerótica e a postura diante dos colegas e chefes varia de acordo com o grau de "abertura" dos mesmos, como será visto adiante. Porém, Guimarães ressalta um aspecto que não encontrei na minha pesquisa. A utilização do tipo de trabalho como justificativa "na estratégia de *passing*" (Guimarães, 1977, pág. 76) diante de familiares que questionam os

^(*) Ver tópico 2.1. - Quem são essas mulheres?

entrevistados sobre o celibato. É o caso daqueles que trabalham em profissões que exigem viagens constantes, como comissários de bordo ou agentes de turismo.

Mas é possível fazer outro paralelo entre alguns entrevistados - e amigos de entrevistados - de Guimarães (1977) e algumas mulheres do universo por mim analisado: a mudança para a cidade grande, no sentido de construir a identidade homoerótica de forma positiva, seja no âmbito pessoal e profissional, seja na busca de novas perspectivas. Enquanto em seu relato há o deslocamento de alguns homossexuais de Belo Horizonte para o Rio de Janeiro, em um movimento análogo, algumas mulheres entrevistadas por mim, saíram do interior de Minas, para Belo Horizonte. Elas buscavam a realização profissional no anonimato relativo da cidade grande, onde a competência no trabalho não fosse ameaçada pelo "estigma" do objeto sexual. Para essas mulheres, migrar para a capital, significou maiores possibilidades de construir a identidade homoerótica de maneira positiva, livres de cerceamentos, inclusive familiares. Conseqüentemente, ao chegarem a Belo Horizonte, mudaram de grupo de referência social.

"No meio odontológico não é visível... uma das coisas que eu quis vir para Belo Horizonte foi por causa disso, por isso que eu quis mudar do interior, para transar meu lado profissional. Lá ia ficar prejudicado, as coisas iam se misturar... aqui não, aqui é minha competência que vale,

sinto que aqui estou crescendo, em minha postura, minha segurança". Mônica.

A maior parte das entrevistadas que sempre morou em Belo Horizonte acredita que a vida pessoal não transpareça para o ambiente de trabalho e, portanto, não se sente discriminada. Mas é importante registrar alguns exemplos reveladores do grau de aceitação do homoerotismo feminino, segundo os setores profissionais. As mulheres que trabalham no Setor Público relatam menor "abertura", por parte dos colegas e chefes, quanto à visibilidade do estilo de vida no ambiente profissional. Todavia, como demonstra Simone, a manipulação da identidade não chega a representar uma ameaça.

"Nunca pensei em esconder, mas também nunca mostrei. Não são pessoas que aceitariam com facilidade, mas não é um problema para mim". Simone^(*).

O meio jornalístico, tido como "aberto" pelo senso comum, é motivo de queixa de discriminação de uma das entrevistadas.

"Hoje assumo o relacionamento. Os homens, o tempo todo, me cobram porque não estão me comendo... Falam mal de "viado", falam mal de sapatão. As mulheres respeitam mais".
Ângela, jornalista.

(*) Simone é do "Grupo 1". Entrevistada em 1991, aos 30 anos. Teve alguns namoros heterossexuais e sua primeira experiência homoerótica foi em torno dos 26 anos. No momento da entrevista morava com a parceira. Nível escolar: superior.

As mulheres menos tementes à transparência do homoerotismo no ambiente de trabalho são as inseridas no meio acadêmico, geralmente nas áreas de educação, ciências humanas ou sociais, no setor publicitário e nas profissões liberais. Algumas dessas comentaram com as colegas as novas experiências, suscitando "o prazer de saber o prazer" (Foucault, 1985) nas companheiras de profissão. Estas, na maioria, não mudaram o grupo de referência social, porém todas tornaram-se mais exigentes na escolha de novas amizades.

Trabalho com pessoas muito abertas (...) um dia contei numa mesa para cinco colegas. Duas mulheres ficaram super interessadas". Clarice, educadora.

"A transa não é implícita, mas também não é explícita. Não falo. Se perguntarem, não nego". Patrícia, publicitária.

"Tenho um certo grilo de sair com a namorada e o pessoal do trabalho. Já tive mais grilo, medo, vergonha, eu tinha muita vergonha, perdia completamente a naturalidade. Sou uma pessoa carinhosa e estava bloqueada. Hoje não sinto tanto, mas não tô 100% ainda...". Regina, publicitária.

Para grande parte das mulheres, a manipulação do "segredo" pessoal funciona de acordo com o grau de confiança que depositam nos colegas, com a "abertura" atribuída aos diversos setores de trabalho e com a capacidade pessoal de lidar com a inclinação homoerótica. A maioria prefere "não

levantar bandeira". Mais importante que a questão da "escolha sexual" é a competência e a valorização do trabalho por parte dos colegas e chefes.

Na verdade, afora alguns constrangimentos pontuais em almoços de trabalho ou na *happy-hour*, quando perguntadas por namorados ou afins, a maioria das entrevistadas lida, hoje, com razoável desenvoltura com o jogo da identidade. Há, inclusive, as que desenvolveram relações de amizade com os colegas e chefes, e, muitas vezes, nos churrascos de confraternização de fins de semana, suas parceiras são convidadas, visto terem sido incorporadas, pouco a pouco, às festas de trabalho. É provável, segundo essas entrevistadas, que **"o pessoal saque"**, mas tudo transcorre cordialmente, sem piadas ou insinuações que expressem **"preconceitos"**.

De fato, as relações das mulheres homoeróticas com a vizinhança, a família, no trabalho, com os amigos e demais redes de sociabilidade fazem parte de uma dinâmica que inclui avanços e ganhos, perdas e danos. Para transitar bem por todos esses campos é necessário um certo cuidado, que se não chega a ser exaustivo, porque tem seus pontos de fuga, é observado com alguma constância. O deslocamento de um campo para outro - da casa para o trabalho ou do trabalho para locais de lazer - é regido por tensões variadas de acordo com o grau de **"abertura"** ou de **"ceticismo"** dos indivíduos neles localizados e a habilidade individual para lidar com essas tensões. É como se em um processo sutil de

metamorfose a identidade estivesse sempre em mutação, redefinindo-se de acordo com as fronteiras sociais e sexuais.

5.4. - AS RELAÇÕES DE AMIZADE

Como foi registrado no primeiro capítulo, é possível que as mulheres da amostra até se conheçam de vista, ou eventualmente freqüentem os mesmos lugares (festas, bares, restaurantes), mas, para respeitar o anonimato, não achei conveniente checar o grau de conhecimento entre todo o grupo.

Existe uma dinâmica na rede de relações afetivas. À medida que as entrevistadas mudam seus pontos de referência, como locais de residência, de trabalho, ou mesmo de cidades, essas mudanças acarretam formação de novos grupos de sociabilidade. Se há "mágoas" associadas à trajetória afetivo-sexual das entrevistadas, referem-se sobretudo ao momento da "transição" da postura heterossexual para a homoerótica e incidem principalmente em algumas amigas mais antigas. Apenas uma minoria lamentou a "perda" de amigos(as) quando da "revelação" dos primeiros contatos homoeróticos.

"Perdi dois grandes amigos quando revelei a eles que estava apaixonada por uma mulher e me sentia confusa. Eles simplesmente me viraram as costas". Sandra.

"Muitos amigos se afastaram. Minha melhor amiga se afastou de mim. Fiquei muito magoada". Débora.

Há uma parte das entrevistadas que manteve os mesmos amigos, incorporando novas pessoas ao rol de amizades.

"Não mudei o grupo de referência. Tenho algumas novas amizades. O mote é outro". Tânia.

No entanto, há algumas mulheres que lamentam a tendência ao "fechamento" da sociabilidade quando percebem restrições ao convívio com o mundo heterossexual.

"Tem uma coisa que eu tava até querendo ver isso melhor, a gente acaba ficando só no meio gay, na mesa de bar só tem gente que é gay, e eu acho que a gente não tem que fechar para outras pessoas. O fato de afastar do mundo hetero incomoda, esse negócio de andar em bando...". Regina.

"Esse negócio de andar em bando" é mencionado por Muniz (1992), como uma das características do estilo de vida gay. Ao analisar o circuito gay carioca, a autora assinala a peregrinação, muitas vezes, em bandos, pelos bares e boates de sociabilidade homossexual. No entanto, no caso do grupo por mim analisado, esta tendência aparece um pouco diluída, no momento presente, visto a maioria das mulheres formarem pares, afastando-se, assim, da errância gay. Este tema será tratado no fim deste capítulo. Vale, porém, mencionar o caso de Glória, que ao invés de se ligar aos "bandos homossexuais" perambula, por vários pontos da cidade, muitas

vezes só, ou com tipos variados de pessoas, independente do tipo de orientação sexual. Mesmo que muitas vezes ande em "bando", Glória apenas "está" com "os diversos tipos de pessoas" com quem partilha o nomadismo urbano, mas sem compartilhar o sentimento de pertencimento ao grupo.

"Sou noturna... sempre gostei de andar com todos os tipos de pessoas, sou nômade e independente. Sou uma pessoa só".
Glória^(*).

Mas Glória é praticamente uma exceção. Apesar do afastamento episódico de antigos amigos, a rede de amizades das "nativas" geralmente tende para a ampliação. Manter o mesmo grupo social anterior à fase do *coming out*, incorporar novas amizades ou estar em bandos promove a formação da "família ampliada, ou família homossexual aumentada" observada por Pollak (1987, pág. 67) e confirmada por Muniz (1992, pág. 166). A tendência à preservação dos relacionamentos existe à medida que a maioria dos casos desfeitos se transforma em amizade. Foram recorrentes os depoimentos em que ex-parceiras se apresentam como amigas atuais. Tudo se passa como se ao findar um relacionamento e superarem a separação, as mulheres já vislumbrassem uma virtual amiga. Desse modo a passagem do amor para a amizade possibilita a ampliação dos relacionamentos.

(*) Glória é do "Grupo 1". Entrevistada em 1990, aos 26 anos. Teve vários namoros com rapazes e sua primeira experiência homoerótica foi em torno dos 18 anos. No momento da entrevista não estava namorando. Mora com os pais. Nível escolar: médio

"A Júlia sempre vai ser minha amiga. O caso meu com ela terminou, mas amo muito, vou amar o resto da vida". Marina.

Assim, como uma rede que vai sendo tecida, a oportunidade de novos namoros, a aquisição de novas amigas e a transformação de namoros em amizade garantem a construção da família ampliada. Esta situação permite que se estabeleça um vínculo de solidariedade entre os membros da "família", facilitando a abertura de um espaço de sociabilidade para as mulheres, onde é possível compartilhar os aspectos positivos e negativos das vivências homoeróticas. Mas é provável que esta "segunda família" ou "grande família" preencha igualmente um espaço aberto pela ausência de filhos. Como foi registrado anteriormente, existem incompatibilidades entre a vida homoerótica e a presença dos filhos desde que as mulheres têm dificuldade de organizar a vida afetivo-sexual na companhia dos mesmos.

5.4.1. - O "Vila Sésamo"^(*).

O depoimento de Marina aborda a questão da "família ampliada" e abre espaço para considerar algumas redes de sociabilidade no universo gay:

"Uma vai namorando outra, vai numa festa conhece mais uma, namora ou fica amiga, aí vai crescendo o grupo (...) porque um dos grupos que eu frequento é muito interessante:

(*) Programa infantil levado ao ar entre outubro de 1972 e março de 1977, pela Rede Globo de Televisão e TV Cultura in Folha de São Paulo, "TV Folha", 14/05/1995.

elas são mais alegres, igual os gays. E são mais autênticas, falam mais o que pensam, não têm frescura de mulher com mulher, são mais soltas, mais espontâneas".

Marina conheceu um desses grupos, que frequenta através de sua ex-namorada. Este grupo é formado por mulheres cujo gestual é "masculinizado", são da mesma faixa etária (em torno de quarenta anos) e têm como principal atividade de lazer jogar *hand-ball*, sendo que algumas vezes jogam profissionalmente. O time se reúne em sítios nos arredores de Belo Horizonte nos finais de semana, promove churrascos, festas de natal, etc. Apesar de Marina afirmar que o grupo não é fechado, apenas as mulheres mais antigas do grupo participam do "amigo oculto" no natal. Nas palavras de Marina ela não participou da troca de presentes porque era "novata" na situação. O principal elemento aglutinador do grupo é o *hand-ball*, que, a exemplo de um "rito de passagem", possibilita a convivência constante e quase exclusiva do grupo garantindo a experiência de pertencimento. Os laços que unem a turma são afetivos e sexuais: algumas namoram entre si, outras têm namoradas fora do grupo e há várias ex-parcerias.

De fato, é comum entre as homoeróticas compartilhar atividades. Uma relação lúdica pode unir as mulheres seja através do *hand-ball*, do *volley-ball*, dos jogos de cartas ou o fato de andarem em bandos percorrendo os bares gays da

cidade. Esse compartilhar, muitas vezes, está mais definido pelo gênero, do que pela sexualidade.

É interessante como o "fantasma" desses grupos povoa o imaginário de outras entrevistadas. A fala de Cíntia transmite um sentimento ambíguo ao comentar sobre a existência de um conjunto de mulheres que se assemelha ao grupo descrito por Marina em vários aspectos - têm o gestual "masculinizado" e formam um grupo "fechado", mantendo atividades esportivas e de lazer praticamente entre si.

"São uma espécie de gang, querem controlar tudo. É uma turma de sete ou oito mulheres, jogam volley juntas, mas é muito pesado, baixo astral. Tenho curiosidade de ver o que é, conversar, algumas são legais, mas a maioria é estranha".

Não foi possível verificar se Marina e Cíntia falam do mesmo grupo, mas a existência de mulheres "homossexuais" que formam turmas e vivem uma sociabilidade mais "fechada" não é novidade em Belo Horizonte. Duas entrevistadas do "Grupo 2" mencionaram a existência na cidade de um grupo constituído em meados da década de 70, composto por trinta a quarenta mulheres que reproduziam no visual a imagem da "homossexual clássica": mulheres conhecidas popularmente como "fanchas", ou "sapatão", que caricaturam o gênero masculino, via a performance da mulher-macho.

Essas mulheres formavam uma espécie de "entidade fechada" chamada "Vila Sésamo" e relacionavam-se predominantemente

entre si. Tinham como prática de lazer o hábito de se reunirem em um bar "entendido" chamado "Cabeça de Touro" e encontravam-se para jogar *volley-ball* e promoverem churrascos e "cervejadas" de fim de semana em sítios nos arredores da cidade - "programa de homem", segundo uma das entrevistadas. Como no depoimento de Cíntia, a impressão que essa "entidade" causa nas depoentes é ambígua: um misto de admiração, curiosidade e rejeição.

"Elas só relacionavam entre si, não abriam, dependia do *status*, se chegava com tênis importado, uma calça de couro, a pele cheirando a talco, então aí podia entrar, sabe. Eu, essa turminha, iih, demorou muito para me aceitar, no meio delas. Porque eu cheguei, o barco era delas, eu nunca quis aceitá-las. Eu fiz a minha *troupe*. Nem se eu ficasse milionária, se me fizessem um convite eu não ia querer participar daquela turma. Eu não gosto da cabeça delas, são ultrapassadas, machistas, tipo assim, o papo delas na mesa de bar é igualzinho de homem mesmo, falando de mulher".
Taís.

"Eu tinha mais ou menos 17 anos, conheci uma turma incrível, elas tinham vinte e tantos anos. Era um grupo chamado "Vila Sésamo". Passei a conviver e admirar demais todas, cada uma com sua coisa, mas todas muito interessantes. Era o maior prazer para mim ir no final de semana para sítio, a bagunça que era. Elas tinham um certo cuidado comigo, eu não presenciava nada, não me horrorizavam

não, depois de muito tempo andando junto é que fui sacar quem namorava quem". Gal ^(*).

Depois que tomei conhecimento da existência do "Vila Sésamo" consultei as entrevistadas seguintes sobre o grupo. Apesar da maioria das mulheres não ter conhecimento da turma, consegui na segunda entrevista com Tânia a informação de que Solange^(**), sua amiga e proprietária de um bar "eclético", citado anteriormente, poderia ter conhecimento do grupo. Assim, cheguei até Solange em seu bar e, apesar de não ter havido uma intermediária que me apresentasse, fui recebida com muita receptividade. Expliquei o objetivo do meu trabalho e, para a minha surpresa, Solange tinha pertencido ao "Vila Sésamo".

Na época, ela tinha em torno de quinze anos e estudava em um colégio bastante conhecido em Belo Horizonte, situado na zona sul. Reproduzindo suas palavras, ela e algumas colegas de turma estavam "iniciando". Uma das professoras que "tinha separado do marido e descoberto a sexualidade dela" costumava se referir, em conversas com suas amigas entendidas, que "aquela turminha ali, não sei não...". Como a turminha de Solange era de adolescentes, a professora e suas amigas passaram a denominá-las de "Vila Sésamo".

^(*) Gal é do "Grupo 2". Entrevistada em 1992, aos 31 anos. Começou a se relacionar com mulheres aos 21 anos. Aos 30 anos teve a primeira experiência heterossexual e voltou às relações homoeróticas. Mora sozinha. Nível escolar: médio.

^(**) Solange tem 35 anos e foi entrevistada em fevereiro de 1995. Meu objetivo nessa conversa foi colher informações sobre o "Vila Sésamo".

O relato de Solange sobre a turma do "Vila Sésamo" vai de encontro à fala de Taís no que se refere ao gestual de sua turma. Para Solange, quem tinha o gestual **"masculinizado"** era o grupo de sua professora, que agregava cerca de dez mulheres que, além de terem sido colegas de universidade, **"descobriram juntas"** a sexualidade (duas haviam se separado dos maridos). As turmas eram distintas: o grupo "Vila Sésamo" se compunha de adolescentes e eram mais **"femininas"**; a turma de sua professora era de mulheres mais velhas e **"masculinizadas"**. Solange cita outra turma existente na cidade nessa época: era uma **"gang"** formada por mulheres motoqueiras conhecidas como **"cabeludas"**.

Hoje, julho de 1995, o grupo "Vila Sésamo" não existe mais enquanto "entidade", embora muitas de suas componentes continuem amigas. Segundo Solange, **"que nunca se enquadrou em lugar nenhum"**, a turma é de pessoas:

"(...) bem sucedidas financeiramente, emocionalmente, têm pais poderosos, poder aquisitivo para comprar roupa, sair, viajar, têm carros do ano e apartamentos próprios".

Existe uma segregação no meio "homossexual" feminino que impõe fronteiras entre as diversas turmas de mulheres. Há critérios que constituem distinções sociais a partir da classe social; do poder aquisitivo; da gramática corporal; do tipo de lazer, hábitos e estilo de vida e da faixa etária. Tais critérios atribuem status e prestígio a esses

bens sociais e tendem a atribuir ao "outro" o papel de "masculinizado".

5.5. - CAMINHOS E DESCAMINHOS DA NOITE

Viver à deriva, buscando os prazeres noturnos, faz pensar em múltiplas possibilidades de encontros amorosos, de ofertas variadas de parceiras para a noite, ou para o dia... Viver à deriva implica um grande dispêndio de energia na busca sempre do novo, da aventura. Esse tipo de viver remete a relações fugazes. Relações que trazem a marca do tempo presente e têm a propriedade de capturar os tempos passado e futuro condensando-os em um só momento. Assim, tudo se passa como se houvesse uma compressão dos três tempos. A observação de Muniz é precisa: "Não é demais lembrar que as relações homossexuais realizam-se na medida de uma temporalidade que, compactando o passado e o futuro na figura do agora-já, vivencia muitos tempos em um" (Muniz, 1992, pág. 224).

A autora dedica várias páginas de seu trabalho à análise da vida errante, como característica do estilo de vida gay, associando a errância sexual à alternância das emoções vivenciadas. As emoções configuram ora a paixão, ora o ódio; ora o amor, ora a amizade, em um espaço comprimido de tempo. "Sem dúvida, o temperamento oscilante dos alegres guarda uma expressiva afinidade com a instabilidade de suas ligações" (Muniz, 1992, pág. 223).

Não só Muniz, como Guimarães (1977), Pollak (1987), Perlongher (1987), Mott (1987) e Portinari (1989) trabalharam a fugacidade das relações gays. Cada um no seu contexto, com recortes diferentes. Muniz mapeou a errância da homossexualidade feminina no Rio de Janeiro. Guimarães tratou do "homossexual visto por entendidos", na mesma cidade. Perlongher pesquisou a relação entre os michês e seus clientes, nos guetos de São Paulo. Já Pollak estendeu seu olhar sobre o gueto homossexual masculino, a partir de uma pesquisa alemã e estudos americanos. A repressão, a clandestinidade, a heterossexualidade como norma, são explicações que Pollak (1987) atribui à fugacidade das relações entre os homossexuais e que poderiam também ser associadas à noção e existência do gueto.

O conceito de gueto remete a regiões urbanas onde se concentram minorias sociais. Perlongher (1987), em pesquisa sobre homossexualidade masculina, discorre sobre a definição de gueto proposta pela Escola de Chicago. O conceito aplica-se às "(...) vizinhanças habitadas por judeus, poloneses, negros e italianos (...)" e Levine e Wirth tentam estabelecer uma adaptação entre o território das minorias e os bairros em cidades como Boston, Nova Iorque, Chicago, San Francisco e Los Angeles, onde existe predomínio de uma população homossexual (Perlongher, 1987, pág. 52). Mas, a noção de gueto não remete apenas a um território geográfico, e, no caso analisado, há também circunscrita uma territorialidade simbólica. Utilizo o termo gueto a partir

das falas nas minhas entrevistas, que traduzem o conceito para os territórios de um tipo específico de sociabilidade gay. Esse conceito se amplia porque, além de se referir a espaços físicos, engloba também espaços mentais ou simbólicos onde existem uma sobrecarga dos códigos "entendidos"^(*).

5.5.1. - A ARMADILHA DO GUETO

A maioria destas mulheres prefere viver suas horas de lazer na companhia de suas parceiras, seja no ambiente doméstico, na casa de amigos(as) ou nas saídas noturnas. As parceiras que moram separadas desfrutam igualmente do lazer doméstico, visto se encontrarem com frequência durante a semana e passarem juntas os finais de semana. Apenas três parcerias que moram em cidades diferentes encontram-se com menos assiduidade, mas registram apreciar ficar em casa, parte do tempo em que estão juntas.

O fato de a maior parte das entrevistadas estar satisfeita com suas namoradas possibilita desfrutar momentos tranquilos da vida a duas^(**). Tranquilidade do presente, pois muitas mulheres, quando não tinham compromissos afetivos e estavam em torno de viver a fase do *coming out*, andavam à deriva pelas noites.

(*) O "Vila Sésamo" e os grupos que se reúnem para jogar *hand-ball* podem ser qualificados como exemplos de "guetos", enquanto espaços simbólicos, à medida que não têm uma base territorial fixa.

(**) Este tema será desenvolvido no Capítulo 6.

A inserção no "meio" é parte integrante da definição de Pollak sobre o processo de *coming out*. E o que vem a ser o "meio"? "(...) é uma expressão nativa empregada para marcar a relação de inclusividade e exclusividade dos sujeitos no universo homossexual" (Muniz, 1992, pág. 140). A definição vem ao encontro dos relatos das minhas entrevistas. Ouvi, praticamente em todos os depoimentos, referência ao "meio", mas quase sempre focado como um universo um tanto distanciado da vida das entrevistadas, quando não com uma conotação um pouco negativa. Embora as mulheres participem do "meio", há uma rejeição à auto-inclusão no mesmo. De fato, há uma dinâmica que superpõe vários "meios". A exemplo de um movimento concêntrico existe um "meio", dentro de um "meio", dentro de um "meio" maior, ou como sugeriu Solange, "(...) existem várias tribos que formam o "meio". As entrevistadas definem o "meio" a partir da sociabilidade desenvolvida entre amigas e amigos homoeróticos mais próximos, que pode incluir igualmente amigos(as) heterossexuais. O "meio" maior pelo qual existe rejeição aproxima-se mais precisamente da noção de gueto, que também tem suas subdivisões.

As primeiras fases do *coming out* foram vividas em idades diversas e em momentos de vida diferentes do grupo. Algumas mulheres começaram a vida homoerótica de forma mais conflituosa que outras, vivendo a passagem pelo "meio" de maneira mais "marcante". A angústia da busca afetivo-sexual nos meandros do gueto ficou muitas vezes indelével na

memória. Memória de um tempo passado, quando essas mulheres, vivendo os primeiros conflitos da inclinação homoerótica, procuravam uma legitimidade para seu "segredo" em um lugar que lhes outorgasse essa liberdade. Todavia, hoje elas dizem que não se "reconheciam" nesse ambiente. Viviam na "errância sexual", no dizer de Maffesoli (1985). O percurso pela noite, geralmente em bandos, era um deslocar-se sem fim, pelos labirintos do gueto, em busca de uma "transa", que nem sempre se consumava ou, quando se concretizava, nem sempre era com o tipo de pessoa motivada pela expectativa inicial. Muitas vezes, no fim da noite, "ficava-se" com quem "pintava", pois a urgência do encontro já não apresentava mais possibilidade de escolha.

A fala de Simone expressa a representação negativa sobre o gueto que algumas entrevistadas viveram no passado.

"(...) era uma coisa angustiada, uma busca, a questão do desejo voltado para o sexo feminino me trazia culpa, era pesado, era muito difícil para mim. A maioria das pessoas homossexuais que eu conheço está num meio *down, dark*, pesado, droga, bebida, promiscuidade, guetos, todo mundo transa com todo mundo, eu entrei nisso aí também, vivia nas boates, mas não transava com mulher ainda". Simone.

Os guetos são espaços tolerados, e até "incentivados", pela sociedade "heterossexual", para o exercício da sociabilidade "homossexual". Em pesquisa realizada em uma sauna de prostituição masculina em Belo Horizonte (Carvalho,

1988), constatei que a maioria dos clientes eram homens casados, pais de família, pertencentes às camadas médias, profissionais liberais e estavam na faixa etária entre trinta e cinco a quarenta e cinco anos, geralmente de cor branca. Para esses entrevistados, freqüentar a sauna servia de álibi, junto aos familiares, para a realização de desejos e fantasias sexuais, nem sempre isentos de afeto e conflito. Seus parceiros eram jovens michês^(*). Alguns, além da atividade exercida na sauna, trabalhavam no setor de serviços, tinham entre dezoito e vinte e cinco anos, geralmente eram mulatos ou negros de compleição viril, pertencentes às camadas mais pobres da sociedade.

Essa tolerância à vida clandestina confere muitas vezes ao gueto uma aura de liberdade, que os sujeitos sabem "(...) precária, e, num certo sentido, artificial" (Costa, 1992, pág. 96). O "incentivo" à vida nos guetos é permeado pela ambigüidade. Se, de um lado, os guetos (bares, boates, saunas) funcionam como locais de "exclusão", por outro lado, a "permissividade que exclui" resulta, muitas vezes, das representações dos próprios freqüentadores, que vivem uma ambigüidade entre o desejo e a culpa.

No caso do universo estudado, geralmente, após as incursões ao gueto, no *day after*, a ressaca vinha permeada

(*) "(...) o termo **michê** é usado para denominar uma espécie *sui generis* de cultores da prostituição: varões geralmente jovens que se prostituem sem abdicar dos protótipos gestuais e discursivos da masculinidade em sua representação perante o cliente" (Perlongher, 1987, pág. 17).

por sentimentos de vazio e culpabilidade. Por ser um território onde, na maioria das vezes procurava-se uma "transa", a frustração decorrente dessa busca era grande, visto que, raramente, encontravam a parceira "ideal". As mulheres, quando saíam pela noite, dificilmente iam em busca apenas de uma "caça". Queriam encontrar também o afeto.

Um dos fatores agravantes dessas incursões noturnas é que essa busca, muitas vezes, tornava-se um comportamento compulsivo e repetitivo, visto o gueto ser uma representação ilusória de um espaço para oportunidades afetivas. Formava-se, assim, um círculo vicioso, em que, presos na armadilha da falsa liberdade, essas mulheres se movimentavam numa dinâmica perversa, na qual as virtuais conquistas traziam a marca do efêmero^(*). Laura explica:

"Nunca gostei de "lama", não é o meu ambiente, não é o que busco. Se você não tiver nada na vida, você pode até ir lá e achar um brilhante no meio daquela "lama", mas eu acho isso difícil. São pessoas pouco esclarecidas (...) se eu encontrasse um gueto que fosse mais intelectualizado eu até entraria no gueto... (risos)".

Existem outros fatores que afastam hoje, as entrevistadas dos guetos. Como grande parte destas mulheres se situa em

(*) Embora nestes dois últimos parágrafos, eu esteja me referindo ao passado de grande parte das entrevistadas, estas representações e implicações do gueto são "atuais", apesar do caráter ambivalente, que o gueto suscita nas entrevistadas.

uma faixa etária em torno dos trinta anos, passando por um processo de mudança na escala de valores, o interesse por outras formas de sociabilidade desloca a atração pelos lugares predominantemente "entendidos". Além desse fator há ainda a necessidade de preservar os relacionamentos. Esse aspecto é importante, porque, à medida em que as mulheres têm relações "fixas", há uma recusa em freqüentar as boates do "meio", evitando o risco de possíveis traições. É recorrente nas entrevistas relacionar tanto o meio "homossexual" feminino quanto o masculino com a constante "furação de olho". Ir às boates aos pares é uma forma de defender os relacionamentos.

5.5.2. - O GUETO EM SUA POSITIVIDADE

Como a maioria das entrevistadas está satisfeita com suas relações afetivo-sexuais, as eventuais incursões aos guetos são, geralmente, em parceria. O ir juntas a esses territórios lhes confere mais um sentido de busca de sociabilidade, de pertencer a um grupo, de espaço de liberdade entre iguais, do que de "sair à noite para caçar". Portanto, o gueto, apesar de não ser o lugar "ideal" de sociabilidade, tem também um caráter positivo. Afinal, lá é igualmente um lugar para conversar, dançar, ver e ser visto. O relato de Tânia exprime o sentimento ambíguo que o gueto suscita.

"O gueto é negativo, endofágico. É difícil conversar sobre trabalho, política, tudo gira em torno da afetividade,

da transa (...) tem muitas pessoas que eu conheci através do meu trabalho que têm horror do gueto mas às vezes vou, vou para ver as moças, tenho saudade de ver as moças. É uma sensação meio híbrida. Ninguém tem o que falar. Mas, é um lugar entre iguais, onde posso namorar publicamente, partilhar algo, por isso eu vou".

MacRae (1990) também enxerga o gueto de forma positiva por considerá-lo um espaço onde os indivíduos relaxam das pressões vividas no dia-a-dia. A frequência ao gueto auxiliaria os indivíduos a construírem positivamente sua identidade social, facilitando "assumi-la" em outros espaços e situações.

É importante registrar a representação de Fernanda sobre o gueto, porque, além de ser positiva, trata de alguns aspectos da sociabilidade gay feminina que não foram abordados pelas outras entrevistadas.

"Gosto deste mundo das mulheres, um bar só de mulheres, saber que não estão ali esperando homens, é outro tipo de social que me encanta também. A paquera de mulher com mulher é mais solta, ao passo que as paqueras dos homens pelas mulheres, elas ficam esperando na mesa os homens se aproximaram, e eles sempre olham de cima uma mulher que aborda um homem. Essas transas não vão para frente, ao passo que num bar de mulher, não tem isso de superior e inferior, as mulheres se abordam mutuamente, não tem isso de ficar passiva sentada esperando. Tanto as mais masculinizadas,

quanto as mais meigas, mais femininas, qualquer uma faz isso. Pode chegar uma na outra com a maior facilidade, não tem aquele preconceito tremendo do homem olhar uma mulher sozinha paquerando num bar. Para a mulher é natural estar ali paquerando, não precisa ser olhada como uma puta, à mercê do homem, não existe isso entre as mulheres. Isso é super reconfortante, você fica totalmente à vontade, não existe o preconceito por você estar ali, isso não existe no mundo delas, essa hierarquia da mulher esperar o homem abordar, tirar para dançar. Você não se sente aqui, e os homens lá, estão todos na mesma situação. Não existe esse machismo que a mulher fica ali no "lugar dela"; quando a pessoa não sai do lugar dela é para não haver mudança, então se a mulher fica imobilizada ali naquele lugar, quando ela faz qualquer coisa diferente ela assusta o homem".

A visão de Fernanda da sociabilidade feminina no circuito gay levanta aspectos inusitados, não abordados em outras entrevistas. Embora algumas mulheres freqüentem bares e boates "entendidos" para sentirem-se entre iguais, a maioria dá ênfase ao lado "negativo" dos guetos: a mistura de classes sociais, a errância sexual, as drogas, as conversas centradas na sexualidade e "paquera". Já Fernanda exalta a relação de simetria entre as mulheres e a possibilidade de contatos igualitários. Pode ser uma leitura específica, pois Fernanda apesar de já ter "transado" com várias mulheres, está namorando um rapaz. Sua entrevista passa uma certa facilidade entre o ir e vir do mundo das mulheres

homoeróticas, para o dos homens homoeróticos, e vice-versa. Talvez por estar envolvida com um rapaz atualmente, Fernanda enxergue o gueto do lugar de espectadora. Quando, no meio de sua fala, deixa escapar **"isso não existe no mundo delas"**, percebe-se que é um mundo onde ela se sente à vontade, mas seu lugar e olhar são de quem observa, participando, mas guardando uma certa distância.

5.5.3. - A "LAMA"

O que é a "lama", termo empregado por quase todas entrevistadas? Originário da gíria gay, o uso do termo "lama" é comum entre a maioria dos freqüentadores da noite em Belo Horizonte. De maneira generalizada, denomina-se "lama" os bares e boates, gays ou não, que reúnem várias tribos urbanas e onde se vai para "paquerar", "fazer pegação"^(*) ou arranjar uma "transa". Muitas vezes, são lugares onde existe a oportunidade de "descolar" uma droga. Além de ser um espaço geográfico e relacional, com as características descritas acima, os territórios da "lama" têm geralmente um clima que envolve um certo mistério, sensualidade e permissividade, mantendo a curiosidade e o interesse de seus freqüentadores. Esse clima se aproxima do dionisiaco, do fusional, no sentido de Maffesoli (1985).

Mas a "lama" tem outras representações. "Cair na 'lama'", por exemplo, significa não apenas ir ao território

(*) Na terminologia gay "fazer pegação" significa a procura de parceiros para contatos corporais com ou sem a realização do ato sexual.

geográfico mas, além disso, perder o controle através da bebida e/ou drogas, geralmente na companhia de uma ou mais pessoas. E, no dia seguinte, "estar na 'lama'", pode significar uma ressaca depressiva e culpada.

No caso das mulheres entrevistadas, uma das principais ruas da "lama" fica bem próxima à Savassi, bairro "badalado" da zona sul, ao lado da Praça da Liberdade, onde está situado o Palácio do Governo. A Savassi merece uma breve descrição, visto o espaço não ser apenas geográfico, e para o universo analisado, impõe-se igualmente como uma territorialidade simbólica, onde há um tipo específico de sociabilidade gay.

Antiga zona residencial, hoje os escritórios, consultórios, colégios, bares e restaurantes vão substituindo as antigas e confortáveis casas das elites mineiras. A Savassi ainda abriga moradores, que, em quase sua totalidade, residem em apartamentos distribuídos em edifícios de bom nível arquitetônico e aluguéis caros. Por conseguinte, o bairro, localizado em uma das zonas nobres da cidade, comporta vários recortes: bairro residencial, comercial, empresarial; entremeado por múltiplas ofertas de lazer e consumo: bares, boates, restaurantes, casas de chá, confeitarias, cinemas, galerias de arte e pequenos *shopping centers*. Aglutinando todos esses recortes o bairro guarda uma certa semelhança com a descrição que Muniz (1992) faz de Copacabana, no Rio de Janeiro. Obviamente, existem

diferenças entre a paisagem urbana dos dois territórios. A Savassi não é emoldurada pela beleza do mar e não apresenta nas redondezas a contrastante formação das favelas que circundam Copacabana. Porém, a configuração dos dois territórios se assemelha segundo a multiplicidade de recortes possíveis e conseqüentemente uma ambigüidade territorial abrigo de ofertas de prazer diurnas e noturnas. A Savassi, como Copacabana, é "(...) um convite quase irresistível para aqueles que se orientam pela deriva (...) e a certas atividades clandestinas, como aquelas do mundo gay" (Muniz, 1992, pág. 244)^(*).

É na interseção com a Savassi que uma das "principais" ruas da "lama" se situa. A rua da "lama" vive à noite. São vários barzinhos, um ao lado do outro, e algumas boates freqüentadas maciçamente pelo "meio". Alguns bares distinguem-se por reunir mais homens, outros, mulheres, mas parece haver uma predominância de bares femininos onde percebe-se um cruzamento de classes sociais. Há uma energia fervilhando, uma excitação no ar (Ver Mapa de Belo Horizonte, pág. 189).

Qual a diferença entre gueto e "lama"? O gueto é a denominação para os bares e boates de freqüência predominantemente "entendida" pontilhados pela cidade,

^(*) Apesar do trabalho de Muniz ser recente (1992), eu diria que hoje (julho, 1995), a Savassi assemelha-se mais ao bairro de Ipanema (apesar da primeira ser mais *chic*), não só porque aglutina todos esses recortes, como encontra-se mais "preservada" do que a atual Copacabana.

particularmente na Savassi, ou em bairros vizinhos. Ou seja, a "lama" tem um sentido mais amplo que o de gueto. Geralmente, todo gueto tem uma conotação simbólica de "lama", mas nem toda "lama", necessariamente, faz parte do gueto. Na fala de Glória percebe-se que ela, apesar de não freqüentar "o território homossexual", vai esporadicamente aos lugares de sociabilidade gay. Sua fala indica que os dois territórios podem estar entrelaçados e se confundirem.

"Gueto eu não freqüento, mas às vezes vou à 'lama'".

Glória.

Mas existem guetos e guetos. Além da rua da "lama", há vários barzinhos e boates gays, a maioria concentrados na zona sul. Estes, talvez pela freqüência de pessoas mais "transadas"^(*), são mais bem aceitos pelas entrevistadas. Alguns mais sofisticados, outros freqüentados também pelas classes populares que, nos finais de semana, saem da zona norte, em busca da realização dos seus desejos: olhar, paquerar, "fazer pegação", "transar", enfim, promessas e expectativas oferecidas pelos territórios de sociabilidade gay.

A zona sul de Belo Horizonte conta com cerca de oito bares e quatro boates destinados à freqüência "entendida", sendo que quatro bares e duas boates estão situados no "centro" da Savassi. Todos recebem um público "misto",

(*) Pessoas de bom nível sócio-cultural, que se vestem bem, têm "cabeça feita" e "entendem das coisas".

embora a maioria seja dirigida ao público masculino. De fato, mesmo que sejam conhecidos como bares para homens ou para mulheres, o dia da semana é mais importante na seleção do sexo da frequência. Nas boates, por exemplo, às sextas-feiras há predominância do público feminino, e aos sábados do masculino, sendo que no domingo à tarde as casas voltam a receber mais mulheres. Segundo Solange, essa divisão começou em meados da década de 70, quando surgiu uma das primeiras boates gays na cidade, e sua proprietária, pioneira, lançou "**o dia da Luluzinha**", onde não era permitida a entrada de homens.

De um modo geral, os bares e boates gays têm vida fugaz. São vários os fatores que contribuem para a provisoriedade desses espaços. Nem sempre os locais são adequados quanto à estrutura física. A maioria das vezes os donos aproveitam lojas pequenas, não cuidam da decoração, não investem na melhoria do local e o controle de qualidade dos produtos oferecidos é descuidado. Os proprietários ao não se preocuparem com a qualidade da casa, provocam, esgotada a novidade, a queda da frequência. É voz corrente no universo gay a busca pela novidade, seja na procura de novas casas noturnas, seja na ânsia de encontrar "carne fresca". Outro fator que influencia na oscilação desse mercado é o conflito enfrentado por muitos usuários. À medida em que a casa começa a ser muito visibilizada, os fregueses se afastam. A fala de Clarice é esclarecedora:

"Belo Horizonte muda muito de bar. Ao mesmo tempo que as pessoas querem, elas morrem de medo de ser vistas. As pessoas vão negando o que elas querem. O próprio freqüentador mata o bar...".

Faz parte do circuito da noite uma série de bares e restaurantes "alternativos", freqüentados tanto pelas mulheres ouvidas quanto por uma camada de artistas, intelectuais, boêmios. Restaurantes japoneses, chineses, bares "tradicionais" de intelectuais e novos pontos que vão surgindo e sendo ocupados. Há ainda os lugares chamados de "territórios livres", como o "Bar do Lulú" e bares adjacentes, ou o extinto "Postinho", que, funcionando praticamente vinte e quatro horas por dia, abrigava artistas, intelectuais, gays masculinos e femininos, travestis, enfim, as mais variadas tribos urbanas. Livres, apesar da presença da repressão policial incorporada como parte integrante do ambiente. A presença do poder policial tem um caráter "formal", pois há conivência e acordo com os donos de alguns bares, para garantir seu funcionamento. O certo é que, a partir das vinte e três horas, o "Bar do Lulú" e adjacentes passam por momentos de fluxo e refluxo, conforme as saídas dos cinemas, teatros ou bares que fecham mais cedo.

O "Bar do Lulú" é mencionado em quase todas as entrevistas. Considerado "um mundo à parte", o bar existe há mais de quinze anos. Situado em uma esquina, no alto do

bairro residencial de Santo Antônio, (vizinho à Savassi) o "Lulú" como é conhecido, passou por várias reformas, adaptando-se às mudanças e exigências do circuito da noite belo-horizontina. O proprietário afirma que a casa teria sido habitada por Guimarães Rosa. "Descoberta" que deu mais prestígio ainda ao bar. Mesinhas tanto nas calçadas como avançando pela rua completam a parte interna da casa, que conta com dois ambientes separados por uma pequena escada. Mas a quantidade de mesas não é suficiente para abrigar todas as tribos urbanas que circulam no local. Dezenas de pessoas em pé do lado de fora, em meio a carros e motos, compõem o ambiente de agitação. Volta e meia alguém atravessa o bar e "detona" o som da máquina de música acionado por moedinhas. Como o "Lulú" ficou "pequeno", à sua volta foram-se abrindo outros bares, para abrigar os notívagos excedentes. Considerado "território livre", no "Lulú" tudo e todos podem. Entre o bate papo alegre e descompromissado e as conversas "filosóficas" exaltadas, a "paquera e pegação rolam soltas". Não importa a combinação entre os sexos, vale tudo, além de "rolar sempre uma droguinha". O "Lulú" é passagem obrigatória para quem quer "cair na noite".

"As pessoas que estão... no nosso meio, elas estão sempre procurando alguma coisa, principalmente os homens, eles não abrem mão em um final de semana, para ir no sítio com a gente, porque tem que ir na boate sábado, tem que ir no "Lulú", no "Lulú"... (risos). Tem que ir no "Lulú" na sexta-

feira, estão sempre buscando alguma coisa mas, não sei, na verdade a gente tem muito mais amigos do que amigas desse meio, o povo que eu conheço é muito mais parecido comigo, tá casado, agora os meninos... Eu sei que é a busca, tem que estar sempre em algum lugar, principalmente no "Lulú". "Lulú" é canal". Sandra.

Esses territórios de sociabilidade se aproximam da chamada "zona moral": "É inevitável (...) que indivíduos que buscam as mesmas formas de diversões (...) devam de tempos em tempos se encontrar nos mesmos lugares. O resultado disso é que dentro da organização que a vida cotidiana assume (...) a população tende a se segregar não apenas de acordo com seus interesses, mas de acordo com seus gostos e temperamentos. Cada vizinhança, sob as influências que tendem a distribuir e a segregar as populações citadinas, pode assumir o caráter de uma "região moral" (Park, 1973, pág. 70). Entretanto, se esses lugares existem como uma possibilidade de território fixo, apresentam também uma freqüência fluida.

Na verdade, com maior ou menor freqüência, quase todas as entrevistadas acabam passando pelos bares ou boates em alguns finais de semana. Este ponto é interessante porque denunciou uma contradição na maioria das falas das entrevistadas. Apesar do discurso inicial ser de negação, dada a conotação pejorativa dada por elas mesmas aos bares e

boates destinadas aos "homossexuais", no final das entrevistas ficou manifesta uma certa freqüência aos guetos.

Em parte, a trajetória dessas mulheres pelo espaço urbano não se distingue muito da de algumas mulheres que namoram rapazes. É um hábito entre as entrevistadas sair na companhia de amigas acompanhadas de seus namorados, para ir às boates e bares gays, restaurantes, exposições de arte, cinema e teatro, visto as entrevistadas buscarem manter uma rede de sociabilidade que não se reduza ao mundo homoerótico. Afinal, lugares "eccléticos" têm cada vez mais proliferado nos grandes centros urbanos.

É importante destacar que, ao contrário de outros estudos sobre homoerotismo feminino, como os de Portinari (1989) e Muniz (1992), e pesquisas sobre homoerotismo masculino, como os de Guimarães (1977) e Perlongher (1987), a errância gay, nesse universo, não chega a ser uma característica marcante desse grupo, principalmente no momento em que foram realizadas as entrevistas. Mesmo fazendo parte da sociabilidade dessas mulheres, as incursões ao gueto não trazem a intensidade da "busca homossexual", tal como inferido desses estudos. Aspecto determinado, em parte, pelo fato de as mulheres estarem envolvidas hoje em relacionamentos "estáveis", encontrarem satisfação em viver uma vida mais "doméstica"^(*) e em função de suas idades.

(*) A "estabilidade" das relações e a vida "doméstica" serão discutidas no Capítulo 6.

Como relatei anteriormente, algumas das entrevistadas viveram a vida do gueto e a errância sexual, principalmente na fase do *coming out*. Hoje, volta e meia, algumas continuam passeando pelos bares e boates do circuito *gay*, sem, no entanto, estarem ávidas por novas parceiras. Aqui faço referência principalmente às mulheres que estão namorando, pois as solteiras são mais assíduas aos guetos. Diferindo em alguns aspectos dos estudos acima citados, que, obviamente, têm outros recortes, o estilo de vida desse universo apresenta especificidades. Talvez essas diferenças residam no recorte específico com o qual estou trabalhando, ou seja, mulheres que, antes de se envolverem com outras mulheres em relações afetivo-sexuais, vivenciaram relações heterossexuais significativas. No entanto, como visto, existem "características" comuns entre o estilo de vida *gay*, seja em Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e, guardadas as devidas proporções, em San Francisco e o dessas mulheres.

Vivendo uma vida mais a duas e pretendendo trocas igualitárias no campo do afeto, das práticas sexuais, financeiro e na divisão das tarefas diárias (mesmo as que moram separadas, quando se encontram na casa de uma delas, dividem as eventuais tarefas cotidianas), essas mulheres afastam-se, em certa medida, dos guetos, da errância sexual, ocupando um espaço "positivo" entre as várias redes sociais que percorrem. A positividade é uma característica do estilo de vida e da maneira de se posicionar diante do homoerotismo

das mulheres entrevistadas. Vale lembrar que a idéia de positividade é transmitida pelo grupo ouvido, em oposição a uma vida "marginal" e errante. O sentido positivo concerne a uma nova postura do homoerotismo feminino, que a exemplo de alguns sujeitos entrevistados por Costa (1992) não atribuem ao amor entre o mesmo sexo o caráter "(...) de face negativa da heterossexualidade" (Costa, 1992, pág. 157).

As relações femininas nos guetos são vistas em sua positividade e negatividade a partir das vivências individuais das entrevistadas. A passagem da vida social, pública, para a vida doméstica, privada, oferece segurança para os relacionamentos. É importante não confundir essa positividade com a conceituação tradicional maniqueísta de positivo = bom, e negativo = ruim. Mesmo porque essa relação é mais complexa. Enquanto Costa (1992), em seu ensaio sobre homoerotismo masculino, considera o gueto como negativo, no sentido de que a freqüência compulsiva ao gueto promoveria um desgaste irrecuperável de energia, MacRae (1990) pondera que a freqüência aos guetos seria positiva para os sujeitos trabalharem suas identidades. Igualmente, Muniz (1992) considera a perambulação de suas entrevistadas pelo circuito gay carioca como positiva e atribui ao dispêndio de energia e ao excesso uma positividade que a conceituação de Bataille (1975) confere à noção de despesa.

CAPÍTULO 6 - AS RELAÇÕES HOMOERÓTICAS

6.1. - ESSE SEU OLHAR...

As entrevistadas conheceram suas parceiras em viagens, em festas promovidas pelos colegas de trabalho, em bares "entendidos" ou "alternativos", em boates do circuito homoerótico, na militância gay, na casa de amigos comuns. O olhar foi o primeiro código não-verbal que possibilitou o "reconhecimento do outro" e as primeiras aproximações. Trevisan (1986) lembra que, no dia-a-dia dos brasileiros, independente de um convite erótico e do conhecimento entre si, o hábito de se tocarem e se olharem nos olhos é uma constante. Ressente-se em viagem aos Estados Unidos, quando flanava pelas ruas, "(...) da ausência de olhos brilhantes e generosos, no meio das multidões" (Trevisan, 1986, pág. 243). Corrêa completa a idéia sobre "(...) o papel privilegiado que o olhar como forma de conhecimento tem em nossa sociedade (...) e como esse olhar não é apenas categórico, classificatório, mas também hierarquizante. Isto é, quando olhamos algo ou alguém, não só o enquadramos em alguma categoria mas, ao mesmo tempo o definimos como superior ou inferior em relação a outra coisa ou a outrem. Ou talvez as próprias categorias que temos à nossa

disposição estejam já carregadas de sinais positivos ou negativos" (Corrêa, 1980, pág. 8). Assim, o olhar, intenso e cúmplice, convida e "diagnostica" quem "entende", e seduz quem "pode vir a entender".

Tânia explica: "O olhar... nos bares é mais declarado. As pessoas se reconhecem pelo olhar, é um aprendizado, um código mais sutil, que não é corporal. Eu percebia, mas não atinava...".

De fato, o olhar é o detonador de um envolvimento que mescla o não-verbal ao verbal como em um jogo de espelhos refletindo uns aos outros. Um jogo de sedução que nem sempre vai concretizar um encontro imediato. Algumas entrevistadas viveram "o amor à primeira vista", mas outras afirmam que o "encontro" ou o namoro levou dias, ou semanas. Como na reflexão de Muniz (1992), as entrevistadas revelam que esse olhar mescla sedução e romantismo. Muitas vezes, o olhar sedutor busca não só o namoro, mas também a amizade.

6.2. - O AMOR NÃO TEM SEXO?

Durante toda a dissertação, vim sugerindo que as relações dessas mulheres são "estáveis". As aspas têm sentido à medida que é necessário qualificar essa estabilidade e a busca pela preservação dos relacionamentos. O tempo de conjugalidade das mulheres entrevistadas é bastante variado: há relações de quatro meses e dez meses; um, dois, quatro, até nove anos de duração. Há diferenças igualmente no tipo

de relacionamento: parceiras entrevistadas morando na mesma casa (sete)^(*), entrevistadas morando separadas de suas namoradas (nove) e aquelas cujas namoradas moram em outras cidades (três) (Quadro 4, pág. 187).

No que se refere às várias esferas do cotidiano, as entrevistadas não indicam diferenças relevantes, entre as mulheres que moram juntas e as que moram separadas. Mesmo as que têm namoradas morando fora de Belo Horizonte (duas namoradas moram em cidades bem próximas a Belo Horizonte), as parcerias desenvolvem uma rotina de vida que, de um modo geral, apresenta semelhanças.

A maior parte das entrevistadas e suas parceiras mora na zona sul, no centro ou em bairros que circundam essas regiões. Em termos urbanos, para uma cidade como Belo Horizonte, estas distâncias são de dois, três, cinco quilômetros. Acresce ao aspecto geográfico ser comum em Belo Horizonte as pessoas se encontrarem com frequência (nos dias úteis à noite e nos finais de semana). Esses encontros ocorrem em bares, restaurantes ou nas casas de amigos. Como as distâncias são pequenas e o tipo de amizade permite, as pessoas visitam seus amigos, muitas vezes, sem se sentirem obrigadas a telefonemas prévios. O hábito cultural de uma forte sociabilidade se intensifica quando as pessoas estão envolvidas em laços afetivo-sexuais. Dessa forma, as parceiras que moram separadas, mas muitas vezes dormem na

(*) Um dos pólos de uma dessas parcerias não foi entrevistado.

mesma casa, desenvolvem uma rotina que não apresenta diferenças significativas das que moram juntas. Mesmo as parceiras que estavam morando juntas há mais de seis ou oito anos não se queixaram de desgaste nas relações, apesar do tempo de convivência ser o responsável pelas mudanças nos relacionamentos.

Para as entrevistadas cujos relacionamentos são recentes, mais importante que a medida de tempo horizontal é a verticalização do tempo, sua "realidade", seu momento e intensidade. Como sugere Patrícia "(...) **viver o real até a hora que desgastar**". Esta fala vai ao encontro do que diz Loyola: "A noção de tempo longo (...) é substituída pela de 'tempo fugaz' ou pela noção de intensidade, como bem traduz Vinicius de Moraes: "Que não seja eterno posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure" (Loyola, 1991, pág. 9).

Quando as mulheres começam uma relação, a intenção primeira é que a parceria se prolongue indefinidamente. A exemplo do modelo de "casal sentimental" (Pollak, 1987) emprestado das relações conjugais heterossexuais, há um dispêndio de energia para preservar as mesmas.

No terceiro capítulo foram descritos os casamentos ou namoros passados vividos pelas entrevistadas. Foi registrado ainda que a maioria das relações era boa, apesar de queixas na área afetivo-sexual ou insatisfações com a divisão hierárquica das concepções de gênero. Neste sub-capítulo, procuro compreender como se estruturam as relações atuais.

Para fazer esse percurso, optei por trabalhar com temas correspondentes às áreas que ofereciam mais conflitos nas relações heterossexuais e outras sugeridas pelas entrevistas.

Mas, como é o amor entre essas mulheres?

Foi registrado nas falas de diversas mulheres referências ao filme "O amor não tem sexo". Ressalto que as citações destacam mais o título da película, sobressaindo a exaltação de que o amor está além do sexo. Na quase totalidade das entrevistas esse discurso é recorrente. Ama-se mais a "pessoa" do que o gênero. A fala de Lu é exemplar:

"Um amor muito grande. Um amor que eu só via em livros. Impossível classificar. O amor não tem sexo, como o filme. É um amor, sem determinação do sexo. Não me considero homossexual, considero-me um caso à parte. É independente do sexo, é uma pessoa, que no caso é uma mulher. Mais que duas mulheres, nós somos duas pessoas, isso que eu acho essencial (...) foi a descoberta do amor mesmo, ela me descobriu, me escreveu mais de 200 cartas".

A literatura já dedicou muitas páginas sobre esse amor além da paixão. Um amor que só se vê em livros e filmes, e quando acontece é considerado um caso à parte. Esse amor acima da paixão "(...) não se coloca como qualquer paixão e, sim, como além ou aquém de qualquer outra: diferenciada pelo superlativo, paixão homossexual feminina" (Portinari, 1989,

pág. 89). Esse amor "indescritível" se expressa na fala de Lu. Ao conferir a esse amor uma impossibilidade de classificação, impõe-se uma necessidade de ultrapassar o lugar social, geralmente negado ao sentimento homoerótico.

Mas, além de ser considerado "indescritível", esse amor descarta a predominância da sexualidade.

"A Leila foi uma surpresa para mim também, é a pessoa, não é porque é mulher ou homem. A primeira vez não foi porque ela era mulher, foi porque ela era aquela pessoa (...) o motivo de eu estar com ela, não é porque ela é uma mulher, é porque ela é o que é". Marina.

É interessante perceber como o tratamento de "pessoa" dado às parceiras minimiza a sexualidade, enquanto o elogio ao sentimento ocupa o primeiro plano (principalmente se for levado em conta que Marina estava tendo o terceiro relacionamento homoerótico duradouro, no momento da segunda entrevista). Esse é igualmente um tema recorrente não só nas minhas entrevistas e em pesquisas sobre o amor entre mulheres, como em poemas, prosas e manifestos sobre o homoerotismo feminino:

"O lesbianismo descreve uma relação na qual duas mulheres trocam fortes emoções e afeto entre si. O contacto sexual pode ser parte desta relação num maior ou menor grau, ou pode estar inteiramente ausente" (Fadermam, L. in Mott, 1987, pág. 13).

Ou ainda:

"A lésbica não persegue o prazer sexual como finalidade única na relação com a companheira. Seu objetivo não é tanto o sexo, senão a busca de níveis profundos de comunicação, esferas de ternura, carinho e delicadeza. A essência do amor lésbico é a pura sensibilidade. Poder-se-ia dizer que a lesbiana sexualiza a amizade, pois a relação sexual nasce de um sentimento profundo que tem sua base no amor" (Manifesto do Grupo de Luta pela Libertação Lesbiana, in Mott, 1987, pág. 13).

No entanto, nas minhas entrevistas o deslocamento da sexualidade para um plano menos importante traduz uma contradição. É como se as mulheres repetissem um discurso já conhecido, que tenta negar a importância da sexualidade nas relações entre mulheres. A transferência da sexualidade para um nível secundário denota mais uma aparência, quase uma figura de retórica.

Foram poucas mulheres que colocaram com desenvoltura, ainda na metade da entrevista, a importância da prática sexual no relacionamento afetivo. Uma delas, militante de movimentos **gays**. Outra, uma das mais velhas em relação à média de idade do universo entrevistado (quarenta e sete anos), expressou-se da seguinte maneira:

"(...) é... (suspiro) eu diria que para mim, é tesão, eu tenho mais tesão numa mulher do que eu tenho num homem,

alguma coisa, o cheiro (...) não, a penetração não incomoda, eu tenho mais tesão, entende?". Laura.

Meu questionamento sobre a importância da sexualidade nas relações homoeróticas baseia-se no desenrolar dos depoimentos. No início das entrevistas o discurso tende a relegar a sexualidade ao segundo plano. Porém, essa aparente desatenção perde o poder da retórica inicial quando, no fim das entrevistas, estando as mulheres mais à vontade, a sexualidade é enaltecida. Todas as entrevistadas gostam de "transar" com as parceiras e exaltam as afinidades descobertas no contato entre os corpos.

"É uma transa muito meiga, de muito carinho... O relacionamento de mulher com mulher é mais continuado. A mulher entende mais a outra mulher". Carmem.

"Com a mulher é a noite inteira, a mulher é mais paciente, o corpo da mulher me fascina... É um tesouro que você encontra, uma coisa que você explora, com as mulheres tem o aconchego". Patrícia.

A questão do tempo nas práticas sexuais entre as mulheres é recorrente em quase todos os discursos. Novamente, reporto-me ao terceiro capítulo, quando as mulheres expressavam algumas insatisfações nos contatos com os homens. O que era queixa naquele capítulo, é exaltação neste. Elogia-se o ritmo mais demorado e continuado dos contatos entre os corpos, a continuidade do relacionamento,

a não existência de um objetivo único no ato sexual, ou seja, "o orgasmo não é tudo". Ou melhor, a sexualidade está de tal forma integrada nos relacionamentos afetivos que abrange o corpo como um todo, ao contrário de algumas práticas sexuais heterossexuais dessas mulheres e algumas práticas homoeróticas masculinas (Perlongher, 1987) que, muitas vezes, fixam-se em objetos parciais, caracterizando um tipo de contato chamado "órgão a órgão" (Hocquenghen, 1980).

Mas nem todas entrevistadas aderem à lista dessas exaltações. Como em todos os temas aqui abordados, existem condutas que se repetem, mas impõem-se também as diferenças. Sobre a questão do tempo nas relações sexuais há depoimentos representativos da diversidade da prática sexual:

"(...) não tem nada pré-fixado. Já transei com homens que eu gozo antes e com homens que gozam antes. Isso depende do grau da afinidade na cama. A mulher de um modo geral é mais paciente, mas depende do encontro, depende do cansaço, se mais chapada ou não, quando bebo muito, fico mais lenta. De um modo geral o homem goza logo, o homem não aprendeu o romantismo, a "*mise en scène*", eu sou muito romântica, mas cada um é um. Meu ex-namorado era imaturo, achava que tinha de comer a mulher. Cada um tem uma história de vida. A transa é variada de acordo com o dia e ainda bem, já pensou se fosse o trivial? A questão do tempo acho pura bobagem, puro sensacionalismo, com o Júlio passava o dia na cama,

igual com minha namorada: deitava, dormia, comia, bebia, transava, jogava baralho, via filme, dormia. Passava o domingo em casa no quarto. Tanto com homem ou com mulher, é o encontro de duas querências, identificação, caminhar junto, encontrar, desencontrar". Marina.

É possível que a inversão inicial de lugares, entre o afeto e o sexo, resida nas diferenças de duas práticas sexuais distintas. Para as entrevistadas, a estruturação do ato sexual entre os sexos opostos é diferente das práticas sexuais entre duas mulheres. Na verdade, não é só a estrutura que é diferente. É todo o contexto. O ato sexual não se distingue muito do carinho enaltecido que permeia o relacionamento. O sentimento de continuidade não é interrompido ao término do contato sexual entre os corpos, "corpos e almas". O envolvimento e "a magia" são contínuos. Não há uma quebra brusca para as futuras ações. O lugar do afeto, e a função amor/sexo são muito mais presentes. Apesar dessas diferenças, percebe-se, nas entrevistas, que este discurso sobre as mulheres darem mais atenção ao afeto vale para as mesmas, a despeito delas "transarem" com homens ou com mulheres.

A constatação do "falso" lugar onde a sexualidade aparece colocada não tira a importância da afetividade como sustentação dos relacionamentos. Como também fica evidente que o afeto supera as eventuais faltas de contato entre os corpos. Eventuais, pela própria dinâmica do cotidiano que se

compõe das atividades profissionais, da organização da casa (quando moram juntas), do cansaço no final de um dia de trabalho, das indisposições pessoais, enfim, das idiossincrasias de cada uma. Três entrevistadas afirmaram que, apesar de gostarem do contato sexual com as parceiras, **"não são muito ligadas em transar"**. Muitas vezes, o estar juntas, independente da frequência do ato físico é uma das condições para a manutenção do romance. Parecem românticas as relações, como parecem românticas as mulheres. É como se, ao mesmo tempo, houvesse uma confluência entre o modelo de relações do casal romântico que perdurou no século XIX e o modelo "moderno" (Loyola, 1991). Mas, antes de discutir como a interação afetivo-sexual das parceiras se adapta a modelos, há algumas questões a serem colocadas.

6.3. - AS PRÁTICAS CORPORAIS

Os trabalhos sobre homoerotismo masculino ou feminino sempre tocam na questão da atividade e passividade sexual. Parker interpreta a polaridade entre atividade/passividade, dominação/submissão, penetrar/ser penetrado, como tradutora de nossa tradição patriarcal, que se reflete tanto na linguagem corporal quanto nas classificações sexuais (Parker, 1991, págs. 88 e 89). Quer nas relações homoeróticas masculinas, quer nas femininas, a postura ativa é associada à masculinidade/superioridade e a passiva à feminilidade/inferioridade, como de resto, nas relações heterossexuais. De maneira análoga, Muniz (1992) observa que

quando o amor entre mulheres toma a forma de discurso, a dualidade ativo/passivo e masculino/feminino traduz nossa gramática sexual.

Mott reflete sobre anúncios homoeróticos femininos na imprensa, que a exemplo dos apelos gays masculinos entraram em veiculação na mídia. Os anúncios em jornais e revistas destinados a encontrar uma parceira, utilizam os termos "lésbica ativa" e "passiva". Segundo o autor, não fazem mais que reproduzir a polaridade reguladora do universo homossexual masculino, embora ressalte o pouco uso do termo passivo. A passividade é um estigma também para as lésbicas, pelo menos ao evitar anunciarem-se como tal. Mas, "(...) no dia a dia, contudo, como as "passivas" são inidentificáveis, recai sobretudo nas "ativas" o maior peso do estigma e discriminação homofóbicas" (Mott, 1987, págs. 162 e 163).

É importante relativizar a correlação entre a aparência das "ativas" e suas práticas. Em pesquisa com mulheres lésbicas em Porto Alegre Aquino (1995) considera que as categorias "passiva" e "ativa" são relacionais e negociadas. Estas categorias são construídas e dizem respeito à "(...) exteriorização estereotipada dos papéis de gênero ou ao comportamento sexual" (Aquino, 1995, pág. 86).

As mulheres por mim entrevistadas informam igualmente, que as práticas sexuais são intercambiáveis. Nem sempre o gestual feminino corresponde a um papel mais "feminino" na relação sexual. Há mulheres com visual "masculino" ou

"andrógino" e que podem assumir ora um papel mais "feminino", ora um papel mais "masculino" nas relações sexuais. No campo da sexualidade, a divisão por essas categorias corresponde à iniciativa durante o ato sexual, ou seja, ter uma postura mais atuante durante o mesmo.

"Na minha relação houve mudanças. Quem olhar, acha que eu sou a mulher porque a Luisa (sua parceira) tem um visual mais andrógino. No início, ela fazia mais o papel masculino no sexual, tomava mais iniciativa, aí eu fui deixando. Atualmente eu que faço mais o papel masculino, a transa vai variando de acordo com a evolução da sexualidade". Marina.

A questão da atividade/passividade remete à discussão de uma nova postura de alguns segmentos médios e superiores da homossexualidade masculina, em torno da década de 70. Fry (1982), elabora uma classificação indicando dois modelos de relacionamentos designados "tradicional" e "moderno". A diferença entre os dois modelos reside tanto na rejeição das funções ativo/passivo quanto na gramática corporal. Para o modelo "moderno" não importam mais as funções ativo/passivo, importa a "transa" entre os parceiros, sua orientação sexual. O ponto chave do deslocamento da ênfase do comportamento sexual para a orientação sexual é a desestigmatização do ato passivo, que prescreve a simetria entre os parceiros. De maneira análoga, MacRae (1990) confirma que uma das lutas das participantes do Grupo Lésbico-Feminista, criado em São Paulo em 1979, era romper

com os rótulos de "lady" e "fanchona" disseminados entre as freqüentadoras dos guetos lésbicos, aludindo à dicotomia ativo/passivo entre as mulheres e à gramática corporal.

No entanto, até hoje, o tema da atividade/passividade povoa o imaginário sexual do "senso comum" que invoca a pergunta clássica: "O que duas mulheres fazem na cama?" Uma das dificuldades para se entender a possibilidade de duas mulheres juntas reside na igualdade dos corpos e seus orifícios. A ausência do falo dificulta a compreensão da união entre dois corpos iguais, à medida que não existe o corpo penetrado e o corpo penetrante. A homossexualidade masculina seria mais "compreensível", enquanto contato dos corpos justamente por conter os dois elementos que se completam, ou se penetram (Muniz, 1992). Todavia, é justamente essa ausência que permite, para algumas entrevistadas, maior facilidade em lidar com o corpo de outra mulher. São exemplos Laura, Carmem e Sônia citadas abaixo.

O "Coletivo de Feministas Lésbicas" trata de forma irônica a curiosidade que permeia o imaginário social sobre as práticas sexuais entre mulheres, que superssexualiza as relações homoeróticas femininas, embora tenha dificuldade de imaginar relações onde o órgão masculino esteja ausente.

O QUE AS LÉSBICAS FAZEM NA CAMA?

As lésbicas fazem muitas coisas na cama, entre elas dormir, ler, assistir à televisão, fazer ginástica etc.

Quanto ao lado sexual que a palavra cama logo sugere, as lésbicas usam a imaginação, porque são mulheres e conhecem bem o corpo das mulheres.

As pessoas acham difícil imaginar relações sexuais sem a presença do pênis. Mas as lésbicas amam com todo o corpo, com as mãos, os dedos, a boca, a língua, as pernas, os seios... e a imaginação, descobrindo partes do próprio corpo e do corpo da companheira para o prazer.

Muita gente acredita que as lésbicas só pensam em sexo, mas não é somente esse aspecto de nossa vivência que deve ser ressaltado. Escolhemos as mulheres como as pessoas mais importantes de nossas vidas: como aliadas, companheiras e amantes^(*).

O tema das relações sexuais, como os anteriores, motivou respostas diversas entre as mulheres ouvidas. Algumas delas colocam como transitivas suas práticas sexuais. Existiria uma harmonia em relação à iniciativa do ato sexual, da mesma forma que as duas transitam igualmente pelo corpo uma da outra durante o ato, havendo uma participação mútua dos carinhos e carícias. Dessa forma, a maioria não acredita que desempenhe uma atuação mais ativa do que a outra e considera o modelo ativo/passivo como pobre e ultrapassado. Quando as entrevistadas se referem às posturas sexuais e não-sexuais nas relações, recorrem aos termos "feminino" e "masculino". A maioria das mulheres não separa a esfera dos contatos

(*) Texto retirado do folheto "Um pouco do que você gostaria de saber sobre as LÉSBICAS", editado em 1990, pelo Coletivo de Feministas Lésbicas de São Paulo.

corporais do restante da relação. Em meio às considerações sobre a sexualidade, as questões cotidianas aparecem entrelaçadas. A fala de Simone expressa esse entrelaçamento:

"Não se destaca muito do resto das questões. No explícito quem manda nessa relação é ela, e na sexualidade também. Eu mando no implícito (risos). A gente transa quando ela quer, porque quando eu quero e ela não quer a gente não transa, e quando eu não quero, ela me faz querer, é muito por aí".
Simone.

É interessante ressaltar nessa fala a supremacia do afeto que ocorre, muitas vezes, na relação entre o gênero feminino. É possível igualmente, que em uma relação heterossexual, a mesma questão fosse colocada como uma queixa com referência a um jogo de poder.

O fator tempo é considerado o responsável pela mudança da postura sexual no relacionamento de algumas mulheres, independente de morarem juntas, separadas ou mesmo em cidades diferentes. Na verdade, tanto o cotidiano, quanto o tempo de relacionamento são duas variáveis que se entrelaçam. Isso se deve ao fato de que mesmo morando em cidades diferentes, com o tempo, as mulheres passam a desenvolver uma rotina de vida.

Nos relacionamentos mais prolongados (a partir de dois a três anos), o desejo se modifica, as relações corporais se tornam mais espaçadas, alterando a intensidade das mesmas e

a relação afetiva pode se tornar mais sólida. Porém, o tempo longo não significa garantia para a "eternidade" dos namoros. Há uma negociação constante dos desejos (em seus mais variados níveis) e dos conflitos. Para evitar que a relação possa se tornar fraterna ou materna a mesma deve manter acesa a chama da emoção.

De um modo geral, nos primeiros meses, até os primeiros anos, as mulheres se relacionam sexualmente de forma igualitária. Ambas tomam a iniciativa da procura sexual e se tocam transitivamente. Com o passar do tempo, há mudanças quanto a essa transitividade. Esse tempo varia de acordo com a dinâmica interna de cada par. Há mulheres que indicam uma mudança de postura já no primeiro ano. Outras, com relacionamento mais duradouro, informam que a postura sexual era ou é sempre transitiva. Ainda há aquelas que levam mais tempo para mudar a forma de se relacionar sexualmente.

Há também depoimentos indicando a necessidade de posturas sexuais definidas depois de dois anos de conjugalidade. Mônica, por exemplo, considera o sexo com uma mulher mais difícil do que com um homem. Com o homem, "(...) a transa sexual já vem programada", ao passo que com a mulher há que se aprender uma nova gramática corporal. Embora critique a programação dos relacionamentos entre os sexos opostos, sua fala demonstra a existência de uma reprodução das relações de gênero no seu relacionamento, pois se considera predominante na relação afetiva e sexual. Conclui que sem

posturas definidas a relação corre o risco de se perder e se confundir. Para Mônica, é inevitável que o passar do tempo imponha uma definição de posturas afetivo-sexuais, sendo a mesma considerada como asseguradora da sobrevivência da relação. Mas, a fala de Mônica não é representativa do pensamento da maioria.

Se para Mônica o contato com o corpo de uma mulher é mais difícil, porque é um caminho desconhecido, Patrícia exalta as práticas sexuais com as mulheres, justamente porque o caminho desconhecido oferece a aventura da descoberta.

Existem outras razões que conotam maior facilidade em lidar com a sexualidade de outra mulher. Para Laura, Carmem e Sônia, citadas anteriormente, essa facilidade reside exatamente na ausência do órgão sexual masculino, visto enquanto emblema de poder. O contato entre corpos e mentes iguais facilitaria a relação sexual. "Elas podem amar-se dentro da igualdade. Sendo os parceiros homólogos, todas as combinações, transposições, trocas, comédias são possíveis. As relações equilibram-se segundo as tendências psicológicas de cada uma das amigas e o conjunto da situação" (Beauvoir, 1949, pág. 159). Embora não exista uma unanimidade de opiniões quanto às práticas corporais, percebe-se uma proposta ao nível do comportamento para que as trocas sexuais sejam harmônicas.

Por sua vez, a menstruação não representa um problema para a grande maioria das entrevistadas. Aliás, é preciso

ressaltar que, longe de ser apenas um fenômeno biológico, o fluxo menstrual tem conotações sociais e culturais, de acordo com o contexto em que estejam inseridas. Sardenberg (1994), em um trabalho que reúne várias etnografias sobre a menstruação, relaciona a perda sangüínea e a importância do fenômeno para a construção social das identidades de gênero. Sua pesquisa indica, na simbologia da menstruação, vários fatores influentes, entre os quais destacam-se as ideologias de reprodução e parentesco, o exercício da sexualidade, as concepções sobre o corpo, a saúde, as doenças e as práticas alimentares.

Parker (1991) discorre sobre as associações feitas no Brasil entre o fluxo menstrual e a noção de impureza, embora advirta para a coexistência de vários subsistemas díspares, conflitantes e até contraditórios na nossa sociedade.

A maioria das entrevistadas tratou o tema com naturalidade. Algumas mulheres gostam de ficar menstruadas e uma delas associou o sangue com a força da vida e signos do universo feminino.

"Acho até bonito menstruar, é vida, assim como acho bonito usar batom... duas coisas que os homens não têm, que eu acho um privilégio das mulheres: o batom e a menstruação". Clarice.

Outras ressaltaram que em um relacionamento entre mulheres é possível uma melhor compreensão da depressão pré-

menstrual. Esta compreensão pode ser entendida como um fator que demarca diferenças entre os gêneros.

"Quando morava com o Mário, ele não entendia minhas depressões pré-menstruais. Já a Débora entende, porque ela menstrua, ela é mulher. O homem nunca vai saber o que é pré-menstrual, e isso prá mim é muito importante". Sandra.

Apenas uma entrevistada, do "Grupo 1", disse ter repulsa pelo cheiro do sangue, e outra, do "Grupo 2", lamentou a ocorrência do fluxo menstrual.

"Sinto muito os efeitos pré-menstruais. Fico irritada com a coisa da fertilidade. É um incômodo, esta porcaria não me deixa em paz... um mal necessário". Inês.

Para Carmem, que é a mais velha do grupo - sessenta anos -, a menstruação a afastava sexualmente tanto da parceira quanto do ex-marido:

"(...) mas acho que isso caiu de moda e hoje é para ver com naturalidade. O que a gente escutou, o que a gente viveu fazem parte da gente".

A maioria das mulheres não vê problema em manter contato sexual com a parceira quando está menstruada. Porém, acham mais cômodo adiar esse contato para depois do segundo dia do ciclo, em função do fluxo ser menos abundante. Outras comparam a menstruação nas relações homoeróticas e heterossexuais, e acham que para o homem se relacionar

sexualmente com uma mulher menstruada é mais incômodo do que para outra mulher. Percebe-se em algumas entrevistas que a menstruação não é diferenciada do resto do relacionamento. Ao estarem "**inteiras**" nas relações, o fluxo menstrual é visto como uma parte de um todo, que é amado.

Como procuram manter uma simetria nas relações como um todo, a sexualidade igualmente é sentida como uma troca. Para a maioria, não existe relação sem poder, ou melhor, o poder está instalado na relação, poder esse que independe da igualdade ou diferença entre os sexos. Esse poder reflete quem toma mais iniciativas nas diversas áreas do cotidiano, ou quem tem o temperamento mais dominante.

No entanto, a tentativa das parceiras é negociar esse poder no dia-a-dia, em todas esferas do cotidiano, pois rejeitam o modelo dominante/dominada. Revista a retórica, percebe-se que, se existe uma preocupação constante de não reproduzir o modelo heterossexual tradicional de relações de gênero, é porque esse fantasma encontra-se presente.

A maioria é unânime ao afirmar viver relações igualitárias. Na verdade, mesmo que algumas vezes o relacionamento resvale para a hierarquia das relações de gênero, o desejo entre as mulheres é de que não haja predominância de uma sobre a outra. É possível constatar que uma mesma mulher pode ter vivido anteriormente uma relação assimétrica - em todos seus aspectos - e viver no momento um relacionamento considerado igualitário. O fato é que as

relações não são absolutas. São construídas, elaboradas no cotidiano, e sofrem modificações com o passar do tempo.

6.4. - FIDELIDADE E CIÚME

Mesmo que não consigam viver o tempo todo o ideal de uma relação igualitária, as mulheres tentam evitar reproduzir a tradicional configuração de relações de gênero. Quatro depoimentos indicam que nas primeiras experiências com mulheres, as relações eram "grudadas" e "sufocantes". É como se repetissem, nesses primeiros contatos, os relacionamentos heterossexuais passados. As mulheres já tinham vivido uma série de conflitos com os parceiros masculinos e, naquela época, lutavam por mudanças nas relações. Os conflitos diziam respeito basicamente ao sentimento de posse, e, conseqüentemente, ao ciúme. Desfeitas as relações com as primeiras parceiras, as entrevistadas tentam evitar que a "compulsão à repetição" se imponha nos relacionamentos atuais. Dessas quatro entrevistadas, duas relembram que no princípio do namoro atual ainda sofriam com o peso do sentimento de posse e do ciúme. Muitas vezes, esse sentimento vai se modificando ao longo do relacionamento, tornando-se mais ameno, o que não significa que ele acabe.

De todas as entrevistadas, apenas duas afirmaram que o ciúme é um problema constante da convivência atual. O processo de amadurecimento através dos auxílios terapêuticos, ou pela elaboração das experiências passadas, possibilita às parceiras melhores condições de lidar com os

sentimentos, o que não elimina cenas de ciúme, e um abalo nas relações, quando o ciúme é "concreto". Mas, as traições, supostas ou verdadeiras, são muitas vezes desmascaradas pela tentativa de transparência que permeia os relacionamentos. Isso acontece por dois motivos: além de haver uma proposta de sinceridade entre as envolvidas, haveria uma dificuldade maior em mentir para uma mulher - mentir-se-ia mais facilmente para um homem. Fato que pode gerar conflito, já que os sentimentos são mais difíceis de serem escamoteados. Como uma das entrevistadas sugeriu:

"... com mulher não dá para ter segredo, a mulher tudo percebe, tudo entende, quer saber de tudo". Ângela.

O desejo de que haja sinceridade nas parcerias passa, também, pela não-instituição formal do relacionamento, justamente porque essas relações não estão asseguradas pelo "cimento social" que facilita a consolidação dos relacionamentos heterossexuais (Pollak, 1987, pág. 65). Como as relações não têm um modelo próprio, sendo necessário tomá-lo emprestado das relações heterossexuais ou recriá-lo, a sinceridade é uma forma de preservá-las. Mas paga-se um preço pela sinceridade. Ela pode desencadear fortes conflitos. Ângela completa sua fala:

"(...) com mulher é uma coisa meio de alma, muda o aspecto da coisa, (referindo-se aos relacionamentos heterossexuais) é muito rico, ao mesmo tempo um conflito fudido".

P. Por quê?

R. "A mulher é mais egoísta, te dá o maior trabalho, o homem briga enche o saco, sai de casa, a mulher não, quer conversar tudo...".

Mas, fica a pergunta: de quem as mulheres têm ciúme?

As respostas são ambíguas. Algumas sentem mais ciúme da possibilidade da parceira "transar" com outra mulher, outras temem que as parceiras possam se envolver com outros homens. Mas, há entrevistadas para as quais ambos os sexos podem representar uma ameaça.

"Há relacionamentos homossexuais que são piores que os heteros, existe muita posse, muito ciúme, as pessoas pensam: finalmente encontrei alguém como eu, então vou agarrar, como se fosse uma tábua de salvação, como existem casais hetero que vivem juntos a vida inteira porque não dão conta de viver a dor da perda. Os homos transam demais, como trepam! Gente, e a poesia? (...) é uma coisa mais pela quantidade, do que pela qualidade, muita competição. Nas boates você vê isso: dois casais homo, todo mundo paquera todo mundo, tanto homem quanto mulher, e todo mundo já namorou com todo mundo...". Patrícia.

A fala de Patrícia remete à errância sexual, à deriva nos guetos, onde o circuito gay acaba se fechando sobre si mesmo. Ou seja, apesar das possibilidades de "transa" serem grandes, muitas vezes as trocas sexuais acabam sendo entre

um mesmo círculo de pessoas. Quando Patrícia diz que os homossexuais transam muito, sua fala vai ao encontro da observação de Pollak: "A paquera homossexual traduz (...) a um só tempo, a maximização do 'rendimento' quantitativamente expresso (em número de parceiros e de orgasmos) e a minimização do 'custo' (a perda de tempo e o risco de recusa diante dos 'avanços')" (Pollak, 1987, pág. 59)^(*).

Mas o ciúme pode se manifestar também em relação aos filhos. Como foi registrado no Capítulo 5, a presença dos filhos muitas vezes constrange as relações das mulheres, mas apenas uma entrevistada relacionou o ciúme a esse constrangimento. No caso citado, a pessoa tem um filho pequeno, mas, como sua namorada não gosta de crianças, a convivência é constantemente abalada por essa recusa. Na verdade, além da parceira não gostar de crianças, ela não aceita ser a terceira pessoa na relação. Como a criança é pequena e necessita de cuidados constantes, a entrevistada sente-se sobrecarregada por ter sua atenção exigida e dividida entre duas pessoas. A situação parece ser bastante complicada e Marina não sabe como vai resolvê-la.

"Ela implica com tudo. Acha que eu estou criando mal, que ela (a criança) está birrenta. Quando eu peço para segurar a

^(*) Como a primeira edição do ensaio de Pollak é de 1985, é possível que com a eclosão da AIDS, esta interpretação tenha que ser relativizada. Porém, não tenho informações atuais sobre as práticas homossexuais masculinas.

criança ou jogar a água do balde fora, ela prefere pegar o balde e jogar a água fora. Nunca trocou uma fralda".

As mulheres tentam administrar o ciúme segundo a economia interna de cada "casal". A maioria acredita que o código regulador do relacionamento é a unicidade, e não se sente disponível para aventuras extra-conjugais, embora admitam a existência de infidelidades passageiras. Essas infidelidades algumas vezes são contadas para as parceiras, outras não. O grau de confiança varia segundo cada par. A maioria discorda "da eterna e clássica traição" comum nas relações heterossexuais que viveram no passado e do código baseado na dupla moral: o que é válido para um não é válido para outro ("faça o que eu falo e não faça o que eu faço").

A maior parte das mulheres defende relações fechadas, isto é, sem abertura para relações triangulares ou plurais (embora algumas entrevistadas já as tenham vivido no passado e hoje avaliam que "não dão conta" de viver relações abertas). Como as mulheres dizem estar satisfeitas com suas parceiras, existe uma disposição para preservar os relacionamentos. Não vale a pena correr riscos, embora saibam que a sexualidade não é segura por nenhuma norma.

O caso de Tânia ilustra um relacionamento que após quatro anos passou por uma crise (no momento da segunda entrevista estavam juntas há cinco anos). Morando separadas, ela em Belo Horizonte e a parceira em outra cidade, em determinado momento Tânia se envolveu com um rapaz, mantendo com ele uma

relação paralela. Segundo Tânia, apenas a primeira vez que "transaram" foi boa, enquanto as posteriores foram ruins, em função de: primeiro, porque estava traindo sua companheira; segundo, porque nunca imaginava que fosse se envolver com um rapaz. Depois de algum tempo, Tânia, não suportando a situação, "confessou" para sua companheira o seu envolvimento com o rapaz. A parceira ainda se ressentida do episódio ocorrido há mais de um ano, e Tânia considera que não valeu a pena o "caso", ainda mais sendo com um homem. É interessante perceber a presença do termo "confissão", como atributo de gênero.

"Fiquei apaixonada pelo rapaz. Fui traída pelo desejo (risos). Mas, chegou num ponto que a barra ficou pesadíssima. Aí eu não agüentei e confessei para a Lúcia. Coisa de mulher, isso de confessar. Ela se sentiu duplamente traída, pelo fato de eu estar envolvida com outra pessoa e pelo fato de ser homem. Fiquei desolada".

- Por quê?

"Porque ele veio me atrapalhar a vida, me trouxe muito pouca coisa. Era uma luta sem fim, como se fossem dois gladiadores numa arena, um pretendia era subjugar o outro (...) porque eu não preciso mais transar ou me interessar por nenhum outro homem para saber que não funciona, eu posso gozar, eu posso trepar, eu posso me sentir atraída por um homem, mas o relacionamento não funciona, é uma causa perdida".

Assim, o desejo dá uma volta e pode surpreender quem se considerava "definida" sexualmente. É comum no universo gay esse tipo de "retorno" ser chamado de "recaída". Se a experiência de Tânia deixou um "saldo" negativo, este fato veio reforçar a "escolha" homoerótica enquanto comportamento. Entretanto, essa "flutuação" do desejo traz à tona conflitos sobre a tendência sexual. Muitas vezes, as mulheres se angustiam quando sentem desejo sexual por um homem, desejo esse que julgavam "superado". Para algumas entrevistadas é muito mais "confortável" e seguro terem sua sexualidade "definida". Por outro lado, a última fala efetua uma distinção, outra vez, entre "relacionamento" e "atração sexual". A esta última caberia desafiar as classificações que os contornos da afetividade e da convivência estabilizariam. Mas o campo é tenso.

6.5. - SER OU ESTAR, EIS A QUESTÃO

"Sou homossexual, sou, mas não sou só isso, minha vida tá mais bonita agora, porque tá mais leve. Não tenho mais necessidade de esconder. Quando você se aceita, todo mundo passa a te aceitar melhor. Minha mãe sabe, meus amigos... claro que eu não saio abrindo, mas também não fico escondendo". Patrícia.

"Eu estou homossexual, é uma opção. Eu não me considero homossexual, nem heterossexual, meu caso é o seguinte: não tem nome isso, porque gosto das pessoas, fui casada quatro

vezes com homens e esta é a segunda relação com mulher".
Marina.

"O que é ser homossexual? Ultimamente eu estou homossexual, vou ainda para cama com homens, mesmo durante o namoro com a Lillian". Regina.

"Eu tive várias experiências com homens e com mulheres, o que era uma curiosidade desde menina, é uma opção da minha vida, porque eu não acho que é só isso, eu acho impossível classificar uma pessoa assim, por homo, por hetero, porque a sexualidade é um aspecto, mas não vai definir ninguém".
Fernanda.

Afinal, o que é a "homossexualidade"?

A "homossexualidade" é uma prática, uma idéia, uma pulsão? Sendo uma prática, quantas vezes uma pessoa precisa exercitá-la para ser chamada de "homossexual"? Uma, ou duas vezes na vida, uma vez por semana, uma vez por mês, ou ocasionalmente nas férias? O que importa é a freqüência ou a intensidade das relações? Sendo uma idéia, o fato de pensá-la já significa uma tendência? E, sendo uma pulsão, quem a sente é mais ou menos "homossexual" do que quem a realiza? Quando as mulheres entrevistadas dizem que "estão homossexuais" e que esse estado foi uma escolha, uma opção, esbarram tanto em uma questão temporal quanto em uma questão do desejo. "Estar homossexual" significa transitar livremente pelos caminhos do desejo e escolher em

determinada etapa da vida, o mesmo sexo para se relacionar, e voltar a se relacionar com o sexo oposto quando assim determinarem? Como reflete Tânia:

"Ninguém senta numa escrivaninha e decide... Não é uma coisa cerebral".

Esta escolha significa um tal domínio sobre o próprio desejo que faz estas afirmações parecerem um tanto apressadas. Ora, a subjetividade é construída ao longo da vida sofrendo influências de fatores sociais, ideológicos, e da história pessoal. Para Freud, inclusive: "Parece provável que a pulsão sexual seja, em primeiro lugar independente de seu objeto: nem é provável que sua origem seja determinada pelos atrativos de seu objeto" (Freud, 1905, pág. 149). Bezerra Júnior, em um artigo sobre esta afirmação de Freud comenta: "A escolha do objeto sexual, portanto, em vez de seguir alguma predeterminação natural, biológica, depende de uma série enorme de fatores sociais e biográficos, que conformam um variado leque de possibilidades" (Bezerra Júnior, 1988, pág. 63).

Não é meu interesse aqui investigar "a gênese da homossexualidade", porque assim procedendo colocaria a heterossexualidade como seu contraponto, símbolo da normalidade sexual. Ademais, buscar explicações para a etiologia da "homossexualidade", - questão bastante controversa - contraria os objetivos desta etnografia, visto este trabalho se apoiar nos depoimentos expressos nas

entrevistas, com o fim de compreender o "presente". As "explicações" da "homossexualidade" são registradas porque exprimem uma necessidade das entrevistadas, logo é importante tentar compreender o que as mulheres estão dizendo quando falam de escolha, opção.

Portinari reflete sobre o uso do termo opção: "(...) será o sujeito tão dono, tão senhor assim desta sua homossexualidade?" (Portinari, 1989, pág. 31). As falas das minhas entrevistadas podem deixar entrever a negação de um conflito (como será discutido nas páginas seguintes). Quando as entrevistadas definem a prática sexual atual como uma escolha, entendo como uma referência mais à "ordem do comportamento" que à "ordem do desejo" (Costa, 1992, pág. 154). Embora muitas vezes estejam imbricados, a distinção entre esses dois níveis torna a questão mais clara.

Na verdade, o desejo homoerótico do universo analisado esbarra na discussão da identidade sexual. Seria forçado falar de uma identidade homossexual fixa. A resistência a fixar essa identidade justifica-se porque observa-se um trânsito entre heteroerotismo e o homoerotismo - não é à toa que Tânia denuncia ter sido "**traída pelo desejo**". Observa-se no comportamento homoerótico várias nuances: o jogo de posições diante das mais diversas situações (familiares, sociais, de vizinhança, com seus pares) alerta para a construção constante de uma identidade. Mesmo considerando que as mulheres "estão homossexuais", há um deslocar-se por

vários códigos que resiste a uma definição de identidade que se fixa na sexualidade.

Como foi registrado anteriormente, na esfera íntima do contato entre os corpos há também uma flutuação da postura sexual. Algumas entrevistadas percebem mudanças nas posições de "masculino" e "feminino", que altera os códigos de uma identidade "masculina" ou "feminina". O tempo do relacionamento e todos os fatores inerentes às relações constroem posições que se movem. Dessa forma também noções como "ativo" e "passivo" são deslocadas na relação.

6.6. - CONFLITO E ÁLIBI

"Esta questão de ser homossexual é uma questão que não é tranqüila, eu duvido que ela seja tranqüila para qualquer pessoa". Simone.

"Para mim é tranqüilo. A forma como eu vivo é tranqüila. As pessoas para conviverem comigo intimamente vão ter que saber disso, se vão dar conta é um problema delas, mas eu não quero ninguém do meu lado pela metade. Mas... você queria que as pessoas soubessem, é duro não poder assumir socialmente... As mulheres não estão precisando mais ficar travestizadas. Estamos nos misturando com as mulheres ditas normais. Porém, ainda existe muito preconceito, idéia de doença, tem que ir para a cadeia, tem que matar". Cíntia^(*).

(*) A noção de normalidade x doença será discutida nas Conclusões.

A questão central neste sub-capítulo remete ao processo do desenvolvimento do *coming out*. Apesar de terem enfrentado dificuldades desde as primeiras manifestações homoeróticas, seja no que se refere à auto-estima, seja no confronto com as diversas redes de sociabilidade ou mesmo na integração com o "meio", é possível vislumbrar, ao contrário do que sugere Pollak, vários indicativos do sucesso do processo de *coming out* do universo analisado.

Mesmo tendo vivido uma série de conflitos na fase do *coming out* e ainda sofrerem com esses conflitos, essas mulheres aprendem, cada vez mais, a lidar com a tensão das normas da sociedade heterossexual. Através das técnicas terapêuticas, ou de recursos próprios, exercitando o pensamento autocrítico sobre seus problemas, as questões referentes à "homossexualidade" vão sendo reelaboradas e a subjetividade reconstruída. Isto não significa que não enfrentem problemas principalmente com as famílias, em seus diversos graus de parentesco ou no ambiente de trabalho e de vizinhança, na trajetória no urbano, além de problemas na esfera da vida "a duas". Contudo, segundo os depoimentos, a totalidade dos problemas não as impede de ter uma vida homoerótica satisfatória. Vale ressaltar que a situação de entrevista relativiza os problemas enfrentados.

Todas as mulheres que estão vivendo parcerias se consideram comprometidas ou casadas, mesmo morando separadas. Assumem essa postura para si, para suas parceiras

e para a entrevistadora. No entanto, na maioria de suas relações sociais dificilmente se identificam como casadas, porque essa condição teria que ser explicada, o que lhes traria constrangimentos. Elas preferem se remeter ao estado civil anterior, ao envolvimento homoerótico. Assim, em diversas situações "formais" se identificam como solteiras, separadas, descasadas, divorciadas ou viúvas.

É preciso lembrar que o grau de sucesso do equilíbrio entre os desejos internos e as pressões externas é diferente para cada uma das mulheres entrevistadas. São diversos fatores atuando em um conjunto de forças, incluindo desde a habilidade psíquica individual para lidar com seus problemas, até os círculos sociais onde estão inseridas. Como foi indicado anteriormente, a entrevistada que é militante maneja com mais desembaraço a tensão das diversas forças da norma heterossexual, justamente pelo suporte que encontra no meio ativista, assim como outras mulheres, que mesmo não estando filiadas a grupos militantes, têm um nível de politização diante da visibilidade do homoerotismo que lhes facilita, relativamente, lidar com os problemas decorrentes da "opção" sexual.

As diferenças entre os resultados de Pollak e os meus podem residir em dois fatores aparentemente relacionados. O autor trabalhou com um segmento do universo homossexual masculino e seu artigo data de 1985. Para as mulheres que viveram o processo de *coming out* nas décadas passadas, é

possível que nem sempre este processo tenha sido elaborado com sucesso. Como as interpretações aqui sugeridas são representativas do universo estudado - com toda a gama de vivências que venho apontando no decorrer desta dissertação - ou daqueles universos que lhe são homólogos, é preciso relativizar esses resultados. Neste caso, as variações também podem estar presentes, dado as ações dos sujeitos. Portanto, é provável a existência de estilos de vida e de viver o *coming out* diversos, na amplitude do universo homoerótico feminino, que difiram do grau de positividade encontrados na amostra pesquisada. No grupo, o desenvolvimento do processo mostra uma postura de "assumir" o homoerotismo em sua forma positiva. São vários os fatores que contribuem para a vivência desta positividade.

No nível do discurso, por exemplo, o uso do termo "**opção**" pode ser interpretado como um recurso de linguagem construído a partir do passado heterossexual dessas mulheres. Esse passado serve de álibi para a "**opção**" de hoje. É como se falassem para si mesmas: Já fui casada, tenho filhos, hoje estou homossexual, é uma escolha. O caráter temporário, transitório, que o termo opção contém, ameniza o conflito e as coloca mais à vontade para construir positivamente esta nova subjetividade. O passado lhes dá a "prova da normalidade" (Muniz, 1992, pág. 168), prova necessária em uma sociedade que divide os sujeitos em "heterossexuais" e "homossexuais", conotando os últimos como anômalos. A subjetividade "precisa" ser construída de forma

positiva, porque ela luta diariamente com a norma, a heterossexualidade.

Na esfera social, reportando-me novamente ao trabalho de Costa (1992), o autor afirma que os movimentos de contracultura, dos anos 60 e 70, aceleraram a assunção da "homossexualidade" na sua forma positiva. Pondera, no entanto, que o lastro da História não impede que o "homossexual" se veja diante de uma dupla ordem de valores na elaboração de sua subjetividade. Uma baseada nas (...) "regras de satisfação do desejo" (...) (Costa, 1992, pág. 158) que impulsionam os indivíduos a realizarem suas singularidades sexuais. Outra, assentada nas crenças oitocentistas que marginalizam os "homossexuais" colocando-os no lugar de doentes. Estes dois sistemas de crenças que se sobrepõem seriam responsáveis por muitas desorientações e conflitos (Costa, 1992, pág. 158).

Na década de 80, como assinala o trabalho de Loyola (1991), houve uma série de mudanças que provavelmente trouxeram conseqüências para o campo da afetividade/sexualidade, como podem ter facilitado a positividade dos contatos homoeróticos. A pesquisa mostra um campo complexo de alterações sociais: a ampliação do mercado de trabalho para a mulher; modalidades diversas de coabitação, como alternativa ao modelo da família nuclear; reivindicações das mulheres por relacionamentos igualitários com os parceiros; uniões "livres", deslocando

progressivamente o casamento legalizado; a opção ou não pela gravidez, substituindo a imposição social de ter filhos; a autonomização da sexualidade, dando lugar ao direito do sexo pelo prazer; e o crescente número de mulheres que estaria optando por ter filhos a despeito da não-coabitação com os parceiros.

Observam-se, assim, alterações no sistema de reprodução "tradicional" e mudanças nas relações de gênero, cujas concepções de masculinidade e feminilidade sofrem transformações, abrindo espaços para novas formas de união e arranjos amorosos.

CONCLUSÕES

Nestas conclusões, mais do que elaborar uma síntese do trabalho, vou salientar os temas que mais se destacaram nas entrevistas.

Uma das principais questões que perpassam toda a dissertação refere-se a positividade. Essa noção foi construída a partir das falas das entrevistadas e aparece sob vários prismas: na estrutura dos relacionamentos entre as parceiras; nas redes de sociabilidade onde elas estão inseridas, à medida que não se sentem "outsiders"; na valorização do *ethos* feminino que se impõe na gramática corporal; na concepção não identitária com que tratam o homoerotismo: no processo de *coming out*. Esses aspectos estão intercalados nos temas discutidos nessas conclusões.

i. - O CARÁTER IDENTITÁRIO DA HOMOSSEXUALIDADE

O processo de *coming out*, foi vivido pela grande maioria das entrevistadas com relativo desembaraço, apesar desse desenvolvimento exigir constante elaboração, tendo em vista a necessidade da manipulação da tendência homoerótica nas redes sociais em que as mulheres se encontram inseridas. Um dos elementos que facilitou o processo do *coming out* reside

na postura positiva com a qual as mulheres lidaram com a tendência homoerótica. Não obstante algumas entrevistadas terem buscado "a verdade que as constituía" (Foucault, 1985) nos processos terapêuticos, não imputaram a essa "verdade" uma essência. Ou seja, a sexualidade homoerótica é considerada pelas entrevistadas como um aspecto da pessoa, e a maioria procura subtrair o fardo de definir suas condutas por uma identidade homoerótica.

Essa percepção é fundamental, porque ao desvincular a tendência sexual da identidade, procura-se romper com uma "tradição" da cultura gay, de um modo geral. Segundo Costa, depois dos trabalhos de Weeks e Kinsey, "(...) ficou razoavelmente demonstrado que não existe vínculo necessário entre *comportamento sexual e identidade sexual*" (Costa, 1992, pág. 153). "O comportamento pode fazer parte da identidade, mas a identidade não pode ser contida no comportamento" (Costa, 1992, pág. 153).

A fala de Jane reforça essa visão:

"(...) porque eu não acho que é só isso, eu acho impossível classificar uma pessoa assim, por homo ou por hetero, porque a sexualidade é um aspecto, mas não vai definir ninguém".

Ao colocar a sexualidade como uma parte da pessoa e não a definição da pessoa a partir da sexualidade, as entrevistadas lidam com o homoerotismo de forma positiva,

não considerando esta tendência como "(...) a face negativa da heterossexualidade" (Costa, 1992, pág. 157). Nesse exercício, tentam se libertar do caráter identitário dessa prática, além de desenvolveram positivamente outros lados de suas vidas. O importante para essas mulheres é serem reconhecidas e respeitadas por suas qualidades pessoais e por seus desempenhos profissionais, independente da "opção" sexual. Em várias entrevistas foi ressaltada a vontade de lidar com o homoerotismo com "abertura" sem, no entanto, se sentirem obrigadas a "levantar bandeira". Essa postura tem duas implicações: primeiro, uma conotação "política" de as mulheres não se identificarem a partir da "homossexualidade"; segundo, o interesse de serem discretas, em alguns segmentos das redes sociais onde estão inseridas, levando-se em consideração, que "(...) em Belo Horizonte todo mundo julga todo mundo". Duda.

Esse posicionamento de "não levantar bandeira" é um ponto interessante, porque além dos motivos expostos acima, esbarra na cobrança imposta por muitos grupos militantes da "obrigação" de seus membros de "assumir" a identidade gay. O "assumir-se" era uma das palavras de ordem dos grupos ativistas gays, no final da década de 70 e início dos anos 80, quando a maioria de seus membros cobrava de seus(suas) companheiros(as) esta postura (MacRae, 1990).

Essa questão percorre a história do movimento há quase duas décadas. O tema é delicado. Discutia-se a relação

hierárquica envolvendo as funções ativo e passivo. Ao rejeitar a relação de domínio de um(a) parceiro(a) sobre o(a) outro(a), tentavam-se mudanças para relações igualitárias, nas quais a prioridade era a orientação sexual. No que se refere à linguagem, entre alguns grupos militantes masculinos procurava-se substituir o conceito estigmatizante de "bicha" pelo termo "gay" ou "entendido". No caso das militantes, usava-se o termo "entendida" mas, muitas vezes, preferia-se a palavra lésbica.

No entanto, Fry adverte que na "luta pela hegemonia de um modelo sobre o outro" (Fry, 1982, pág. 106), buscando uma nova identidade do homossexual, restaurava-se a fixação dessa identidade, nascida no século XIX. Reforçavam-se os discursos médicos, a literatura, a prática de uma linguagem que, na busca da verdade do sujeito, constituiu a figura do homossexual. Faca de dois gumes, na luta pelo assumir-se, cristalizava-se a noção de identidade. E, como sugere MacRae (1990), há que se fazer a diferenciação entre valorizar a identidade *gay* e afirmá-la como única, para todo o universo homoerótico. Apesar da ressalva feita por Fry aos critérios empregados pelos grupos ativistas, o autor considera os movimentos homossexuais importantes, sobretudo por terem contribuído para maior visibilidade do tema, ampliando o debate para as universidades, jornais, televisão.

O que significa ser assumida? Na cultura *gay* é comum os sujeitos se classificarem a partir da díade assumidos e

enrustidos. Os enrustidos seriam aqueles que conseguiriam manipular a identidade homossexual durante certo período de suas vidas. A revelação ou descoberta da tendência gay seria mera questão de tempo. O enrustido, mais cedo ou mais tarde, seria "desmascarado".

Segundo Muniz, a enrustida é aquela que já está inscrita no meio gay, apesar de não ter confirmado ainda sua inscrição. Já a assumida é aquela que se encontra "(...) em plena conformidade" (Muniz, 1992, pág. 184) com o "meio". A autora reforça a idéia de que o termo assumida tem conotação elogiosa, em oposição ao sentido pejorativo de não resolvida que a palavra enrustida carrega (Muniz, 1992, pág. 184). Na cultura gay, os assumidos são sempre bem-vindos.

Todavia, na minha pesquisa, as poucas vezes em que ouvi referência ao assumir-se foram mais dirigidas ao relacionamento entre as parceiras do que à própria pessoa. Por outro lado, não ouvi alusão ao termo enrustida. Ouvi, sim, comentários surpresos do número crescente de mulheres se relacionando afetiva e sexualmente com outras mulheres.

"Cada vez mais as mulheres estão procurando as mulheres, você não imagina, gente que você nunca pensou. Antes, a gente é que não tinha essa percepção, mas na noite, nos quetos, é impressionante. Hoje em dia, não tem uma pessoa que você pode falar que não transa, só que as mulheres não se importam". Duda.

É possível que a despreocupação das entrevistadas com os rótulos assumida e enrustida resida no fato de não compartilharem da cultura gay como um todo, isto é, freqüentam mais socialmente do que "militantemente" os territórios de sociabilidade gay. Na verdade, muitas vezes a assumida, além de identificar-se com uma identidade homossexual, carrega também o peso da caricatura, que acaba criando a armadilha do rótulo. Como sugere Beauvoir: "A lésbica representa primeiramente o papel de homem; posteriormente ser lésbica já se torna um jogo; a fantasia transforma-se em libré e a mulher, a pretexto de subtrair-se à opressão do homem, faz-se escrava de seu personagem; não quis encerrar-se na situação de mulher, torna-se prisioneira da de lésbica (Beauvoir, 1949, pág. 163).

ii. - A NOÇÃO DE DOENÇA

Diálogo no ginecologista:

Fabiana: - "(...) Aí falei para o médico: - "Ultimamente namoro garotas... (ele levou um susto, queria me curar). Continuei: - Doutor Tadeu, deixa para me curar daqui uns seis meses, porque tô tão apaixonada, se você me curar vai arrebentar com tudo que tá acontecendo comigo agora".

Médico: - "Mas, você tão bonita... você não encontrou ainda um homem assim, assado...".

Fabiana: - "Aí eu disse: é verdade... (risos)".

Não apenas Fabiana mas várias outras entrevistadas evidenciaram a correspondência entre a homossexualidade e o código de doença, a partir de experiências com alguns médicos, e com o imaginário do "senso comum". Recorro mais uma vez à fala de Cíntia para reforçar essa imagem:

"As mulheres não estão precisando mais ficar travestizadas. Estamos nos misturando com as mulheres ditas normais. Porém, ainda existe muito preconceito, idéia de doença, tem que ir para a cadeia, tem que matar".

A correspondência entre homossexualidade e doença ou aberração existe desde as primeiras discussões sobre o tema, apesar dos ativistas europeus terem iniciado a luta por desestigmatizar essa relação já no século passado.

No Brasil, por exemplo, o "7o. Encontro Brasileiro de Homossexuais e Lésbicas" realizado em Cajamar, interior de São Paulo, no mês de setembro de 1993, indicou que 22% dos médicos vêem a homossexualidade como doença e 70,4% acreditam que a bissexualidade é uma aberração⁽⁷⁾.

Para compreender as origens dessas associações, Foucault analisou certas condições na História que possibilitaram o aparecimento e constituição dos saberes. Segundo o autor, "a vontade de saber" a sexualidade foi regida por uma política de regime de corpos, cujo processo estruturou a sexualidade

⁽⁷⁾ "Encontro em SP reúne ativistas gays de todo o país", in Folha de São Paulo, "Cotidiano", 07/09/93.

enquanto construto teórico. A década de 1870, quando foi publicado o artigo de Westfal sobre as "sensações sexuais contrárias"^(*), (Foucault, 1985, pág. 43), pode ser considerada fundante de uma época na qual a medicina, engendrada pelo dispositivo da sexualidade, passou a colher "confissões" de seus sujeitos, psiquiatrizando suas práticas sexuais. As categorias médica e psiquiátrica da homossexualidade constituíram-se "(...) menos como um tipo de relações sexuais do que como uma certa qualidade da sensibilidade sexual, uma certa maneira de inverter, em si mesmo, o masculino e o feminino. A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida da prática da sodomia para uma espécie de androginia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie" (Foucault, 1985, pág. 43).

A identidade homossexual teve em momentos históricos distintos diferentes representações, não isentas de objetivos e consequências políticas. Na passagem do século XIX para o XX, o médico Magnus Hirschfeld lutou para abolir o artigo 175 do Código Penal Alemão, que criminalizava o amor homoerótico. Sua visão atribuía um determinismo biológico à homossexualidade e serviu de arma política para salvaguardar os homossexuais da criminalização. A Associação Americana, por força dos movimentos ativistas iniciados na década de 60, não faz mais constar, desde 1974, a

^(*) Nota do Autor: Westphal, *Archiv für Neurologie*, 1870.

homossexualidade entre as perturbações mentais (mental disease). No Brasil, no que diz respeito à medicina, apenas em 1985, o Grupo Gay da Bahia (GGB) conseguiu eliminar a homossexualidade do código das doenças mentais.

Novamente, o "Coletivo de Feministas Lésbicas" trata a questão de maneira irônica:

É POSSÍVEL CURAR UMA LÉSBICA?

Claro! Depende da doença. Se a lésbica estiver com uma simples gripe, é muito fácil: aconselhamos chá de limão e cama. Outras doenças já são mais difíceis de curar...

A resposta a esta pergunta tem um caráter brincalhão porque a vivência lésbica NÃO É UMA DOENÇA. Se não é doença, não precisa de tratamento nem de cura.

Gostamos de usar a expressão vivência lésbica em vez de lesbianismo ou homossexualismo porque essas palavras dão idéia de doença^(*).

iii. - A VISIBILIDADE

É notável como, a partir do início da década de 90, o homoerotismo feminino ocupou a mídia americana, refletindo no Brasil de maneira mais esparsa, porém significativa, se pensarmos no silêncio maior que envolve essa prática entre nós. As entrevistadas mostraram-se entusiasmadas com uma série de matérias sobre o homoerotismo feminino, veiculadas em algumas revistas brasileiras.

(*) Texto retirado do folheto "Um pouco do que você gostaria de saber sobre as LÉSBICAS", editado em 1990, pelo Coletivo de Feministas Lésbicas de São Paulo.

Esse entusiasmo assenta-se no pensamento de que quanto maior a visibilidade do homoerotismo feminino, maior a possibilidade de "desestigmatização" desse estilo de vida. Afinal, em uma sociedade que privilegia a imagem, a visibilidade das relações afetivo-sexuais entre as mulheres pode significar maiores chances para o processo de "aceitação" das mesmas.

Todavia, pergunto-me até que ponto a visibilidade crescente das relações homoeróticas femininas veiculada pela mídia não significaria uma certa captura de um estilo de vida, que ao mesmo tempo que quer ser reconhecido, não quer perder o seu caráter singular? Esse argumento baseia-se na constatação de que, embora a maioria das mulheres entrevistadas não se sinta *outsider*, ficou evidente a satisfação de não estarem engajadas em um projeto de vida "convencional", um certo orgulho de viver a "diferença". Até que ponto, essa maior visibilidade não carrega muitas vezes consigo um modismo - como o termo *lesbian chic* exalta -, colocando em risco o sabor de um estilo de vida "diferente"? Diferença, nesse aspecto, sentida pelas entrevistadas de forma positiva.

"Tenho um círculo de relações amplo, tem as entendidas, as compreendidas: aquelas que não transam mas entendem, as caretas que imaginam até acham, somos motivo de fascínio, todo mundo quer saber...". Patrícia.

Mesmo que a difusão da imagem da *lesbian chic* pela mídia pretenda capturar um estilo de vida e vendê-lo, as mulheres ouvidas na fase complementar da pesquisa consideraram positiva a publicidade de uma imagem feminina da lésbica. Acreditam que essa imagem "venda" as "homossexuais" como mulheres bonitas, bem sucedidas e as retira do lugar de "párias". Permitiria igualmente às mulheres homoeróticas se espelharem em uma imagem que simboliza beleza e sucesso, podendo significar uma mudança na forma de ocupação de um espaço social. Serviria ainda para estimular a fantasia dos homens e atizar a fantasia das mulheres. Como?

"A fantasia de ficar livre dos homens, de escapar, de ficar livre daquilo que é bom, mas também é difícil, porque os relacionamentos são difíceis". Tânia.

Por outro lado, apesar da veiculação da imagem da *lesbian chic* ser vista como um fato positivo, ela não encobre a oportunidade que a mídia vislumbrou: atingir uma fatia rentável do mercado. À medida que as mulheres lésbicas estão no mercado de trabalho gerando e gerando seu próprio dinheiro, formam um público consumidor. Grande parte dos segmentos "homossexuais" não têm filhos, o que significa maior possibilidade de consumo. As mulheres saem às ruas, consomem e pagam. Assim, há uma observação crítica de algumas entrevistadas, percebendo na veiculação do homoerotismo feminino não uma condescendência ou fim do "preconceito", e sim uma forma de capturar um mercado

emergente. Afinal, como sugere Tânia: "(...) no mercado, a lei do mercado é que vale".

Tânia prossegue:

"Eu acho que as mulheres homo, as lésbicas assim como os homens homossexuais, nós estamos conquistando cidadania pela via do consumo, como é um fenômeno que aconteceu nos EUA. e vem acontecendo em vários lugares. Não porque te acreditam e aí te dão cidadania, você vira cidadão porque é consumidor".

Acresce a esses fatores que o alcance da mídia vai mais longe. Ao tentar recuperar a imagem da lésbica, colocando duas mulheres juntas em atitude sugestivamente erótica, a propaganda atinge, além do mercado homoerótico, o mercado heterossexual feminino e masculino^(*). O uso comercial do homoerotismo feminino desperta a curiosidade e alimenta fantasias em vários universos.

No entanto, existem outros sentidos atribuídos, por outros segmentos do universo homoerótico à visibilidade. Como registrado acima, uma das palavras de ordem dos grupos militantes homossexuais do início da década de 80 era "assumir-se". Hoje, quinze anos passados, um dos temas prioritariamente debatidos na "17a. Conferência Mundial de Lésbicas e Gays" foi a visibilidade. Grosso modo, essa palavra tomou lugar do "assumir-se", apesar da questão da

(*) Propaganda da *Du Loren*, que tem sido veiculada desde o início de 1995, nas revistas "Marie Claire", "Revista da Folha", entre outras.

visibilidade ser mais ampla, hoje, do que no início da década anterior. Atualmente, além do sentido de "conquistar espaço", essa atitude reflete, entre outras, a tentativa de um projeto de lei que viabilize o casamento entre homossexuais no Brasil, e o auxílio à prevenção da AIDS. Mas, entre os militantes, o primeiro passo para que essas intenções se concretizem é a busca da visibilidade individual e/ou coletiva da homossexualidade^(*).

iv. - UMA NOVA PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE? / REDEFININDO GÊNERO NO HOMOEROTISMO

Sem dúvida, uma das questões mais complexas desta dissertação é a que diz respeito ao surgimento de uma produção de uma nova subjetividade do homoerotismo feminino.

O relacionamento entre as parceiras guarda um certo romantismo do amor conjugal do século XIX, mesclado com algumas características de um modelo "moderno" de relações de gênero (Loyola, 1991). A ternura, o cuidado, a preocupação afetiva com o outro, a "estabilidade" das relações fazem parte da linguagem do ideal do amor romântico, enquanto o democratismo, a busca por relações simétricas e a negociação em todos os níveis do relacionamento são algumas das características do modelo "moderno" de coabitação.

^(*) "17th ANNUAL ILGA WORLD CONFERENCE 95" realizada no Rio de Janeiro, entre os dias 18 e 25 de junho de 1995. Aqui apenas menciono este tema, visto a dissertação estar concluída, quando participei do Congresso.

Além disso, as mulheres, vivendo em parceria homoerótica, precisam também criar códigos pessoais que as façam se reconhecer. Ou seja, há ao mesmo tempo uma redefinição dos códigos da "homossexualidade clássica", cuja marca é o modelo hierárquico (Fry e MacRae, 1983), e uma redefinição dos códigos originários das relações heterossexuais vividas com seus parceiros. Na busca de relações simétricas e trocas mútuas essas mulheres se aproximam bastante dos casais heterossexuais modernos (Loyola, 1991).

Ao ensaiar um novo modelo de namoro ou coabitação, com todas as características descritas ao longo desta dissertação, é possível que esteja se criando uma nova linguagem e uma nova subjetividade do homoerotismo feminino.

Mas esse é um campo de possibilidades, visto a emergência dessas relações ser recente, e por tratar-se de um universo específico. Pode ser precoce uma afirmação categórica. No entanto, ficaram bastante evidenciados, nas entrevistas, vários aspectos do grupo estudado apontando mudanças nas relações homoeróticas e recompondo-as do ponto de vista das concepções de gênero.

Ao nível da *performance* corporal é notável a afirmação da maioria dessas mulheres ao gênero feminino. Do gestual às roupas, a utilização de signos femininos compõe uma gramática corporal que, valorizando esse *ethos*, recodifica-o de maneira singular, à medida que nega a cópia do "modelo masculino" e também do "modelo feminino típico".

Como estas indicações de feminilidade das entrevistadas é um aspecto que chama a atenção, é possível fazer um paralelo aludido por Heilborn (1992), entre o processo de masculinização dos homossexuais masculinos que desde os anos 70, nega a caricaturização feminina e a constatação de que, em alguns universos de mulheres lésbicas, existiria igualmente uma forte tendência a recusar o paradigma da mulher masculinizada.

No âmbito da vida "a duas", sobressaem o estilo de vida mais igualitário, as incursões em parceria aos territórios de sociabilidade gay e o fato dessas mulheres estarem presentes - levando-se em conta a estratégia do jogo de identidade -, de forma mais harmônica, nas diversas redes de sociabilidade que frequentam: as relações de vizinhança, as relações de trabalho, o contato com seus familiares, a trajetória no urbano: ou seja, não estão segregadas da "sociedade", mesmo que estejam criando, como sugere Pollak (1987), uma "família ampliada".

Em meio à politização da sexualidade muitas militâncias ainda cobram uma identidade de seus membros. Esta identidade é cobrada nos de grupos de discussão, ou através do reconhecimento público da "homossexualidade". Neste trabalho descortinei diferenças circulando por identidades várias. Apesar de certamente não escapar das classificações, seja no "meio", seja do gênero, que se imprime nos gestos, corpos, e na vida a duas. É necessário lembrar igualmente que "(...) a

constituição de uma 'cultura de gênero', o campo simbólico em que as diferenças no domínio do 'feminino' e do 'masculino' são construídas e representadas, acontecem de um modo desigual, mutável, flexível e contraditório." (Maluf, 1992, pág. 194). E se há diferenças no domínio do masculino e do feminino, essas diferenças estão presentes igualmente entre os elementos do campo do feminino.

Outro aspecto importante a ser ressaltado, diz respeito a alguns trabalhos inspirados no modelo médico-biológico, justificando a homossexualidade feminina a partir de experiências negativas com o sexo oposto (Caprio, 1965). A maioria das entrevistadas não interpreta suas relações heterossexuais anteriores como frustrantes, traumáticas ou infelizes. Consideram "bons" esses relacionamentos, mas dizem estar mais "identificadas" com suas parceiras, quer afetivamente, quer sexualmente, nas relações atuais, apesar dos problemas que têm de enfrentar em função da tendência homoerótica.

APÊNDICE

QUADRO 1

GRUPO DE REFERÊNCIA

NOME ENTREVISTADA EM:

Carmem	1990
Ângela	1990
Lu	1990
Glória	1990
Bernadete	1990
Sônia	1990
Teresa	1990
Laura	1991
Cíntia	1991
Tânia	1991
Clarice	1991
Regina	1991
Mônica	1991
Simone	1991
Beti	1991
Júlia	1992
Renata	1992
Marina	1992
Sandra	1992
Fernanda	1992
Débora	1992
Patrícia	1992
Bia	1992
Flávia	1992
Duda	1992

GRUPO 2.

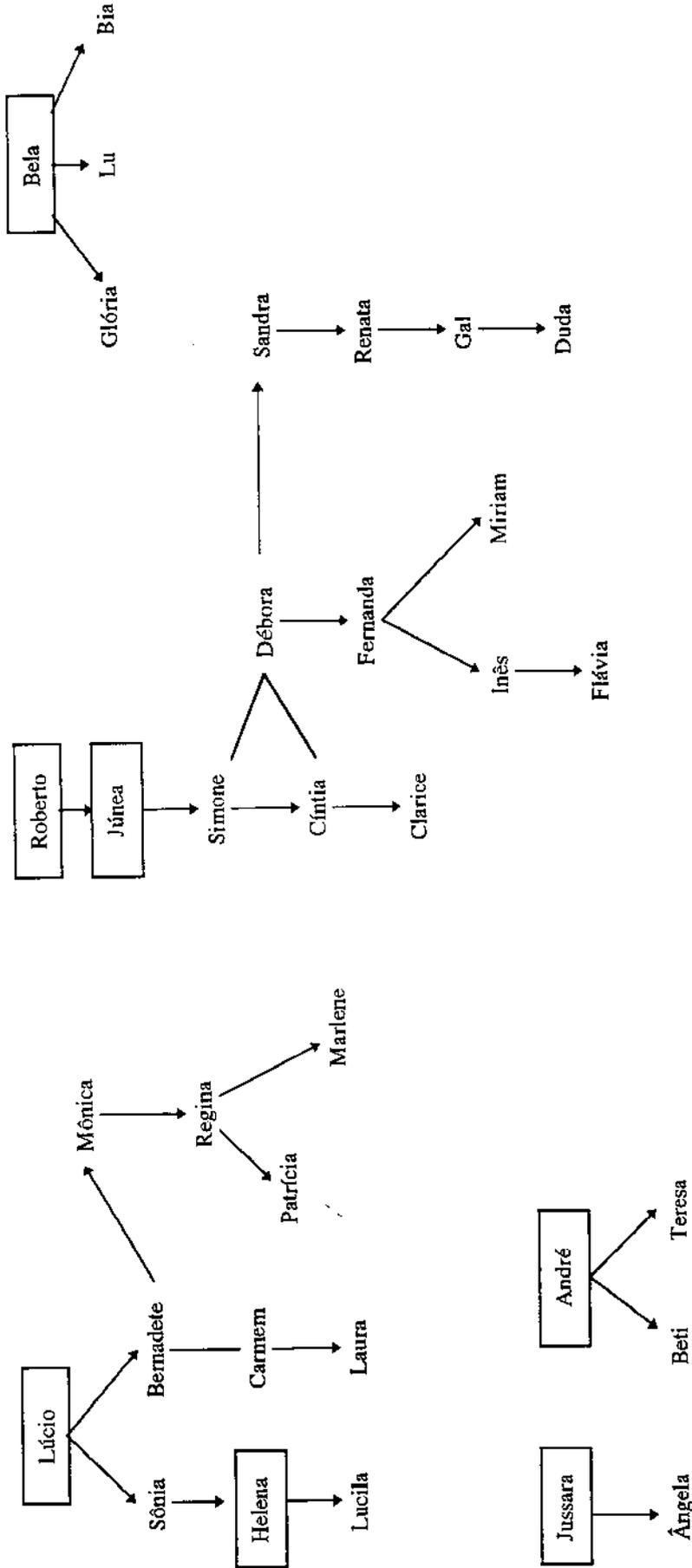
Lucila	1990
Gal	1992
Marlene	1992
Miriam	1992
Inês	1992
Taís	1992

ENTREVISTADA EM FEVEREIRO DE 1995: Solange.

ENTREVISTADAS EM FEVEREIRO DE 1995: Carmem, Bernadete,
Tânia, Clarice, Mônica e Marina.

Obs. As idades e profissões das entrevistadas foram omitidas intencionalmente, para evitar possíveis indentificações das mesmas.

QUADRO 2 - FORMAÇÃO DA REDE DE ENTREVISTADAS



OBS.: 1. Lúcio, Roberto, Bela, Jussara e André são as primeiras fontes; Helena e Roberto são fontes intermediárias.
 2. Tânia e Marina foram procuradas diretamente pela pesquisadora.

QUADRO 3

COM QUEM MORAM

GRUPO DE REFERÊNCIA

NOME	ANO/REF.
------	----------

C/ A PARCEIRA

Carmem Laura	1991
Cíntia Simone	1991
Sandra Débora	1992
Marina	1992

C/ OS FILHOS

Ângela	1990
Duda	1992
Fernanda	1992

C/ A FAMÍLIA

Glória	1990
Lu	1990
Bernadete	1990
Júlia	1992
Renata	1992
Patrícia	1992

C/ IRMÃO/A;PRIMO/A

Sônia	1990
Regina	1991
Flávia	1992

C/ AMIGO/A

Tânia	1991
-------	------

NOME	ANO/REF.
------	----------

MORAM SOZINHAS

Teresa	1990
Mônica	1991
Clarice	1991
Miriam	1991
Bia	1992

Obs. No momento da segunda entrevista Marina estava morando com o filho.

GRUPO 2

NOME	ANO/REF.
------	----------

C/ A PARCEIRA

Miriam	
Inês	1992

C/ A FAMÍLIA

Marlene	1992
Taís	1992

C/ A MÃE E FILHO

Lucila	1990
--------	------

MORAM SOZINHAS

Gal	1992
-----	------

QUADRO 4
RELAÇÕES ATUAIS

GRUPO DE REFERÊNCIA			
NOME	TEMPO	MESMA CASA	ANO/ENTREV.
Carmem Laura	9 anos	1 ano	1991
Cíntia Simone	3 anos	6 meses	1991
Sandra Débora	7 anos	6 anos	1992
Marina	8 meses	8 meses	1992

Ângela	8 meses	Não	1990
Lu	7 meses	Não	1990
Bernadete	1 ano	Não	1990
Teresa	1 ano	Não	1990
Mônica	1 ano	Não	1991
Júlia	1 ano	Não	1992
Renata	5 meses	Não	1992
Patrícia	5 meses	Não	1992
Duda	8 meses	Não	1992

Tânia	1 ano, 4 m.	Outra cidade	1991
Regina	2 anos	Outra cidade	1991
Beti	2 anos	Outra cidade	1991

Glória			1990
Sônia			1990
Clarice			1991
Flávia			1992
Bia			1992
Fernanda			1992

GRUPO 2

Miriam			
Inês	3 anos	6 meses	1992

Gal	4 meses	Não	1992
Marlene	3 anos	Não	1992
Taís	5 anos	Não	1992
Lucila			1990

Obs:

1) São parceiras: Carmem e Laura; Bernadete e Mônica; Cíntia e Simone; Sandra e Débora; Renata e Gal (Gal é do "Grupo 2").

2) São ex-parceiras: Júlia e Marina; Cíntia e Clarice.

3) Vários namoros com mulheres (de meses até dois anos - no momento da entrevista não estavam namorando): Glória, Sônia, Flávia, Clarice, Bia.

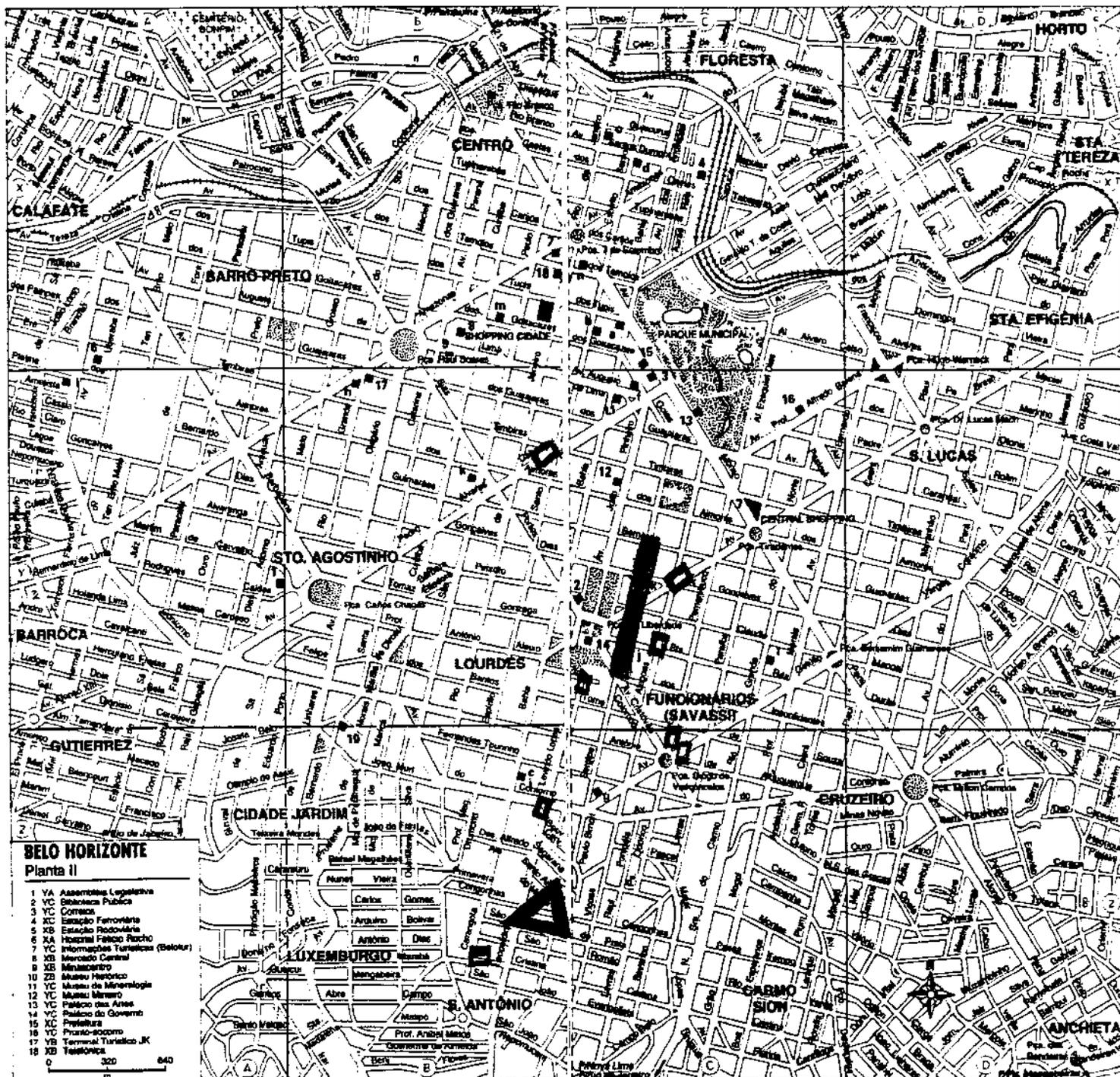
4) Vários namoros com mulheres (no momento da entrevista estava namorando um rapaz): Fernanda.

5) Relacionamento afetivo intenso de 3 anos com uma mulher (moravam na mesma casa mas não mantinham contato sexual): Lucila.

MAPA DE BELO HORIZONTE

Belo Horizonte

Belo Horizonte



Principal Rua da "Lama"
 "Bar do Lulú" e Adjacentes
 Bares Entendidos

BIBLIOGRAFIA

ALTHABE, Gérard. Ethnologie Urbaine: problematique (notas de curso), Paris, xerox (gentileza de Kofes, Suely), 1978.

AQUINO, Luis Octávio Rodrigues. Discurso Lésbico e construções de gênero in BRITO, Maria Noemi e FONSECA, Cláudia (coord.) Horizontes Antropológicos - Gênero, Porto Alegre, Ano 1, No. 1, 1995.

ARGUELLES, Lourdes and Rich, B. Ruby. Homosexuality, Homophobia, and Revolution: Notes toward an understanding of the Cuban Lesbian and Gay Male Experience. Part II, in The Lesbian Issue, Essays from SIGNS, Chicago and London, The University of Chicago Press, 1985, Volume 11, Number 1.

ARIÉS, Philippe. Reflexões sobre a História da Homossexualidade in Ariés, Philippe e Béjin, André (orgs.) Sexualidades Ocidentais. São Paulo, Brasiliense, 1987.

ARIÉS, Philippe. O Amor no Casamento in Ariés, Philippe e Béjin, André (orgs.) Sexualidades Ocidentais. São Paulo, Brasiliense, 1987.

ARIÉS, Philippe. O Amor Indissolúvel in Ariés, Philippe e Béjin, André (orgs.) Sexualidades Ocidentais. São Paulo, Brasiliense, 1987.

BATAILLE, George. O Erotismo. São Paulo, L e PM, 1987.

BATAILLE, George. A Parte Maldita. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

BEAUVOIR, Simone. O Segundo Sexo - Fatos e Mitos - São Paulo, Difusão Européia do Livro, 3a. edição. S.D.

BEAUVOIR, Simone. O Segundo Sexo - A Experiência Vivida. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

BÉJIN, André. O Casamento Extra Conjugal dos Dias de Hoje in Ariés, Philippe e Béjin, André (orgs.) Sexualidades Ocidentais. São Paulo, Brasiliense, 1987.

BÉJIN, André. Crepúsculos dos Psicanalistas, Manhã dos Sexólogos in Ariés, Philippe e Béjin, André (orgs.) Sexualidades Ocidentais. São Paulo, Brasiliense, 1987.

BÉJIN, André. O Poder dos Sexólogos e a Democracia Sexual in Ariés, Philippe e Béjin, André (orgs.) Sexualidades Ocidentais. São Paulo, Brasiliense, 1987.

BELLINI, Ligia. A Coisa Obscura - Mulher, Sodomia e Inquisição no Brasil Colonial. São Paulo, Brasiliense, 1987.

BEZERRA JR, Benilton. As Fontes da Sexualidade Freudiana in Carrara, Sérgio (coord.) CADERNOS DO IMS, Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social/UERJ, vol.II, No. 3 AGO/SET, 1988.

BIRMAN, Joel. Sobre a Paixão in Carrara, Sérgio (coord.) CADERNOS DO IMS, Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social/UERJ, vol.II, No. 3, AGO/SET, 1988.

BRAGA-PINTO, César. "Lésbicas Brigam por Visibilidade" in *Folha de São Paulo*, São Paulo, "Mais", 20.02.94.

BROWN, Judith C. Atos Impuros - A Vida de uma Freira Lésbica na Itália da Renascença. São Paulo, Brasiliense, 1986.

CAPRIO, Frank. Homossexualidade Feminina. São Paulo, Ibrasa, 1968.

CARDOSO, Ruth (org.). A Aventura Antropológica - Teoria e Pesquisa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

CARNEIRO Da Cunha, Maria Manuela. Sobre Definições Sexuais e Classificações: A Retórica do Universo Homossexual. Campinas, mimeo, 1974.

CARVALHO, Tamara. Vapores do Desejo - Introdução ao Estudo de uma Sauna "Gay/Michê" in Belo Horizonte, M.G. Trabalho escrito para o concurso de Mestrado em Antropologia Social, IFCH/UNICAMP, Campinas, mimeo, 1989.

CARVALHO, Tamara. "Hippie de Ayer, Yuppie de Hoy - Disciplinamiento Sexual y Canon Corporal" in "Nueva Sociedad". Caracas, Venezuela, no. 109, meses setembro/outubro de 1990.

CASTELLO BRANCO, Lúcia. O que é Erotismo. São Paulo, Brasiliense, 1987.

CORRÊA, Mariza. Cara, Cor e Corpo. Campinas, mimeo, 1980.

COSTA, Jurandir Freire. A Inocência e o Vício - Estudos Sobre o Homoerotismo. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1992.

COSTA, Cláudia Lima. O Leito de Procusto: Gênero, Linguagem e as Teorias Feministas in ALGRANTI, Leila Mezan (coord.) Cadernos Pagu - Sedução, Tradição, Trans gressão Campinas, IFCH/UNICAMP, (2) 1994.

CHAUÍ, Marilena. Repressão Sexual - essa nossa (des)conhecida. São Paulo, Brasiliense, 1988.

CHAUÍ, Marilena. Laços do Desejo in Novaes, Adauto (org.) O Desejo. Rio de Janeiro, Cia. das Letras, 1990.

DANIEL, Herbert e **MICCOLIS**, Leila. Jacarés e Lobisomens - Dois Ensaios Sobre a Homossexualidade. Rio de Janeiro, Achiamé, 1983.

DELEUZE, Gilles e **GUATTARI**, Felix. 1983 - Micropolítica e Segmentariedade in Capitalismo e Esquizofrenia. Mil Platôs. Campinas, mimeo, 1983.

DUARTE, Dias. A Psychopathia Sexualis de Krafft Ebing ou O Progresso Moral pela Ciência das Perversões in Carrara, Sérgio (coord.) CADERNOS DO IMS. Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social/UERJ, 1988.

ECO, Umberto. Como se Faz uma Tese. São Paulo, Perspectiva, 1977.

FERNANDES, Bob. "Monstro da Intolerância Voltou, diz Saramago" in Folha de São Paulo, "Ilustrada", São Paulo. 12. 01. 94.

FONSECA, Cláudia. Honra, Humor e Relações de Gênero: Um Estudo de Caso in COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina (Orgs.) Uma Questão de Gênero. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1992.

FONTES, Joaquim Brasil. Imagens de Safo in ALGRANTI, Leila Mezan (coord.) Cadernos Pagu - Sedução, Tradição, Transgressão Campinas, IFCH/UNICAMP, (2) 1994.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade - A Vontade de Saber. V. 1. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade - O Uso dos Prazeres. V. 2. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro, Graal, 1986.

FOUCAULT, Michel. O Combate da Castidade in ARIËS, Philippe e BÉJIN, André (orgs.) Sexualidades Ocidentais. São Paulo, Brasiliense, 1987.

FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro, Forense, 1987.

FOX, Robin. As Condições da Evolução Sexual in ARIËS, Philippe e BÉJIN André (orgs.) Sexualidades Ocidentais. São Paulo, Brasiliense, 1987.

FRANCHETO, Bruna; **CAVALCANTI**, Maria Laura V.C.; **HEILBORN**, Maria Luiza. Antropologia e Feminismo in Perspectivas Antropológicas da Mulher, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1980.

FREUD, Sigmund. A Psicogênese de um Caso de Homossexualismo numa Mulher in Obras Completas, Col. Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 1969.

FREUD, Sigmund. Três Ensaios sobre a Sexualidade in Obras Completas, Col. Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 1969.

FRY, Peter. Identidade e Política na Cultura Brasileira in Para Inglês Ver, Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

FRY, Peter. "Ser ou não Ser Homossexual eis a Questão" in Folha de São Paulo, Suplemento "Folhetim", São Paulo, 10/01/82.

FRY, Peter. Leonie, Pombinha, Amaro e Aleixo: Prostituição, Homossexualidade e Raça em Dois Romances Naturalistas in Caminhos Cruzados. São Paulo, Brasiliense, 1982.

FRY, Peter. Febrônio Índio do Brasil: Onde Cruzam a Psiquiatria, a Profecia, a Homossexualidade e a Lei in Caminhos Cruzados. São Paulo, Brasiliense, 1982.

FRY, Peter e MAC RAE, Edward. O que é Homossexualidade. São Paulo, Brasiliense, 1984.

GIDE, André. Corydon - Tratado de Homossexualismo. Rio de Janeiro, Record, 1969.

GIDDENS, Anthony. A Transformação da Intimidade - Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas. São Paulo, Unesp, 1992.

GOFFMAN, Irving. Estigma. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

GRIER, Barbara e REID, Coletta. Lesbian Lives. Baltimore, Diana, 1976.

GREGORI, Maria Filomena. Violência Contra a Mulher: a prática do SOS MULHER (SP), queixas e cenas. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1988.

GOLDENBERG, Mirian. A Outra - Um Estudo Antropológico sobre a Identidade da Amante do Homem Casado. Rio de Janeiro, Revan, 1990.

GUATTARI, Félix. Revolução Molecular: Pulsações Políticas do Desejo. São Paulo, Brasiliense, 1981.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. Micropolítica - Cartografias do Desejo. Rio de Janeiro, Vozes, 1986.

GUIMARÃES, Carmen Dora. O Homossexual Visto por Entendidos. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, mimeo, 1977.

GUIMARÃES, Carmen Dora. Michel Foucault: Armadilhas para Repensar in Carrara, Sérgio (coord.) CADERNOS DO IMS. Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social/UERJ, vol. 2, no. 3, 1988.

GUIMARÃES, Hélio. "Sexo Ambíguo Vira Cult da Indústria Cultural" in Folha de São Paulo, São Paulo, "Ilustrada", 25.03.93.

HART, J. e RICHARDSON, D. Teoria e Prática da Homossexualidade. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

HEILBORN, Maria Luiza. No Reino Estatístico do Sexo: Uma Leitura do "Relatório Kinsey" in Carrara, Sérgio (coord.) CADERNOS DO IMS, Vol.2, no.3, Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social/UERJ, agosto/setembro, 1988.

HEILBORN, Maria Luiza. Vida a Dois: Conjugalidade Iguitária e Identidade Sexual. Anais do VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Brasília, outubro, 1992. São Paulo: Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Mulher-Saúde, 1992, vol. 2.

HEILBORN, Maria Luiza. Fazendo Gênero? A Antropologia da Mulher no Brasil in COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina (Orgs.) Uma Questão de Gênero. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1992.

HEILBORN, Maria Luiza. Dois é Par - Conjugalidade, Gênero e Identidade Sexual em Contexto Igualitário. Tese de Doutorado Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, mimeo, 1992.

HERZER. A Queda Para O Alto. Petrópolis, Vozes, 1991.

HITE, Shere. O Lesbianismo in O Relatório Hite. Difel, São Paulo, 1981.

HOCQUENHEN, Guy. A Contestação Homossexual. São Paulo, Brasiliense, 1980.

IRIGARAY, Luce. "And The One Doesn't Stir Without The Other" in Journal of Women in Culture and Society, Essais from Signs. University Chicago Press, 1981, v. 7, n. 1.

KOFES, Suely. E Sobre o Corpo, Não é o Próprio Corpo que Fala? Ou o Discurso Desse Corpo Sobre o qual se Fala in BRUHNS, Heloisa T. (org.) Conversando Sobre o Corpo. Campinas, Papirus, 1985.

KOFES, Suely. Categorias Analítica e Empírica: Gênero e Mulher: Disjunções, Conjunções e Mediações in Cadernos Paqu - De Trajetórias e Sentimentos. Campinas, IFCH/UNICAMP, 1993, no. 1.

LABAKI, Amir. "Indefinições de Todo Tipo Dominam o Cinema" in Folha de São Paulo, São Paulo, "Ilustrada", 25.03.93.

LAFONT, Hubert. As Turmas de Jovens in ARIÉS, Philippe e BÉJIN, André (orgs.) Sexualidades Ocidentais. São Paulo, Brasiliense, 1987.

LAPLANCHE, J. PONTALIS, J. B. Vocabulário da Psicanálise. Portugal, Moraes Editores, 1977.

LEMS, Antonina. "Quero falar uma coisa: sou homossexual", in Folha de São Paulo, "Folhateen", 07.08.95.

LEYLAND, Wiston (org.). Sexualidade e Criação Literária - As entrevistas do Gay Sunshine. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.

LIMA, Delcio Monteiro. Os Homoeróticos. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983.

LOYOLA, Maria Andréa. Homogamia, Representações e Expectativas em torno do Amor, do Casamento e Reprodução Social. Relatório apresentado no VI Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Olinda, outubro, 1988.

LOYOLA, Maria Andréa. Sexualidade e Reprodução - Relatório de Pesquisa/ Núcleo de Estudos Populacionais (NEPO), UNICAMP, Campinas, mimeo, 1990.

LOYOLA, Maria Andréa. Sexualidade e Formas de União dos Sexos. Texto escrito a partir de "Homogamia, Representações e Expectativas em torno do Amor, do Casamento e Reprodução Social" Campinas, mimeo, 1991.

LYNDESAY, James. Heterossexualidade: Perversão ou Doença in Lampião, ano 2, no. 24, 1980.

MACHADO, Roberto. Ciência e Saber - A Trajetória da Arqueologia de Foucault. Rio de Janeiro, Graal, 1988.

MACRAE, Edward. (compilação). Foucault fala sobre a homossexualidade. S.D., mimeo.

MACRAE, Edward. Os Respeitáveis Militantes e as Bichas Loucas in Caminhos Cruzados, São Paulo, Brasiliense, 1982.

MACRAE, Edward. O Militante Homossexual no Brasil da "Abertura", projeto de Tese de Doutorado em Antropologia, USP, São Paulo, 1982.

MACRAE, Edward. Afirmção da Identidade Homossexual: seus Perigos e sua Importância in Tronca, Italo (org.) Foucault Vivo. Campinas, Pontes, 1987.

MACRAE, Edward. A Construção da Igualdade - Identidade Sexual e Política no Brasil da "Abertura". Editora da Unicamp, Campinas, 1990.

MAFFESOLI, Michel. A Sombra de Dionísio - Contribuição a uma Sociologia da Orgia. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

MALUF, Sônia W. "Genero, poder feminino e narrativas de bruxaria". In COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina (Orgs.). Entre a Virtude e o Pecado. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos; São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1992.

MANTEGA, Guido (org.) Sexo e Poder. São Paulo, Brasiliense, 1979.

MASSI, Marina. Vida de Mulheres - Cotidiano e Imaginário. Rio de Janeiro, Imago, 1992.

MAUSS, Marcel. As Técnicas Corporais in Sociologia e Antropologia, São Paulo, EPU-EDUSP, 1974. v. 2.

MEZAN, Renato. O Estranho Caso de José Matias in Novaes, Adauto (org.) O Desejo. Rio de Janeiro, Cia. das Letras, 1990.

MEZAN, Renato. Desejo e Inveja in Berlinck, Manoel T. (org.) O Desejo na Psicanálise. Campinas, Papirus, 1985.

MIGLIACCIO, Marcelo. "Globo Muda Final Gay de 'Deus nos Acuda'" in Folha de São Paulo, São Paulo, "Ilustrada", 22.03.93.

MOTT, Luiz. Dez Viados em Questão: Tipologia dos Homossexuais da Cidade de Salvador - Bahia. Comunicação apresentada na 13a. Reunião da Associação Brasileira de Antropologia. São Paulo, mimeo, 1982.

MOTT, Luiz. Escravidão e Homossexualidade in Vainfas, Ronaldo. História e Sexualidade no Brasil. Rio de Janeiro, Graal, 1986.

MOTT, Luiz. O Lesbianismo no Brasil. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987.

MUNIZ, Jacqueline de Oliveira. Mulher Com Mulher Dá Jacaré - Uma Abordagem Antropológica Da Homossexualidade Feminina. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 1992.

MURARO, Rose Marie. Sexualidade da Mulher Brasileira - Corpo e Classe Social no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1983.

MURARO, Rose Marie. Os Seis Meses Em Que Fui Homem. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1991.

O'BIREN, Sharon. The Thing not Named; Willa Carther as a Lesbian Writer in The Lesbian Issue. Essays From Signs, Chicago and London, The university of Chicago Press, 1985.

OLIVEN, Ruben. Por uma Antropologia em Cidades Brasileiras in Velho, Gilberto, (org.) O Desafio Urbano. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.

PALOMINO, Erika. "Anos 90 trazem 'lesbian chics'" in Folha de São Paulo, São Paulo, "Ilustrada", 07.08.93.

PARK, Robert E. A Cidade: Sugestões para a Investigação do Comportamento Social no Meio Urbano in Velho, Gilberto, (org.) O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.

PARKER, Richard. "Masculinity, Feminity and Homosexuality" The Antropological Interpretation of Sexual Meanings in Brasil in Journal of Homosexuality, no. 3/4, 1985.

PARKER, Richard. Corpos, Prazeres e Paixões - A Cultura Sexual no Brasil Contemporâneo. São Paulo, Best Seller, 1991.

PERLONGHER, Nestor. A Tipologia das Homossexualidades numa Pesquisa Social - Comunicação apresentada no V Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, em Águas de São Pedro in Carrara, Sérgio (coord.) CADERNOS DO IMS, Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social/UERJ, vol II, no. 3, 1988.

PERLONGHER, Nestor. Resumo de: Réseau, Quartier et Communauté, por Barry Wellman e Barry Leighton in Espaces e Societés, nos. 38/39, Paris, 1981, Campinas, mimeo, 1981.

PERLONGHER, Nestor. "Os Devires Minoritários" in Folha de São Paulo, São Paulo, Junho, 1986.

PERLONGHER, Nestor. O Negócio do Michê - Prostituição Viril em São Paulo. Brasiliense, 1987.

PERLONGHER, Nestor. O Michê é Homossexual, ou A Política da Identidade in Tronca, Italo (org.) Foucault Vivo. Campinas, Pontes, 1987.

PERLONGHER, Nestor. O Que é AIDS - Coleção Primeiros Passos, no. 197, São Paulo, Brasiliense, 1987.

PERLONGHER, Nestor. Desvio e Identidade: Roteiro para uma Abordagem Crítica. Projeto: Diferença e Identidade in Kofes, Suely (coord.) Unicamp, Campinas, mimeo, 1988.

PISCITELLI, Adriana G. Tradição Oral, Memória e Gênero: Um Comentário Metodológico in Cadernos Paqu - De Trajetórias e Sentimentos. Campinas, IFCH/UNICAMP, 1993, no. 1.

POLLAK, Michel. A Homossexualidade Masculina ou: a Felicidade no Ghetto? in ARIEËS, Philippe e BÉJIN, André (orgs.) Sexualidades Ocidentais, São Paulo, Brasiliense, 1987.

POLLAK, Michel; SCHILTZ, M.A. e LAURINDO, L. Os Homossexuais Frente a Epidemia da AIDS in Carrara, Sérgio (coord.) CADERNOS DO IMS, Vol. I, no. 3, p. 4 - 30, Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social/UERJ, julho/agosto, 1987.

PORTINARI, Denise. O Discurso da Homossexualidade Feminina. São Paulo, Brasiliense, 1989.

RAGO, Luzia Margareth. Os Prazeres da Noite - Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo (1890-1930). Tese de Doutorado. Departamento de História do IFCH/UNICAMP, Campinas, mimeo, 1990.

- RODRIGUES, José Carlos.** Tabu do Corpo. Rio de Janeiro, Achiamé, 1975.
- ROLNIK, Suely.** Cartografia Sentimental da América - Produção do Desejo na Era da Cultura Industrial. Tese de Doutorado. PUC/São Paulo, 1987, mimeo.
- SABINO, Mario.** "Prazer Camaleão" in 'Comportamento', Isto É, no. 1184, 10.06.92.
- SALEM, Tania.** A Família em Cena: Uma Leitura Antropológica da Dramaturgia de Nelson Rodrigues in Carrara, Sérgio (coord.) CADERNOS DO IMS, Vol.2, no.3, Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social/UERJ, agosto/setembro, 1988.
- SARDENBERG, Cecília M. B.** Repensando Sexo e Gênero a partir da Sócio-Antropologia da Menstruação. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho, "Gênero, Sexo e Mulher", Encontro Nacional, Enfoques Feministas e as Tradições Disciplinares nas Ciências e na Academia; Desafios e Perspectivas, Niterói, Rio de Janeiro, 16 a 19 de agosto de 1994.
- STRATHERN, Marilyn.** The gender of the gift. University of California Press, Berkeley, Los Angeles, 1988.
- SELL, Teresa Adada.** Identidade Homossexual e Normas Sociais - Histórias de Vida. Florianópolis, Editora da UFSC, 1987.
- SENNET, Richard.** O Declínio do Homem Público - As Tiraniás da Intimidade. São Paulo, Cia. das Letras, 1989.
- TREVISAN, João Silvério.** Devassos no Paraíso - A Homossexualidade no Brasil, da Colônia à Atualidade - São Paulo, Max Limonad, 1986.
- TSUI, Kitty.** Breaking Silence, Making Waves and Loving Ourselves - The Politics of Coming Out and Coming Home in Allen Jeffner (edited) Lesbian Philosophies and Cultures. New York, State University of New York Press, 1990.
- TUCHMAN, Barbara W.** A Prática da História. Rio de Janeiro, José Olympio, 1991.
- VAINFAS, Ronaldo.** Trópico dos Pecados - Moral, Sexualidade e Inquisição no Brasil. Rio de Janeiro, Campus, 1989.
- VEYNE, Paul.** A Homossexualidade em Roma in ARIÉS, Philippe e BÉJIN, André (orgs.) Sexualidades Ocidentais, São Paulo, Brasiliense, 1987.
- WENZEL, V. Hélène.** Introduction to Luce Irigaray's "And the One Doesn't Stir Without the Other in Journal of Women in Culture and Society, Essais from Signs. University Chicago Press, 1981, v. 7, n. 1.